

A Criança e a Música

Viagens entre o Estágio Pedagógico e as Vivências Musicais da Ilha Graciosa

Relatório de Estágio

Patrícia da Cunha Silva

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico**



A Criança e a Música

Viagens entre o Estágio Pedagógico e as Vivências Musicais da Ilha Graciosa

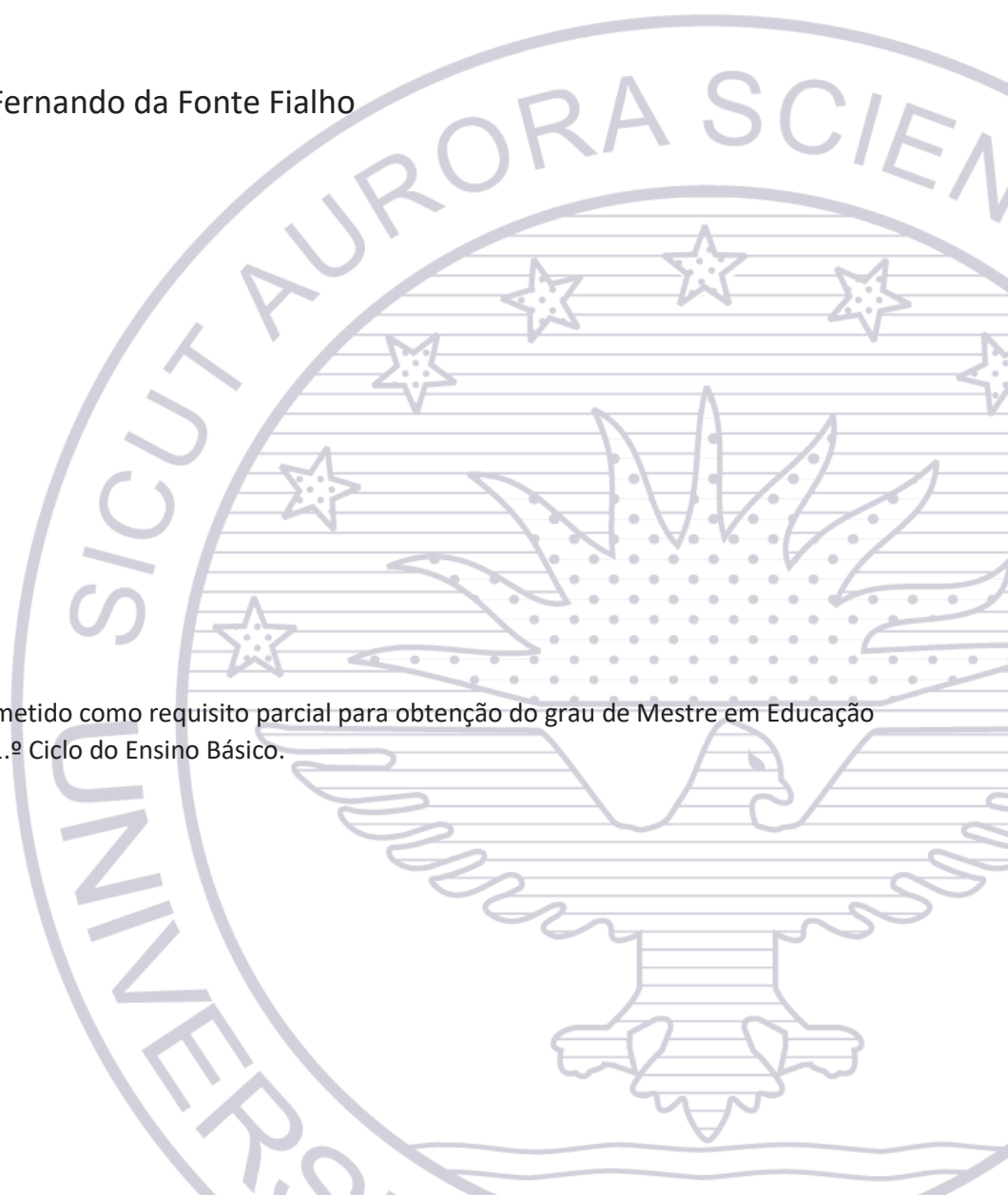
Relatório de Estágio

Patrícia da Cunha Silva

Orientador

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



*“A Música é uma língua
que pode ser aprendida
como as crianças aprendem
qualquer língua:
ouvindo e imitando”.*

Shinishi Suzuki

Agradecimentos

Recordo o dia em que saí da minha tão graciosa terra, com lágrimas nos olhos e o coração apertadinho, por deixar a minha família, a minha casa, e por saber que aquela seria uma etapa difícil de conquistar. Hoje, sinto-me de coração cheio e com um sorriso na cara por, ao fim de cinco anos, regressar a casa com uma enorme bagagem.

Chegou a altura de agradecer a todos aqueles que fizeram parte deste longo percurso, tão perto, mas tão distante.

O meu mais sincero obrigada aos meus pais, que nunca me deixaram desistir do meu sonho em momento algum, pelo seu apoio, pelas suas palavras e gestos reconfortantes, pelos esforços inimagináveis que fizeram para que “nunca faltasse nada”. Acima de tudo, agradeço-lhes por ser quem sou.

Ao meu irmão que, mesmo longe, me apoiou, me ajudou e aconselhou em todas as contrariedades da vida. Acima de tudo, por acreditar que seria capaz de concluir este percurso. Agradeço-te do fundo do meu coração.

Agradeço também ao meu namorado Samuel, que sempre me apoiou, em todos os momentos, e me ajudou em tudo o que precisei. Obrigada pela paciência que tiveste e pelo carinho que me deste. Obrigada por teres feito parte desta grande viagem.

Agradeço àqueles que me acolheram de braços abertos quando entrei na Universidade do Açores, pelo apoio, pelos choros e pelas risadas, que fizeram com que me sentisse em casa e amenizasse a ausência dos meus.

Aos meus pares pedagógicos, o meu obrigada pelo companheirismo e apoio, em todos os momentos das nossas práticas.

Um obrigada às educadoras e professoras cooperantes por todo o carinho e por todos os conselhos e ensinamentos que nos transmitiram.

Ao Prof. Doutor Adolfo Fialho, por ter aceite entrar nesta viagem, acompanhada de boa disposição, brincadeiras, dedicação e paciência.

A todas as crianças que se cruzaram neste meu caminho, que me fizeram acreditar que é possível e que me proporcionaram grandes aprendizagens e recordações.

O meu muito obrigada a todos!

Resumo

Este Relatório tem como propósito central apresentar, analisar e refletir sobre a ação educativa desenvolvida no âmbito dos Estágios Pedagógicos, no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, integrados no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Universidade dos Açores.

Paralelamente à nossa reflexão em torno da globalidade das ações desenvolvidas nos nossos estágios, entendemos aprofundar um tema de forma particular, considerando aquele que defendemos ser o potencial da Música no desenvolvimento da criança. Neste sentido, intitulamos o nosso trabalho de *“A Criança e a Música - Viagens entre o Estágio Pedagógico e as vivências musicais da Ilha Graciosa”*.

Neste sentido, para além de darmos a conhecer todo o trabalho realizado no decurso dos nossos Estágios, apresentamos ainda os contornos de uma viagem que fizemos à nossa infância, ao gosto especial que sempre tivemos pela Música e à forma como ela é aprendida nos contextos formais e não formais da ilha que nos viu nascer.

Para cumprirmos tais propósitos, para além da análise que fazemos à nossa ação educativa, recorreremos ao inquérito por questionário e à entrevista para recolher as informações e conceções pretendidas. Foram questionados todos os Educadores e Professores do 1.º Ciclo titulares da Ilha Graciosa, bem como alguns professores de apoio educativo e ligados à lecionação da Música, num total de 23. Inquirimos igualmente os responsáveis por instituições ligadas ao ensino não formal desta área, sendo que obtivemos respostas dos responsáveis, da Academia Musical, bem como de todas as Bandas Filarmónicas da Ilha, num total de 5 instituições. Depois de analisados os questionários, entrevistámos um Educador, um Professor e um responsável por uma das entidades em causa, por forma a aprofundarmos alguns dos contextos em análise.

Concluimos que a Música é uma área de Expressão com inúmeras potencialidades no desenvolvimento integral das crianças, pelo que deve ser explorada desde cedo, convocando experiências de aprendizagem relevantes e significativas, que sejam adequadas aos vários contextos em que a mesma se desenvolve, aspeto nem sempre valorizado pela escola e pela sociedade em geral. Contrariando esta tendência, a Ilha Graciosa assume-se no contexto regional como um lugar de múltiplas vivências musicais, que muito têm contribuído para a educação musical e artística das suas gentes.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Estágio Pedagógico; Música; Expressão Musical; Ensino formal e não formal da Música.

Abstract

The main focus of this Stage Report is to present, analyze and cogitate about educational action developed in the Pedagogical Internship context, on Pre-School Education and 1º Cycle Elementary School curricular units, integrated in the Master's Degree in Pre-School Education and 1º Cycle Elementary School, at the University of the Azores.

In parallel with our reflection on the general actions taken on our Internships, we have decided to deepen on a subject matter in particular, considering what we strongly believe to be the musical potential on a child development. From that perspective we title “The Child and the Music – A journey between a Pedagogical Internship and the musical existences in Graciosa Island”.

In that sense, we will let know of all work done by virtue of our Internships as well as the outlines of the journey taken to our childhood, to our special love for music and how it can be educated/studied on a formal and non-formal manner on the Island that saw us be born. To accomplish this, besides the analyzes of our educational action, we resort to inquiries by questionnaire and interviews to collect the information and conceptions required. All educators and 1º Cycle Elementary School teachers of the Island were inquired, as well as some backup teachers connected with musical education, in a sum of twenty three (23) total. Inquired as well, were all institutions connected with the non-formal education in the Island, of which we have feedback from Musical Academy and all philharmonic bands performing a total of five (5) institutions. After all questionnaires received and analyzed, we interviewed one (1) educator, one (1) teacher and one (1) institution responsible, with the intent of enhancing some analyses of context present.

We have come to the conclusion that Music is an area of expression with countless potential in a child integral development, for that it should be explore since early age, taking relevant and meaningful learning experiences, adequate to the various contexts on which is developed. This is not often taken into account by neither schools nor society in general. Counter this tendency, Graciosa Island arises in the regional context as a place with vast multiple musical existence that much has contributed towards the musical and artistic education of their people.

Keywords: Pre-School Education; 1.º Cycle Elementary School; Pedagogic Internship; Music; Musical expression; Formal and Non-formal musical education.

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice de Figuras	vi
Índice de Quadros	vi
Índice de Anexos	vi
Índice de Siglas e Abreviaturas	vii
Introdução	viii
Capítulo I	12
1. As Artes e a Educação	15
1.1. O Lugar da Música no Desenvolvimento Pedagógico	20
1.1.1. A Música e a Criança	20
1.1.2. Pedagogia da Música	23
1.2. A Música e os seus contextos de aprendizagem	26
1.2.1. A Música no Ensino Formal: um olhar a partir da escola	26
1.2.2. A Música no Ensino Não-Formal e Informal	28
Capítulo II	31
2. Vivências Musicais da Ilha Graciosa	34
2.1. Enquadramento	34
2.2. O nosso Percurso Metodológico	37
2.2.1. A recolha de dados	38
2.3. Caraterização dos Contextos em que se inserem os nossos inquiridos	40
2.3.1. A Música/Expressão Musical na ação educativa diária	43
2.3.2. Potencialidades/Fragilidades/Desafios na Exploração da Música/Expressão Musical	50
Capítulo III	56
3. Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar	59
3.1. Caraterização do meio	59
3.2. Caraterização da escola	60
3.2.1. Caraterização da sala de atividades	61
3.2.1.1. A organização do espaço	61
3.2.1.2. Organização do tempo: as nossas rotinas	62
3.2.2. Caraterização do grupo de crianças	63

3.3. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar	67
3.4. A Música na Educação Pré-Escolar: notas sobre a nossa experiência de estágio	
3.4.1. A Diversidade de Canções.....	79
3.4.2. À descoberta dos Instrumentos Musicais	82
3.4.3. O contributo das tradições: uma viagem proporcionada pela Música.....	85
Capítulo IV	87
4. Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico	90
4.1. Caraterização do meio	90
4.2. Caraterização da escola	91
4.2.1. Caraterização da sala de aulas	93
4.2.1.1. A Organização do espaço.....	93
4.2.1.2. Organização do tempo.....	94
4.2.2. Caraterização do Grupo	95
4.3. A Ação Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico	101
4.4. A Expressão Musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico: notas sobre a nossa experiência de estágio.....	108
4.4.1. Criação de sequência rítmicas	109
4.4.2. Criação de Padrões Sonoros	113
4.4.3. Criação do Hino de turma.....	114
Considerações Finais	115
Referências Bibliográficas	115
Anexos	115

Índice de Figuras

Figura 1 – Frequência com que docentes exploram a Música/Expressão Musical

Figura 2 – A Música nas rotinas das Educadoras de Infância

Figura 3 – A Expressão Musical no horário dos Professores do 1.º CEB

Figura 4 – Circunstâncias em que a Música/Expressão Musical é explorada

Figura 5 – Recursos disponibilizados pelos docentes na exploração da Música

Figura 6 – Planta da sala de atividades

Figura 7 – Exploração e entoação de canções

Figura 8 – Conhecer e Explorar os Instrumentos Musicais

Figura 9 – O contributo das tradições

Figura 10 – Planta da sala de aula

Figura 11 – Jogo de concentração “Telefone árabe musical”

Figura 12 – Criação de sequências rítmicas

Figura 13 – Criação de padrões sonoros e “Os Rokeiros”

Figura 14 – Criação do Hino de Turma

Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização dos docentes inquiridos

Quadro 2 – Caracterização das Instituições não formais ligadas ao ensino da Música na Ilha Graciosa

Quadro 3 – Atividades desenvolvidas nas práticas da Música/Expressão Musical pelas Educadoras e os Professores

Quadro 4 – Atividades desenvolvidas no âmbito das Instituições

Quadro 5 – Síntese das Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar

Quadro 6 – Atividades que convocaram a Música na Educação Pré-Escolar

Quadro 7 – Síntese das Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Quadro 8 – Atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão Musical no 1.º CEB

Índice de Anexos

Anexo 1 – Guião do questionário para Educadores e Professores 1.º CEB

Anexo 2 – Guião do questionário para as Instituições

Anexo 3 – Questionário aplicado aos Educadores e professores do 1.º CEB

Anexo 4 – Questionário aplicado as Instituições

Anexo 5 – Entrevistas temáticas

Anexo 6 – Horário da turma

Índice de Siglas e Abreviaturas

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

A.T.L. – Atividades de Tempos Livres

A1, A2, ... – Atividade 1, Atividade 2, ...

GETAP – Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional

MEM – Movimento da Escola Moderna

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PAA – Plano Anual de Atividades

PEE – Projeto Educativo de Escola

UNECA – Unidade Especializada com Currículo Adaptado

Introdução





Introdução

O presente Relatório de Estágio intitula-se *A Criança e a Música - Viagens entre o Estágio Pedagógico e as vivências musicais da Ilha Graciosa*, surge na sequência das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tem como ponto de partida as práticas educativas que neles se desenvolveram, bem com as reflexões que delas resultaram.

O tema deste Relatório de Estágio surge da nossa motivação e especial interesse e incide na Expressão Musical, área que nos é muito querida, desde tenra idade, devido à nossa pertença a uma Banda Filarmónica, ligação esta que ainda permanece e que foi desenvolvida em simultâneo com o nosso percurso académico.

Feitas algumas pesquisas nesta área, cedo percebemos que, embora vários autores, bem como alguns colegas deste mestrado, já tenham abordado este tema, ainda se verifica uma lacuna quanto à investigação dedicada à Expressão Musical no contexto educativo. Essa lacuna acentua-se ainda mais quando tentamos compreender o seu potencial no contexto educativo não formal. A este propósito, Sousa defende que as “crianças e jovens talvez aprendam música, hoje, mais em seus ambientes extraescolares do que na escola propriamente dita, pois não há dúvida de que é possível aprender e ensinar música sem procedimentos tradicionais a que todos nós provavelmente fomos submetidos” (2014, p. 11).

No nosso entender, estes contextos não formais, como as bandas filarmónicas, os grupos corais, os grupos de dança, os grupos folclóricos, entre outros, além de permitirem a aprendizagem musical, desenvolvem a paixão pela Música, o espírito de grupo, a solidariedade e o sentido comunitário, podendo referenciá-los como escolas de Música e de vida. É neste contexto que realçamos o contributo dos contextos de educação não formais para a educação musical, quer para aqueles que neles estão inseridos, quer para a população em geral.

Este será um contexto cujo aprofundamento privilegiaremos no presente trabalho que, paralelamente à apresentação, análise e reflexão, acerca da ação educativa desenvolvida no contexto dos nossos estágios pedagógicos, nos ajudará a compreender as potencialidades da Música na infância, bem como os contextos mais favoráveis à sua aprendizagem por parte dos mais pequenos.

Partindo destes pressupostos, e nunca perdendo de vista a intenção de



explorarmos eventuais conexões entre estes dois contextos, a nossa experiência musical vivida na ilha e a ação educativa que desenvolvemos nos nossos estágios pedagógicos, delineámos alguns objetivos norteadores do nosso processo formativo, direcionados para a nossa prática pedagógica, a saber:

- 1) Observar os contextos educativos dos Estágios Pedagógicos I e II de forma a compreendê-los, bem como a melhorar e adequar a prática educativa às necessidades e motivações das crianças/alunos;
- 2) Planificar sequências didáticas flexíveis e adequadas aos contextos existentes, capazes de promover aprendizagens significativas por parte das crianças/alunos;
- 3) Implementar estratégias motivadoras de modo a suscitar o interesse e a curiosidade das crianças/alunos;
- 4) Avaliar o desempenho por parte das crianças/alunos no decorrer da nossa prática educativa com o intuito de contrariar as dificuldades que possam surgir nas suas aprendizagens;
- 5) Refletir criticamente sobre a ação educativa, de forma a identificar constrangimentos e dificuldades, bem como estratégias capazes de melhorar práticas futuras.

De um modo mais específico, e a pensar no estudo que desenvolvemos paralelamente à nossa ação educativa, definimos os objetivos que se apresentam de seguida:

- 6) Refletir sobre o potencial educacional da Música, no sentido de compreender o(s) seu(s) contributo(s), no desenvolvimento global da criança;
- 7) Conhecer o papel e o lugar do ensino da Música no contexto sociocultural da ilha Graciosa;
- 8) Identificar as representações dos educadores e professores do ensino formal e não formal da ilha Graciosa acerca das fragilidades e potencialidades da docência, no âmbito da Expressão Musical.

De modo a irmos ao encontro dos propósitos que aqui elencámos, organizámos o nosso trabalho em 4 capítulos, que apresentaremos, em seguida, de forma breve.

No primeiro capítulo enquadrámos teoricamente o nosso trabalho, recorrendo aos contributos de diversos autores. Aprofundamos os conceitos de arte e educação, mostrando a ligação existente entre os mesmos e dedicamo-nos à abordagem da Música no cenário pedagógico, explorando a sua importância no desenvolvimento da criança.



Revisitamos a presença desta área curricular nos documentos orientadores da Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico e, por último, abordamos o papel e o lugar dos contextos formais e não formais convocados na sua aprendizagem.

No segundo capítulo apresentamos o nosso estudo empírico, aplicado a contextos formais e não formais de aprendizagem da Música presentes na Ilha Graciosa. A nossa recolha de dados foi feita através de um inquérito por questionário, aplicado a todos os educadores e professores titulares da ilha, em contexto do ensino formal, bem como a cinco instituições ligadas à Música, no contexto do ensino não formal. Também recorremos à entrevista, como forma de aprofundar e complementar a informação obtida através dos questionários.

No terceiro capítulo invocamos a nossa ação educativa desenvolvida no âmbito do estágio pedagógico na Educação Pré-Escolar. Apresentamos a caracterização dos contextos onde nos inserimos realçando o meio envolvente, a escola, a sala, a organização do espaço e do tempo e as características do grupo de crianças que nos foram confiadas. Depois deste enquadramento inicial, passaremos à descrição, análise e consequente reflexão, da nossa ação educativa desenvolvida neste contexto, com especial destaque para o leque de atividades desenvolvidas e selecionadas no âmbito da temática que decidimos privilegiar no presente relatório, que convocaram as potencialidades da Música ao serviço das aprendizagens das crianças.

O nosso quarto capítulo está organizado de forma muito semelhante ao anterior. No entanto, desta vez, focar-nos-emos na ação educativa que desenvolvemos no estágio pedagógico em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Concluiremos com algumas considerações finais, em jeito de balanço daqueles que foram os nossos propósitos iniciais.

Antes de passarmos ao nosso enquadramento teórico, não podemos deixar de realçar uma preocupação que nos acompanhou desde o início de todo este processo, que se prende com as questões de natureza ética que procurámos salvaguardar desde a primeira hora. Neste contexto, e em respeito pela individualidade, quer dos participantes no nosso estudo, quer de todos aqueles com os quais nos fomos cruzando no decorrer dos nossos estágios, recorreremos à pseudonimização, pelo que nunca serão desvendadas a suas verdadeiras identidades.

Capítulo I

Enquadramento Teórico



“Milhares de pessoas cultivam a música; poucas porém têm a revelação dessa grande arte”.

Ludwig Beethoven

1. As Artes e a Educação

1.1. O Lugar da Música no desenvolvimento pedagógico

1.1.1. A Música e a Criança

1.1.2. Pedagogia da Música

1.2. A Música e os seus contextos de aprendizagem

1.2.1. A Música no Ensino Formal: um olhar a partir da escola

1.2.2. A Música no Ensino Não-Formal e Informal





1. As Artes e a Educação

O mundo em que vivemos é cada vez mais globalizado. Uma globalização que se deve sobretudo aos avanços da ciência e da tecnologia, que permitem uma maior ligação entre diferentes sociedades e culturas. Apesar de todo o desenvolvimento que ocorreu durante os séculos XIX e XX nestes campos, principalmente na área das tecnologias de informação e comunicação, foi possível não só a partilha das mais recentes inovações científicas e tecnológicas, bem como da arte e da cultura praticada em todas as sociedades a nível mundial.

A cultura e a arte podem ser utilizadas como traços identificadores da identidade de uma determinada região ou comunidade. Desde muito cedo, na história da civilização humana no Planeta Terra, que temos vestígios de manifestações artísticas, como é o caso das pinturas rupestres, que se podem encontrar em grutas e zonas rochosas, que serviam para representar as vivências dos povos pré-históricos.

Esta relação entre a arte e a sociedade continua a manifestar-se até aos dias de hoje, onde assume um papel preponderante nas nossas vidas. Exemplos disso são a grande panóplia de eventos culturais que existem ao despor da população. Dentro destes eventos culturais encontramos manifestações relacionadas com a arte dramática, como por exemplo, variadíssimas peças de teatro e cinema. Dentro das artes, temos também eventos relacionados com as artes plásticas e a Música. Nas artes plásticas podemos evidenciar, por exemplo, exposições de quadros ou esculturas. No que respeita à Música, muitas são as manifestações musicais, que variam imenso de sociedade em sociedade, de continente para continente. Nesta linha, enquanto aqui nos Açores temos uma vasta manifestação musical ao nível das filarmónicas, como veremos um pouco mais à frente, noutros locais, como na Europa Central (Alemanha, Áustria, entre outros) encontramos uma grande tradição de Música erudita.

Sabemos que vivemos em sociedades e num mundo onde a arte assume um papel preponderante nas nossas vidas. Mas o que é realmente a arte? Como é que se define o conceito de arte e como é que esta se relaciona com as nossas crianças e jovens?

Existem variadíssimos autores que ensaiaram ao longo dos tempos inúmeras tentativas de encontrar uma definição para este conceito. Entre estes autores temos, por exemplo, Pereira, Vieites & Lopes que nos mostram a Arte como “um processo livre e libertador, gerador de estímulos à criatividade, individual e colectiva” (2014, p. 9). Também Castro destaca o carácter livre e criativo da Arte, na medida em que, para esta



autora “a Arte fala, a Arte diz o indizível do ser, a Arte revela as vozes do silêncio primordial porque contém em si capacidade de revelar o excedente da linguagem” (2011, p. 130).

Vemos assim que a Arte liga-se à criatividade do indivíduo, tornando-se, assim, num processo humano, que oferece um grau de satisfação aos indivíduos (Lowenfeld e Brittain, 1987, p. 2). Isto significa que a Arte se constitui como o veículo de transmissão de sentimentos pessoais, tal como nos diz o Roteiro para a Educação Artística, na medida em que a define como “expressões que comunicam perspectivas” (2006, p. 9).

Apesar de vermos aqui evidenciado o carácter individual da Arte, é necessário também realçar que esta se alastra a um nível comunitário e até mesmo global. A Arte é algo que podemos encontrar em qualquer sítio e qualquer momento, é algo que nos rodeia (Read, 1958, p. 28).

Temos neste momento uma visão clara de que a Arte faz parte das nossas vidas, enquanto indivíduos em sociedade. No entanto, as grandes alterações verificadas nos nossos estilos de vida devem-se sobretudo a inovações do foro científico e tecnológico. Tais inovações tornam-se possíveis devido à educação e à forma como esta se tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos, especialmente no último século. Como sabemos, a educação não se faz só através das ciências ou da matemática ou do português, engloba também as artes, até porque é definida, segundo o Dicionário Etimológico, como um substantivo que deriva do latim *ēdūcātīōne*, que significa instrução e formação (Machado, 1987, p. 370).

Tendo em conta que a educação tem apresentado um papel predominante no processo de humanização e de socialização e, com base nas ideias e valores da sociedade ao longo dos tempos, para Fonseca (2011, p. 7) a construção do processo hermenêutico relativo à educação apresenta uma abordagem etimológica e conceptual, pelo que se assumem diversas perspetivas ao longo dos tempos.

A educação pode ser entendida como a transmissão dos saberes, sendo uma forma de formar o indivíduo, de lhe transmitir valores que o ajudem a ser melhor, mais feliz e a viver em sociedade de forma pacífica (Sant’Anna & Menegolla, 1991, p. 20). O próprio vocábulo Educar deriva etimologicamente de duas palavras latinas: “ducere”, relativa à dimensão biológica, que significa “alimentar, nutrir para deixar crescer” e “educere” relativa à dimensão espiritual e à dimensão sociocultural, que significa “conduzir para fora de, fazer sair” (Fonseca, 2011, p. 13).



A Educação pode ser vista como a evolução do potencial de cada indivíduo, em que este se desenvolve de forma plena nas dimensões cognitiva, emocional, física e social. Também podemos referir que necessitam de ser criadas condições para que este desenvolvimento seja feito de modo a facilitar as aprendizagens de cada indivíduo, levando-o a ter a capacidade de, por exemplo, resolver problemas gerais (Fonseca, 2011). Assim sendo, educar consiste num processo de desenvolvimento do Homem, enquanto ser racional e sociocultural onde se pretende então, formar o carácter, personalizar. Já o processo educativo, segundo esta autora, é um processo antropológico e ético.

Fazendo uma breve contextualização do processo de Educação, sabe-se que esta sofreu grandes alterações com o passar do tempo. No século XIX, e até ao final da II Guerra Mundial, educar era sinónimo de instruir e, talvez por isso, a Educação era compreendida como um meio de instrução, levando ao conhecimento objetivo do mundo. Após a segunda Guerra Mundial, ganhou um novo sentido e tornou-se num processo que promovia o desenvolvimento livre e responsável do Homem, enquanto ser humano, enquanto cidadão pertencente a uma sociedade e que, por isso, se encontra em constante interação.

Dado o contexto e a grande evolução que ocorreu na altura, a educação passou a ser um Direito Humano. Este consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 26.º, que de seguida se transcreve.

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.
2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

As linhas de pensamento pedagógico que adotaram este segundo conceito de educação, concebem-na como desenvolvimento, como um modo de evolução da pessoa (Education = Elever), distinguindo-a do ensinar para valorizar, o imaginar, o criar, o



ajudar a desenvolver capacidades latentes através da expressão, de onde se formaram os modelos de Educação pela Arte, Educação Personalizada e Educação Cultural.

A Educação está comprometida com os valores. Educar não é somente informar, transmitir conhecimentos, mas também integrar o educando numa cultura com características particulares, como a língua, as tradições, as crenças e os estilos de vida de uma sociedade (Fagundes, 2001, p. 17), aspeto que se assume particularmente relevante para nós, considerando o tema que decidimos aprofundar no presente Relatório.

A Educação deve, assim, começar desde cedo, pois deve ser vista como um processo de transformação, o qual deverá levar uma criança a tornar-se num adolescente consciente e, mais tarde, num adulto capaz de lidar com a sua própria vida. Assim, a Educação remete-nos para o educar que consiste numa ação considerada consciente e voluntária com o intuito de construir conhecimento.

Considerando que a arte pode ser entendida como algo que resulta da expressão dos indivíduos e que a educação apresenta uma vertente de transmissão de valores e de formas de vivências em sociedade, parece-nos que se torna imprescindível a introdução das artes na educação.

Esta é uma ideia defendida pelo Ministério de Educação quando nos diz que “as Artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção” (2001, p. 149).

Nesta linha de pensamento, Pita (2018) considera a Arte como sendo “uma componente elementar na educação, pois contribui decisivamente para a formação de seres humanos sensíveis, comunicativos e críticos em relação ao meio envolvente” (p. 7). Além disto, como sabemos “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente à sociedade em que se vive” (Ministério de Educação, 2001, p. 149). Esta ideia é reforçada por Damásio quando defende que não é possível haver uma separação entre a emoção, os sentimentos e a racionalidade (1995, p. 14). Também Condessa vai ao encontro desta ideia quando refere que em contextos onde “a criatividade, a expressão, o movimento e a ludicidade são privilegiados, a criança apreende um conjunto de regras e significações sociais dos seus comportamentos que lhe permitem adaptar-se à sua cultura e iniciar-se numa



prática desportiva, cultural e artística” (2009, p. 39).

É através das expressões que a Arte obtém o seu expoente máximo dentro da Educação. Ao olharmos para os documentos normativos da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, percebemos os contornos do espaço que é dedicado às Expressões Artísticas.

Nesta medida, sabemos, à partida, que a Arte na Educação representa-se sobretudo através do domínio da Educação Artística na Educação Pré-Escolar. Esta divide-se em quatro subdomínios, sendo estes, as Artes Visuais, o Jogo Dramático/Teatro, a Música e a Dança (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 43). No 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontramos as Expressões Artísticas que se subdividem em quatro áreas curriculares, nomeadamente, a Expressão e Educação Musical, Dramática, Plástica e Físico-motora. Além destas, e seguindo as orientações da *Conferência Mundial de Educação Artística* organizada pela UNESCO, as Artes, além de se poderem entender como disciplinas isoladas, poderão ser transversais a qualquer tema abordado noutras disciplinas curriculares, como a Matemática ou o Português, enriquecendo os processos de aprendizagem (2006, p. 3).

Também em Portugal, pelo menos no domínio teórico e normativo, é dado um papel de destaque à Educação Artística. Neste particular, o Gabinete de Educação tecnológica, Artística e Profissional (GETAP) diz-nos que:

A Educação Artística desempenha um papel importante no desenvolvimento das capacidades de comunicação e expressão dos indivíduos, fomenta a sua capacidade de imaginação e criação autónomas, e contribui de modo muito significativo para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado dos jovens (1991, p. 7).

Começando pelas Artes Visuais, estas incluem formas de Expressão que englobam, por exemplo, a pintura, o desenho, a escultura, entre outras. Aqui há uma necessidade de permitir o acesso das crianças a recursos e instrumentos de trabalho diversificados. Isto, no sentido de desenvolver a imaginação e o processo de criação das crianças (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 49; Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 155).

No subdomínio do Jogo Dramático/Teatro são abordadas diferentes formas de expressão e comunicação na criança. São estas, por exemplo, os movimentos do corpo e a utilização de objetos (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 51). Ainda, aprimora-se a forma de relação e comunicação com os que o rodeiam, ajusta-se os gestos ao



movimento e ao som, entre outros (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 180).

O subdomínio da Música pode ser explorado através de variadíssimas atividades. No entanto, o seu objetivo primordial é desenvolver competências musicais interligando diferentes tipos de ações sendo estas a audição, a interpretação e a criação (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 54). Cantar sozinho e em grupo, tocar um instrumento musical e ingressar em algumas peças ou espectáculos musicais são algumas das atividades ou situações de aprendizagem que se vive no 1.º Ciclo do Ensino Básico (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 173).

Por último, o subdomínio da dança interliga-se com os três subdomínios apresentados. Aqui o principal objeto de desenvolvimento deverá ser as características físico-motoras das crianças, bem como o seu desenvolvimento emocional (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 57). Numa fase seguinte, já se nomeia elementos inerentes à dança, tais como, conhecer o seu corpo, o espaço, explorar movimentos e ter em conta a relação com os outros e o contexto à sua volta (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 187).

1.1. O Lugar da Música no Desenvolvimento Pedagógico

Explorados os fundamentos que orientaram a nossa conceptualização inicial, interessa-nos debruçar agora sobre a área de expressão artística que escolhemos aprofundar no presente trabalho - a Música /Educação e Expressão Musical – nomeadamente no que respeita à sua importância e aos seus benefícios para o desenvolvimento das crianças e jovens, bem como, à sua presença nos documentos norteadores para a ação educativa de Educadores e Professores.

1.1.1. A Música e a Criança

Uma vez que dedicamos este ponto do nosso trabalho à Música e à Expressão Musical, a nossa primeira intenção será tentar definir o conceito de Música de modo a poder explorar a forma como esta se insere, quer nos documentos normativos para a Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, quer no cenário da prática, na forma como se relaciona com o desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, se fizermos uma pesquisa rápida pelo dicionário, a Música é definida como “a arte de combinar harmoniosamente vários sons, frequentemente de acordo com regras definidas. A música é a arte de expressar determinados sentimentos através de sons produzidos pela voz ou pelos instrumentos musicais. Os elementos que



a compõem são a harmonia, a melodia e o ritmo, cujas combinações se representam nas notas musicais. A música fez parte das manifestações culturais de todos os povos ao longo da história, assumindo caráter festivo e religioso” (Infopédia, dicionários Porto Editora).

De qualquer forma, ao explorarmos um tema ou conceito importa recolher diferentes perspetivas sobre o mesmo. Assim, destacamos a visão de Monteiro (1997) na medida em que este evidencia o caráter humano da Música. Para este autor, a Música é como uma produção “feita, imaginada, pensada, construída pelo homem...” (p. 13). Desta forma, torna-se um veículo de mensagens e emoções. Esta é talvez uma das características que melhor se adequam à Música, no sentido em que estas mensagens são enviadas do emissor para o receptor e entendidas, muitas vezes, mesmo sem quaisquer palavras. Como vimos, é o próprio som, a sua melodia e a sua execução que determinam a forma como a Música é entendida. Talvez por isto, ouvimos muitas vezes dizer que a Música é a linguagem universal do ser humano.

Estas mensagens e esta linguagem chegam-nos através das características próprias da Música, mas também pelas emoções e sensações que despertam nos seus ouvintes. Características como o timbre, o ritmo, a sua melodia, a dinâmica e a duração, permitem aos músicos expressarem as suas ideias e os seus sentimentos. Nesta linha de pensamento, defendemos com Sousa (2003) que a Música é capaz de modificar o estado emocional dos indivíduos, bem como permitir a expressão dos seus sentimentos (2003, p. 15).

Apresentamos, assim, a Música como algo que é único, quase inexplicável por palavras, e que permite a transmissão de mensagens e sentimentos, que seriam muito mais difíceis de transmitir sem este recurso. Neste sentido, parece-nos completamente necessária a introdução da Música no contexto educativo, sobretudo pelas diferentes potencialidades que esta nos traz para a transmissão dos saberes.

A Música permite-nos desenvolver variadíssimas competências nas crianças, tais como, por exemplo, a atenção, a audição e a memorização, a sensibilidade e as emoções, bem como a sua criatividade e imaginação.

Estes aspetos devem ser aprofundados a partir do momento em que a criança ingressa num determinado contexto escolar, seja ele a Educação Pré-escolar ou o Ensino Básico. E dizemos “aprofundados” porque, e de acordo com Sousa, a Música já faz parte das nossas vidas ainda antes do nosso nascimento. Ainda dentro do útero materno os bebés já conseguem ouvir alguns sons como o bater do coração da mãe ou até mesmo



sons exteriores, como quando a mãe ouve Música (2003, p. 19).

Nesta ordem de ideias, defendemos com Rodrigues e Rodrigues (2014), que “as atividades musicais na infância, como as canções de embalar e os jogos musicais, têm um papel importante no desenvolvimento das capacidades de atenção e comunicação” (p. 82).

Também Barreira (2009) reforça as várias possibilidades e potencialidades que a Música traz aos indivíduos. Nas suas palavras, esta

é um dos mais potentes estímulos para os circuitos do cérebro. Contribui também para a compreensão da linguagem e para o desenvolvimento da comunicação, para a perceção dos sons e para o aprimoramento de outras habilidades. Cantar permite trabalhar a articulação, ritmo, dicção e o controlo respiratório. Cantar em grupo pode desencadear uma tomada de consciência de si e dos outros. As canções ajudam a lembrar memórias, a contar histórias. O ritmo e jogos de movimento melhoram e facilitam a mobilidade, agilidade, força, balanço, coordenação, consistência, padrões de respiração e relaxação muscular. Aumenta a motivação, interesse, e atua como uma persuasão não-verbal para envolvimento social da pessoa (pp. 135-136).

Como nos é dado perceber, a Música é importante enquanto um fim em si mesma, mas também na medida em que pode contribuir para a aquisição de competências em diferentes áreas do saber, tanto na educação artística, como nas restantes áreas do currículo. Neste particular, lembramos com Pita (2018), que a Música e a educação musical trabalham as características socioafetivas, linguísticas, comunicativas, psicomotoras, cognitivas e estéticas nas crianças (2018, p. 12). Para reforçar esta ideia, Pita recorre a Jardim (2017), que nos adianta ainda que o ensino da Música “auxilia no desenvolvimento e aperfeiçoamento da socialização, alfabetização, capacidade inventiva, expressividade, coordenação motora e motricidade fina, perceção sonora, perceção espacial, raciocínio lógico e matemático e estética” (p. 23).

A Música e o seu ensino transformam-se assim num veículo para as crianças adquirirem determinados valores e competências associadas, por exemplo, ao conhecimento de si e do outro. A Educação musical abrange, deste modo, todas as áreas da educação. Nas palavras de Hentschke (1995) “a educação musical vai muito além de uma atividade de cantar, sendo uma área do conhecimento insubstituível por outra disciplina do conhecimento humano” (citado por Uriarte, 2004, p. 249).

Desta forma, e de acordo com Veríssimo, a educação musical inclui-se no



domínio psicomotor, no domínio cognitivo e no domínio afetivo destacando-se aqui a criação do gosto musical e a sensibilidade (2012, p. 13).

Ao trabalhar a imaginação e a criatividade nas crianças, a expressão musical torna-se também um meio para a criação da identidade de cada indivíduo. Esta identidade que ao mesmo tempo que se torna individual, serve também para a inclusão ou exclusão em determinados grupos sociais, tornando-se também uma identidade social. Neste processo, aparecem características como a autoestima e a autorrealização, às quais deve ser dada a devida atenção (Veríssimo, 2012, pp. 12-15).

Isto remete-nos para processos que podem facilitar a socialização das crianças, bem como criar nelas um maior grau de sensibilidade, tolerância e compreensão relativamente aos outros.

Também Ilari, vai ao encontro desta ideia quando refere que os hábitos de canto e dança com bebés e crianças ajudam no desenvolvimento da sensibilidade nos mesmos bem como ajuda nos processos de socialização inerentes à cultura e sociedade onde estão inseridos (2003, p. 14). Estes desenvolvimentos variam de acordo com os contextos socioculturais, tal como defendem Hohmann & Weikart, ao afirmarem que “o desenvolvimento musical das crianças e a sua capacidade de comunicarem através da música floresce em culturas e contextos em que os membros da comunidade valorizam e apreciam música” (2004, p. 658).

1.1.2. Pedagogia da Música

Como vimos, a Música pode-se estender a qualquer área do currículo na Educação Pré-escolar bem como no 1.º Ciclo do Ensino Básico. No entanto, é importante realçarmos a sua importância particular, enquanto disciplina isolada. Neste sentido, as OCEPE dizem-nos que

a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros. A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar (1997, pp. 63-64).



Assim sendo, vemos que na exploração da Música temos cinco eixos fundamentais a explorar: o escutar, o cantar, o dançar, o tocar e o criar.

Ao longo do tempo foram surgindo novas metodologias de trabalho na área da educação musical, tornando-a mais aliciante e motivadora para as crianças. Metodologias que devem ir sempre ao encontro dos eixos atrás identificados, ou seja, promover o desenvolvimento do ouvido musical, do sentido rítmico, da expressão, da sensibilidade, da criatividade e da improvisação.

Além de ir ao encontro destas características já enunciadas, alguns autores reforçam também o caráter do interesse pessoal do aluno na aprendizagem. Isto é, o ensino deve procurar ir ao encontro da criança, bem como dos seus interesses e necessidades, do ponto de vista cognitivo, físico-motor e socio-afetivo. Tal como defende Torres (1998), o ensino deverá ser “baseado nas capacidades físicas e psicológicas das crianças, nos seus interesses e motivações, usando várias experiências de perceção sensorial a preceder qualquer apresentação teórica ou de leitura musical” (p. 39). Este autor vai ainda mais longe, apresentado algumas das capacidades que devem ser exploradas, tais como: 1) O Movimento das crianças na sala de aula; 2) Vivências mentais através do canto; 3) O apoio instrumental, individualmente ou em grupo e 4) A Coordenação de várias atividades: movimento, canto e execução instrumental.

Assim, um dos pontos que nos parece importante destacar na pedagogia da Música, além das características que devem ser trabalhadas nos mais pequenos, é a própria criança. Significa isto que o principal objetivo da educação musical será adequar a sua pedagogia de modo a contribuir para o maior desenvolvimento pessoal e social possível. Ao nível pessoal, podemos destacar características como a sensibilidade, a criatividade e as emoções das crianças. Por outro lado, no que respeita ao nível social, podemos destacar a forma como a Música pode contribuir para a criação de uma identificação social, contribuindo para a inclusão da criança no meio sociocultural onde esta está envolvida.

No sentido de tentar enunciar de forma clara e sucinta as várias potencialidades de desenvolvimento da Música nas crianças, servimo-nos dos contributos de Borràs (2001), realça que esta área

- 1) Exercita e desenvolve eficazmente a capacidade de escutar;
- 2) Favorece o desenvolvimento da memória e a sensibilidade;
- 3) Potencia a capacidade de análise, de comparação e de relação;



- 4) Favorece positivamente a capacidade criativa e imaginativa;
- 5) Estimula e desenvolve a sensibilidade perante a mensagem da música;
- 6) Desenvolve a capacidade de expressão e de comunicação ao promover a produção de mensagens elaboradas a partir do campo musical (2001, p. 508).

Outros autores, além de darem também relevância a todas as características e potencialidades já enunciadas até aqui, defendem também a educação musical como algo que deverá ser transversal a toda a educação, atravessando as várias áreas do saber.

Nesta ordem de ideias, defendemos com Silva (1997) que “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de Expressão Musical. Cantar é uma atividade habitual na Educação Pré-Escolar, que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo” (p. 64). Para além de destacarmos a relação que a Música assume com as palavras, podemos também destacar sua ligação que a mesma estabelece com a Matemática, na medida em que esta também se rege por métricas, ritmos e andamentos próprios, que convocam padrões e valores numéricos, que lhe são tão característicos.

Também Bem & Hetschke (2002, citados por Hummes, 2004) defendem o alargamento da educação musical às várias áreas do saber. Para estes autores, ao desenvolver características como a “linguagem não-verbal, os sentimentos e as emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade” (p. 22), a Música e o seu ensino tornam-se capazes de potenciar essas características em cada criança, bem como de facilitar a aquisição de competências noutros domínios.

A investigação vem também reforçar estas ideias já apresentadas e até confirmá-las. Neste contexto, defendemos com Boal-Palheiros (2014), que esta “tem sugerido os efeitos da aprendizagem musical no aumento das capacidades intelectuais e no sucesso escolar das crianças. Educadores, professores generalistas e pais defendem os benefícios da música, sobretudo para apoiar a aprendizagem de outras disciplinas” (p. 214).

Em consequência do que foi dito até aqui, torna-se para nós absolutamente imprescindível e necessária a expressão e a educação musical. Estas abrem-nos rotas infindáveis de exploração para e com as crianças. Seja enquanto disciplina isolada, seja enquanto recurso de apoio a outras disciplinas, não podemos desvalorizar nem sequer tentar diminuir a influência e a importância que a Música tem nos nossos alunos e nas nossas crianças. Isto porque, e tal como foi referido, além de promover e potenciar várias aprendizagens, a Música tem um grande valor na construção da identidade individual e social de cada uma das crianças.

Neste sentido, e em jeito de síntese, assume-se cada vez mais importante que



Educadores e Professores criem as condições necessárias para que as crianças tenham o melhor contacto possível com a Música, a expressão e educação musical, não descurando nenhum dos aspetos inerentes a todo o processo de criação, experimentação e autoconhecimento musicais.

1.2. A Música e os seus contextos de aprendizagem

Existem várias formas de contacto e de relação entre as crianças e as Expressões Artísticas, neste caso mais específico, com a Música. É sabido que, desde cedo, as crianças têm presente na sociedade onde vivem várias formas de vivenciar a Música, através dos eventos culturais onde participam, da frequência de bandas filarmónicas, grupos de folclore, entre outros. Paralelamente a estes contextos não formais, a escola assume-se, ou deveria assumir-se, como um lugar de excelência onde tais vivências se devem explorar e aprofundar com os mais pequenos, desde o início do seu percurso escolar.

Sendo que estes dois cenários de aprendizagem musical se assumirão como focais ao longo deste nosso trabalho, interessa-nos aprofundar um pouco mais os seus contornos, aspeto a que nos dedicaremos no ponto que se segue.

1.2.1. A Música no Ensino Formal: um olhar a partir da escola

Quando falamos em Ensino Formal, referimo-nos àquele que se faz a partir da escola, com base nos documentos norteadores do nosso sistema educativo. Neste contexto de aprendizagem, podem englobar-se várias instituições de ensino, públicas e privadas, que vão desde creches e jardins de infância, passando pelo ensino básico e secundário, pelo ensino artístico ou ainda pelo ensino superior. O ensino ministrado nestas instituições é regulado por várias normas e orientações europeias e nacionais, das quais podemos destacar, para o Ensino Pré-Escolar e Ensino Básico, dois documentos que têm sido alvo de remodelações ao longo dos anos: as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* e o *Currículo Nacional do Ensino Básico*.

Estas alterações têm acontecido na sequência das reflexões que se têm vindo a fazer nesta matéria, suportadas pelo desenvolvimento pedagógico que a prática e a investigação têm vindo a promover, mas também como resultado de alterações sociais, culturais e económicas que as sociedades têm vivido. Exemplo disto, é o destaque que a União Europeia atribuiu ao papel da educação para os estados conseguirem atingir os objetivos da Estratégia Europa 2020. Tal como realça este documento,



o ensino e a formação têm um papel fundamental a desempenhar na consecução dos objectivos da Estratégia Europa 2020 para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, não só dotando os cidadãos das competências e aptidões necessárias para que a economia e a sociedade europeias continuem a ser competitivas e inovadoras, mas também ajudando a promover a coesão e a inclusão sociais (2011, pp. 70-71).

Como nos é dado perceber, há uma preocupação cada vez maior em adequar a educação às necessidades da sociedade, criando um sistema de ensino que se tenta prolongar ao longo da vida. Este alargamento ao longo do tempo de vida dos indivíduos permite, tal como nos diz Delors, criar flexibilidades e diversidades na educação, repensando-a conforme se torna necessário (1996, p. 12).

Esta forma de educação, ao longo do tempo e flexível, assume um papel importante na sociedade atual devido às constantes mudanças, que se operam a um ritmo elevado, bem como à premente necessidade de se desenvolverem competências nos indivíduos, que se adequem a estas mudanças.

Como se compreende, tal cenário afeta também o papel dos educadores e dos professores, que têm um trabalho permanente de adequação da sua ação educativa às orientações que lhes são dadas.

Assim, podemos começar por definir o Ensino Formal como uma educação que “está sujeita às regras de um currículo, às normas de um programa educativo, que tem conteúdos específicos para se aprender com um professor especialista da área e é vivenciada dentro de uma escola” (Sousa, 2014, p. 9).

Não é de estranhar, assim, que o termo de Ensino Formal seja associado à instituição escolar, visto que este se rege por um conjunto de regras, que são criadas e organizadas através da hierarquia existente no sistema de ensino. Disto resulta que, ao fim de cada ciclo de estudos, deverá haver uma aprendizagem efetiva dos conhecimentos recebidos, paralelamente à atribuição dos respetivos graus e diplomas, que permitem a passagem de um ciclo de estudos para o seguinte.

Nesta ordem de ideias, e no que se refere a este último, realçamos que no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) e no Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores (2011) estão presentes as orientações para as várias áreas curriculares desde a Educação Pré-Escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico, entre as quais encontramos a Educação Artística, na qual se insere a Expressão Musical.



É importante referir, também, a presença da Expressão Musical, quer nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, quer na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste contexto, defendemos com Silva (2016) que “a música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais” (p. 54). Assim sendo, e de forma a dar continuidade ao contacto com esta área, os educadores devem assumir “uma prática sistemática e contínua, com uma intenção específica, direcionada para um desenvolvimento progressivo das competências musicais da criança e o alargamento do seu quadro de referências artísticas e culturais” (Silva, 2016, p. 55).

Edwin Gordon (citado em Veríssimo, 2012), investigador americano e autor de importantes trabalhos no domínio da Música, defende que a instrução formal só deve ter início depois de ultrapassados os estágios da audição preparatória, devendo a criança ser sujeita a uma orientação musical informal desde o nascimento. Adianta ainda que, muitas vezes, a instrução formal, e nomeadamente a aprendizagem de um instrumento e da leitura e escrita musicais, ocorre prematuramente, sem que a criança tenha a necessária preparação para tal (Veríssimo, 2012, p. 9).

Neste sentido, defendemos com Gordon a importância de se “ajudar os pais, professores do ensino pré-escolar e professores de música a reconhecer a importância da música nas primeiras fases da infância, (...) de forma similar ao modo como continuamente as orientam para a compreensão da linguagem falada” (2008, p. 3).

Para a maioria das crianças é através destes contextos de educação que obtêm o primeiro contacto com a aprendizagem da Música. Por outro lado, temos crianças que contactam com outro tipo de ensino, o não formal, por exemplo, em bandas filarmónicas ou em grupos de folclore, aspeto que no Arquipélago dos Açores se assume com um sentido e significado especiais.

Assumem-se garantidamente como um importante fator de desenvolvimento e educação das crianças, ao proporcionar-lhes uma vivência musical imprescindível à sua vida em sociedade, aspeto que procuraremos explorar ao longo do estudo empírico presente neste Relatório.

1.2.2. A Música no Ensino Não-Formal e Informal

A educação pode ser entendida através de três vetores diferentes, a educação formal, a informal e não formal. Neste sentido, Gohn (2006) distingue-as definindo



a **educação formal** como aquela que é desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a **educação informal** como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc.- carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a **educação não formal** é aquela que se apende no “mundo de vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas quotidianas (p. 28).

Nesta linha de pensamento, e entrando no domínio do Ensino Não Formal, Sousa (2014) entende-o como a educação que “é fruto das vivências do dia a dia, da interação de todos os intervenientes (pessoas ou objetos), em cada momento. Não é fruto de uma obrigação curricular, acontece nos lugares diferentes da escola onde se desenvolvem também atividades educativas, mas tem como objetivo principal, dotar o ser humano de capacidades para uma vida em sociedade” (p. 10).

Desta forma, podemos afirmar que o Ensino Não Formal estende-se também ao longo da vida dos indivíduos, começando na sua infância, e acontece nos mais variados contextos sociais onde os indivíduos se inserem.

Apesar de não seguir orientações tão rigorosas e definidas como o ensino formal, é também através do ensino não formal que os indivíduos adquirem muitas das competências necessárias, não só a uma atividade concreta (como a música e a dança, no caso particular das filarmónicas e dos grupos folclóricos) mas também para a vida em sociedade. Podemos então dizer que a educação não formal é toda aquela que acontece fora das salas de aula e procura, não substituir, mas completar a educação formal, nas áreas onde a última pode não ser tão eficaz.

Assim, deve haver uma constante procura de articulação entre o ensino formal e não formal, de modo a que os dois se consigam complementar da melhor forma, não deixando espaço à possível repetição de conteúdos ou a tentativas (conscientes ou não) de sobreposições entre eles (Matias, 2013, p. 18).

O espaço onde o Ensino Não Formal prevalece é, portanto, uma das características mais importantes deste tipo de ensino. Ocorre em espaços onde, mesmo não havendo as tais orientações e currículos estruturados, existe porém um ambiente de colaboração entre os vários intervenientes de modo a que sejam apreendidas determinadas informações que permitam determinadas atividades ou o funcionamento de grupos.

Neste contexto, deixa de haver o educador ou professor, no mesmo formato em que estes se apresentam no ensino formal, e passa a haver uma transmissão dos saberes



e dos valores através daqueles que integram o mesmo ambiente social. Além da transmissão de saberes que é destinada a uma determinada atividade, no ensino formal, e pelas suas características de espaço social e de grupos sociais, há também uma transmissão importante de valores e vivências que ajudam a preparar os indivíduos para a vida, numa determinada sociedade ou comunidade cultural.

Desta forma, devemos destacar nestes espaços os ambientes sociais tradicionais dentro das várias comunidades. Este ensino pode ter, de facto, a sua maior expressão em instituições como clubes de futebol, filarmónicas, grupos corais, grupos de dança, entre outros.

Podemos assim dizer que o Ensino Não Formal se constitui como atividades que se dispõem a atingir um determinado fim, mas onde não existe uma grande estrutura e onde não existe uma relação formal entre professor e aluno.

Apesar de parecer que há uma clara distinção entre o ensino formal e o ensino não formal, essa distinção não é sempre assim tão clara. Na realidade e nas palavras de Rothes (2005),

nem sempre os contrastes entre educação formal e não formal são claros, sendo arriscado encará-los como mutuamente exclusivos. É preferível, com efeito, sublinhar que as características da educação não formal resultam sobretudo de perspectivas e tradições de intervenção que, não estando condicionadas pela preocupação da validação de saberes, se foram estruturando com determinadas marcas que perduram até aos nossos dias. Uma vez essas características surgem de um modo mais claro e inquestionável, outras vezes elas cruzam-se de modo mais ou menos tenso com outras lógicas de intervenção educativa (pp. 173-174).

Feita uma breve abordagem aos vários contextos de aprendizagem nos quais as crianças poderão desenvolver competências do ponto de vista musical, interessa-nos aprofundar um pouco mais as metodologias convocadas em cada um deles, os contornos pedagógicos em que se desenvolvem, bem como as concessões dos agentes educativos, profissionais ou não, que acompanham tais processos. É o que nos propomos adiantar no ponto que se segue, na sequência de um estudo empírico feito na Ilha Graciosa, nossa terra natal, lugar onde as vivências musicais ganham um destaque especial.

Capítulo II

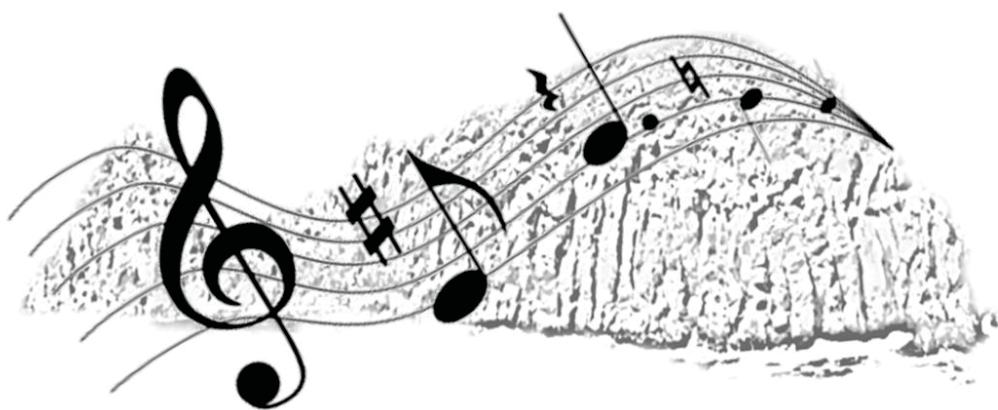
Vivências Musicais da Ilha Graciosa



Música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo”.

François Guizot

- 2. Vivências Musicais da Ilha Graciosa
 - 2.1. Enquadramento
 - 2.2. O nosso Percurso Metodológico
 - 2.2.1. A recolha de dados
 - 2.3. Caracterização dos Contextos em que se inserem os nossos inquiridos
 - 2.3.1. A Música/Expressão Musical na Ação educativa diária
 - 2.3.2. Potencialidades/Fragilidades/Desafios na exploração da Música/Expressão Musical





2. Vivências Musicais da Ilha Graciosa

2.1. Enquadramento

É um facto que a segunda ilha mais pequena do Arquipélago dos Açores, conhecida por ilha Branca e denominada por Graciosa, para além da sua inquestionável beleza natural, é também dotada por uma enorme e variada riqueza musical.

Aquando do seu povoamento, em meados do século XV, o povo graciosense teve a necessidade de combater a solidão e a Música assumiu aqui um papel fundamental. Neste particular, defendemos com Dores (2016) que “um dos aspectos mais importantes da cultura destas gentes é precisamente a sua musicalidade” (2016, p. 98).

Para Mendes (2012) “a música marcava o passar do tempo nestas ilhas: consistia, por um lado, num pretexto para socializar e, por outro, num modo de amenizar a dureza das condições de vida” (p. 7). Talvez por isso, defendemos com Pacheco (1997) que nesta linha, esta “desperta, de verdade, sentimentos de profunda alegria, emoção, saudade e recordação!” (p. 190).

As primeiras manifestações musicais da nossa ilha recaem nos bailes de modas de viola, dançados nos antigos salões, sendo que o repertório tradicional profano da Graciosa consiste nas chamadas “Modas Velhas” e “Modas Novas”. Estas, tal como recorda Mendes (2012) eram “canções bailadas (espécie de dança de roda) por um grupo de pessoas acompanhadas por instrumentos de corda dedilhada” (p. 7). Estas modas aparecem também associadas ao Dia de Reis, bastante vivido na ilha no final da quadra de Natal, altura em que “costumavam sair os ranchos, cantando e tocando em honra do Menino Jesus” bem como na tradicional matança do porco, onde “grupos de tocadores e cantadores, que se reuniam para cumprimentar os amigos, (...) tinham um ritual próprio: era o canto à porta, com as respectivas saudações e depois de aberta a porta, a cantoria continuava no interior da casa, onde eram brindados com biscoitos, rebuçados, aguardente e vinho” (Pacheco, 1997, p. 54).

Mais tarde, mantendo-se o gosto pela Música e pela diversão, o povo graciosense fundou “diversos agrupamentos musicais que, ao longo dos anos, tiveram a função de alegrar, recrear e cultivar: os grupos corais, as filarmónicas e os grupos de folclore e de bailado” (Dores, 2016, p. 98).

Nesta ordem de ideias, passamos a elencar de seguida, embora que de forma breve, as diversas opções musicais que encontramos na nossa Ilha. Primeiramente, evidenciamos uma das tradições mais antigas, o grupo de folclore, que deu continuidade



às “Modas Velhas”, conceito anteriormente adiantado. Neste momento, estão dois grupos folclóricos ativos na ilha e as suas atuações acontecem especialmente nas festividades de verão, bem como pela altura do Carnaval, que é talvez uma das festas mais animadas da ilha.

O Carnaval da Graciosa é já um dos grandes *ex-libris* turísticos da ilha, com um lugar de destaque a nível cultural. “Trata-se de um ‘Carnaval de salão’, vivido entusiasticamente nas sedes sociais de clubes e colectividades, que se ornamentam a preceito, em bailes animadíssimos onde reina a espontaneidade, a alegria e a criatividade, merecendo destaque os concursos de fantasias individuais e de grupo, bem como as máscaras e as ‘modas de viola’” (Dores, 2016, p. 100).

É também por esta altura do ano e associadas a esta festa que surgem as danças de Carnaval, que desde cedo fizeram parte da cultura do povo graciosense, que se juntou em grupos que, “munidos de instrumentos de cordas e outros, e de cantadores, interpretavam canções com significado próprio, alusivas ao Carnaval. (...) com arranjos musicais próprios, e com uma coreografia adaptada, pretendem levar a alegria ou a emoção aos circunstantes, tendo a maioria delas uma finalidade de diversão com piadas incisivas e brincalhonas” (Pacheco, 1997, p. 71). Estas danças podiam ser de arcos, de fitas ou de espada, sendo que, na atualidade, foram substituídas pelos Bailinhos de Carnaval ou Dança de Pandeiro e pelas fantasias de grupo.

Outra das manifestações musicais da ilha são as Bandas Filarmónicas, constituídas por “grupos de pessoas que gostam de música e por isso a executam com instrumental de sopro” (Pacheco, 1997, p. 83). Estas estão sempre presentes nas festividades da ilha e “abrilhantam as festas graciosenses, estando presentes na componente profana, animando arraiais ou acompanhando as Marchas Populares que, nos últimos anos, vão ganhando cada vez mais adeptos nesta ilha, mas também estão presentes em diversas cerimónias religiosas: nas procissões, nas Coroações do Divino Espírito Santo ou em cortejos fúnebres” (Silva, 2019, p. 47). É de salientar que a nossa ilha possui, no ativo, quatro Bandas Filarmónicas, uma por cada freguesia, algo inédito no contexto nacional, que não podemos deixar de sublinhar, considerando o tema que decidimos aprofundar no presente trabalho.

Nesta linha de pensamento, defendemos com Silva (2019) que as Filarmónicas são de uma riqueza inquestionável, na medida em que nos demonstram a “heterogeneidade dos seus elementos, no que diz respeito às suas profissões. Numa sala de ensaios é possível encontrar pedreiros, carpinteiros, sapateiros, pescadores ou



agricultores, mas também professores ou funcionários públicos, gerando-se assim um equilíbrio no seio da banda. Também isto será extremamente importante na partilha de conhecimentos, opiniões e formas de encarar a vida” (p. 49).

Os grupos corais também se assumem com enormes potencialidades musicais na nossa terra. Estes grupos “ajudam a assembleia cristã a participar melhor na vivência dos principais momentos das cerimónias religiosas, em especial na Eucaristia” (Pacheco, 1997, p. 109). Também, participam em encontros de Coros, quer entre ilhas, como em Portugal Continental. Tal como acontece com as filarmónicas, a Ilha Graciosa conta igualmente com quatro coros, um por cada freguesia. Mais recentemente foi ainda criado um coro juvenil, que nos oferece arranjos e *medleys* de música ligeira.

Outro grupo de natureza musical que podemos deixar de referir são os Foliões, que assumem um enorme destaque desde o domingo da Páscoa até ao domingo da Trindade. Estes grupos integram “indivíduos encarregados de anunciar, dirigir e orientar todas as cerimónias inerentes às festividades do Espírito Santo” acompanhando “as Coroações e Mudanças de Coroa” e dirigindo a “Função em casa do Imperador” (Dores, 2016, p. 107). Ainda estão no ativo três grupos de foliões na Graciosa.

Por último, usufruímos ainda da animação dos conjuntos musicais da ilha, que assumem um tipo de expressão musical mais moderno. Nestes grupos surge a “música chamada POP, regional, popular, clássica etc. que (...) nos transmite sensações, as mais variadas possíveis” (Pacheco, 1997, pp. 174-175). Estes grupos atuam por todas as freguesias, principalmente nas festividades de verão, e também animam e abrilhantam os bailes de Carnaval nos clubes e salões da Ilha.

Ainda no panorama musical da ilha Graciosa, não podemos deixar de realçar a diversidade de instrumentos musicais que a mesma possui, desde o seu povoamento, como os órgãos de tubos, os harmónicos, a viola da terra, entre outros, dos quais destacamos o piano que, nas palavras de Pacheco (1997), foi aquele “que mais prendeu e ainda hoje prende o gosto e a admiração dos graciosenses” (p. 134).

A Graciosa conta ainda com uma Academia Musical, criada para colmatar a inexistência do ensino artístico na ilha, e passando a funcionar como um lugar de ensino não formal. Nesta instituição aposta-se na transmissão de conhecimentos musicais e na melhor formação dos alunos, podendo estes ingressar de forma a dar continuidade aos seus estudos, de uma forma direta, num conservatório. A Academia dispõe de várias disciplinas como formação musical e instrumento, das quais se destacam as aulas de piano, saxofone, trompete, entre outros (Silva, 2019, pp. 101-103).



Assim, podemos concluir que a Ilha Branca tem, desde sempre, uma longa e vasta cultura musical, que sofreu modificações ao longo dos anos e, como não pode deixar de ser, uma evolução dos estilos musicais. Atualmente, ainda apresenta um enorme leque de tipologias musicais, assumindo todas elas um grande valor na vida e nas rotinas dos graciosenses. Como afirma Pacheco (1997) “a música, despertando sentimentos vários, consegue unir as pessoas, à volta de qualquer coisa, e as leva a cantar, bailar, saltar, trabalhar, enfim, bater o pé ou as palmas. Admitimos que a “música é vida!” (p. 190).

Este foi o contexto que inspirou o presente estudo no qual faremos algumas viagens entre as nossas vivências musicais na Ilha e as nossas experiências vividas aquando dos nossos estágios pedagógicos. Neste sentido, prosseguiremos elucidando o leitor sobre as principais linhas que conduziram o nosso percurso metodológico. Este é o aspeto que aprofundaremos no ponto que se segue.

2.2. O nosso Percurso Metodológico

Após algumas práticas interventivas ao longo da Licenciatura em Educação Básica, surgiu a necessidade de entender o motivo pelo qual esta área da Expressão Musical parece não ser tão trabalhada como as outras áreas, ditas principais, como a Matemática e o Português, aspeto também salientado por alguns estudos que se têm feito neste domínio. A exemplo disso, Medeiros (2013) constata que “as Expressões Artísticas não são menos importantes do que as áreas consideradas “principais” no que respeita à aprendizagem da criança” embora considere que “parecem continuar a ser esquecidas e pouco trabalhadas ou, na maior parte das vezes, desenvolvem-se como suporte das outras áreas” (p. 3). Nas palavras de Marques (2013) “os agentes de educação, de um modo geral, têm menosprezado o que diz respeito ao mundo sonoro, não o explorando de forma a que a criança se integre no mesmo e cultive os seus sentimentos/interesses” (p. 97). Neste sentido, defendemos com Silva (2012) que os profissionais de educação “sentem-se limitados (...) uma vez que por não terem formação na área, não têm por hábito integrá-la nas suas aulas, nem como relacioná-la com as outras áreas. Além disso, (...) a falta de tempo, a falta de recursos materiais nas escolas, o excesso de conteúdos programáticos a lecionar, impedem esta área curricular de progredir” (p. 87).

É este o contexto que serviu de estímulo a grande parte da nossa ação educativa e que funcionará como cenário do nosso trabalho, que procurará aprofundar,



paralelamente, as vivências musicais da Ilha Graciosa, nossa ilha de origem, onde demos os nossos primeiros passos na Música.

Neste sentido, e como forma de complementar os nossos estágios pedagógicos, no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que serão apresentados nos capítulos que se seguem, fomos investigar o contexto da Música na nossa terra.

Em seguida, passaremos a enunciar as linhas gerais que nortearam a nossa recolha de dados.

2.2.1. A recolha de dados

O presente estudo empírico decorreu paralelamente às nossas práticas e assumiu um carácter intensivo. Para a recolha de dados, utilizámos técnicas como o inquérito por questionário e a entrevista.

Foram questionados todos os educadores e professores do 1.º Ciclo titulares da Ilha Graciosa, bem como alguns professores de apoio educativo e ligados à lecionação da Música, num total de 23. Inquirimos igualmente os responsáveis por instituições ligadas ao ensino não formal desta área, sendo que obtivemos respostas dos maestros/responsáveis da Academia Musical, bem como de todas as Bandas Filarmónicas da Ilha, num total de 5 instituições. Depois de analisados os questionários, entrevistámos um Educador, um Professor e um responsável por uma das entidades em causa, por forma a aprofundarmos alguns dos contextos em análise.

A aplicação do questionário tornou-se essencial no nosso processo de recolha de dados, na medida em que este “tem por objetivo recolher informação factual sobre acontecimentos ou situações conhecidas sobre atitudes, crenças, conhecimentos, sentimentos e opiniões” (Fortin, 2009, p. 380). Através desta informação tornou-se possível fazer uma descrição mais concreta e precisa da realidade observada.

Depois de elaborados em formato Word (conf. guião em anexo), os questionários foram adaptados e introduzidos na plataforma do *Google Doc's*, de modo a serem partilhados, via email, pelos docentes e pelas entidades/associações que nos interessava inquirir.

Por seu turno, a realização das entrevistas, apesar de terem sido em número reduzido, ajudaram-nos a clarificar e aprofundar alguns dos contextos já adiantados nos questionários. Utilizámos este instrumento conscientes de que, através desta técnica é



possível obter-se “uma grande riqueza informativa (intensiva, de carácter holístico ou contextualizada) quanto às expressões e enfoque dos entrevistados” (Moreira, 2007, p. 211).

Assim sendo, e mediante o uso destas diferentes técnicas, tivemos acesso a um conjunto variado de dados e informações que nos permitiram perseguir os propósitos inerentes à investigação em causa.



2.3. Caracterização dos Contextos em que se inserem os nossos inquiridos

Depois de explicitarmos os instrumentos que elegemos para proceder à nossa recolha de dados, passamos agora a caracterizar os contextos que convocámos neste processo, bem como os dados relativos à nossa amostra. Realça-se que substituímos os nomes das escolas e das instituições por instrumentos musicais, de forma a salvaguardar as suas identidades. Assim sendo, no Quadro que se segue, começamos por apresentar uma caracterização geral dos nossos docentes inquiridos, agrupados por escola e nível de lecionação, realçando o seu tempo de serviço docente bem como o número de crianças com que trabalhavam no ano letivo em que se desenvolveu o estudo (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Caracterização dos docentes inquiridos

	Docentes	Escola	Tempo de serviço (em anos)	Ano/Nível de lecionação	N.º de crianças/alunos
Educadores	E1	Flauta	35	4/5 anos	10
	E2	Trompete	34	3/4/5 anos	16
	E3	Clarinete	27	3/4/5 anos	13
	E4	Trompa	25	5 anos	18
	E5	Saxofone	19	4 anos	16
	E6		19	5 anos	13
	E7		9	3 anos	19
	E8		10	Creche	20
	E9	*	25	3/4/5 anos	17
Professores	P1	Flauta	12	1.º ano	14
	P2		23	2.º ano	22
	P3		3	4.º ano	23
	P4		2	3.º ano	21
	P5	Trompa	23	3.º e 4.º anos	11
	P6		36	1.º e 2.º anos	16
	P7	Trompete	35	2.º e 3.º anos	23
	P8		4	1.º e 4.º anos	17
	P9	Clarinete	22	1.º e 2.º anos	15
	P10		13	3.º e 4.º anos	11
	P11	Fluta/Saxofone	16	C/PE/1CEB 1.º ano	75
	P12	Fluta/Trompa/ Trompete/Clarinete	15	PE/1CEB	180
	P13	*	23	1.º Ciclo	8
	P14	*	22	1.º Ciclo	200
T	23				



Tal como nos é dado perceber pela leitura do Quadro, do conjunto de todos os docentes entrevistados, num total de 23, distribuídos pelas cinco escolas da ilha, contamos com oito educadoras titulares (E1 a E8), dez professores do 1.º Ciclo titulares (P1 a P10), dois professores especializados no ensino da Música (P11 e P12) e ainda, sinalizadas na tabela, uma educadora e as duas professoras que prestavam apoio a várias turmas/escolas (E9, P13 e P14).

Relativamente ao tempo de serviço, verificamos que o quadro escolar da ilha integra docentes com experiências de ensino bastante diversificadas, que vão desde os 2 aos 36 anos de serviço docente. No caso das Educadoras de Infância, estas integram um quadro um pouco mais avançado na carreira, que vai dos 9 aos 35 anos de serviço, sendo que não registámos nenhuma docente em início de carreira. No caso dos Professores do 1.º Ciclo, registámos uma tendência ligeiramente diferente, que reflete um maior equilíbrio em termos de experiência de ensino, que vai dos 2 aos 36 anos de idade e contempla várias fases, com especial destaque para as que medeiam os 22 e os 25 anos de serviço. Neste particular, ao contrário do que acontece com o Quadro da Educação Pré-escolar, identificámos 3 professoras em início de carreira, com menos de 5 anos de serviço docente.

Explicitados os dados referentes aos docentes inquiridos, no Quadro que se segue agrupamos aqueles que se referem à caracterização das instituições de ensino não formal inquiridas (ver Quadro 2).

Quadro 2 – Caracterização das Instituições não formais ligadas ao ensino da música na Ilha Graciosa

Instituição	Função do respondente	Número de crianças	Faixa etária	Permanência na instituição
Violino	Vice-Presidente da Direção	35	6-13 anos	3 anos
Bandolim	Maestrina	20	6-13 anos	5 ou mais anos
Cavaquinho	Maestro	20	6-13 anos	5 ou mais anos
Viola	Maestro	17	6-10 anos	5 ou mais anos
Guitarra	Maestro	3	6-13 anos	5 ou mais anos

Como nos é dado perceber através da leitura do Quadro apresentado, foram inquiridos indivíduos de cinco instituições que promoviam o ensino não formal da Música na Graciosa, de entre as quais as 4 Bandas Filarmónicas da ilha. À semelhança



do que havíamos feito para os docentes, também neste caso, recorreremos à pseudonimização dos participantes por uma questão de proteção das suas identidades.

Do conjunto de respostas recebidas, anotámos que quatro respondentes assumiam cargos de maestro/maestrina e apenas um com o cargo de Vice-Presidente da Direção. Relativamente ao número de crianças que frequentavam as diversas entidades, este pareceu-nos bastante significativo. Excetuando a associação Guitarra, frequentada apenas por três crianças com idades compreendidas entre os seis e os treze anos, as demais Bandas Filarmónicas integravam um número bastante significativo de crianças, considerando a densidade populacional das freguesias da ilha, uma com 17 e as restantes duas com 20, aspeto que nos faz acreditar numa grande ligação das crianças da ilha à Música, por via da sua pertença a estes grupos. Uma realidade semelhante, encontramos também na instituição Violino que acolhia trinta e cinco crianças da ilha, dos seis aos treze anos de idade.

Ao averiguarmos a permanência média destas crianças na instituição, constatámos que cerca de 80% permaneciam cinco ou mais anos e que 20% permaneciam apenas 3 anos na instituição. Ao questionarmos as instituições acerca das razões que levavam ao abandono das crianças, as instituições Violino, Bandolim e Cavaquinho, referiram que a falta de interesse, a incompatibilidade de horários, o envolvimento em várias atividades e a falta de apoio da família, seriam aquelas que mais prejudicavam a permanência das crianças, acabando por levar ao seu abandono.

Também quisemos saber se existia algum método de seleção na entrada das crianças na instituição e todas responderam que não, com exceção para a instituição Violino que referiu ser necessária uma prova de aptidão musical.

Depois de apresentadas as caracterizações gerais dos docentes e das instituições que estudámos e os contextos em que estes se encontravam inseridos, interessa-nos agora analisar os dados que recolhemos no contexto da problemática que entendemos explorar no nosso estudo.



2.3.1. A Música/Expressão Musical na ação educativa diária

Começamos por perguntar se os educadores e professores costumavam explorar a Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias e as respostas foram unânimes, no sentido afirmativo. Na Figura que se segue, procuramos ilustrar, em percentagens, a frequência com que tal exploração é desenvolvida (ver Figura 1).

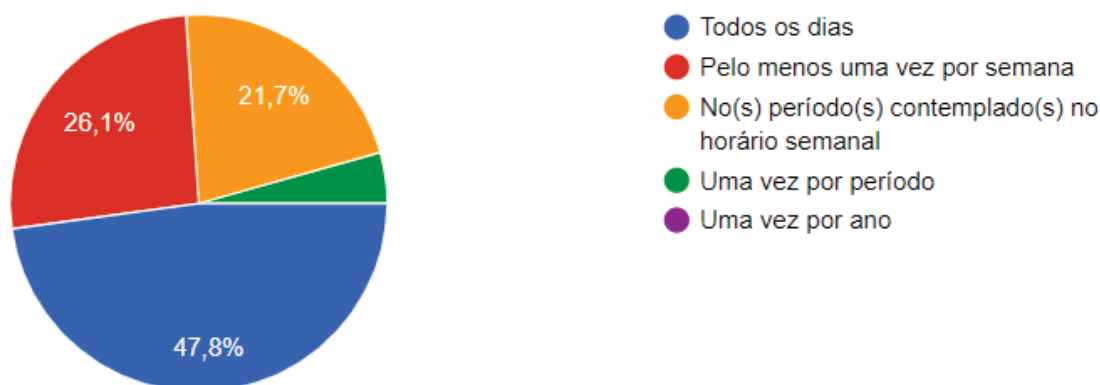


Figura 1 - Frequência com que os docentes exploram a Música/Expressão Musical

Tal como nos é dado perceber no gráfico apresentado, a maioria dos docentes explora esta área diariamente (47,8%), 26,1% dos docentes explora-a pelo menos uma vez por semana, 21,7% nos momentos contemplados no horário semanal e 4,3 % dos profissionais respondeu que a utilizava apenas uma vez por período.

Neste contexto, notamos diferenças nas respostas das educadoras e dos professores. Apenas uma educadora refere explorar a expressão musical no horário contemplado semanalmente, no entanto, as restantes educadoras, os professores especializados na área e uma professora de apoio dizem explorá-la todos os dias. No que diz respeito aos professores do 1.º Ciclo mencionam explorá-la uma vez por semana, ou seja, nos períodos contemplados no horário semanal. Temos ainda o caso de uma professora de apoio (P14) que assumiu explorar esta área apenas uma vez por período.

Fomos mais além, e tentámos perceber qual era o horário (o dia e a hora) estipulado para a prática desta área curricular, quer nas rotinas das educadoras, quer nas práticas dos professores do 1.º Ciclo, sendo que, infelizmente, nem todos responderam com dia e hora, mas apenas com a respetiva frequência. No Gráfico que se segue, apresentamos o horário dedicado à Música pelas educadoras (ver Figura 2).

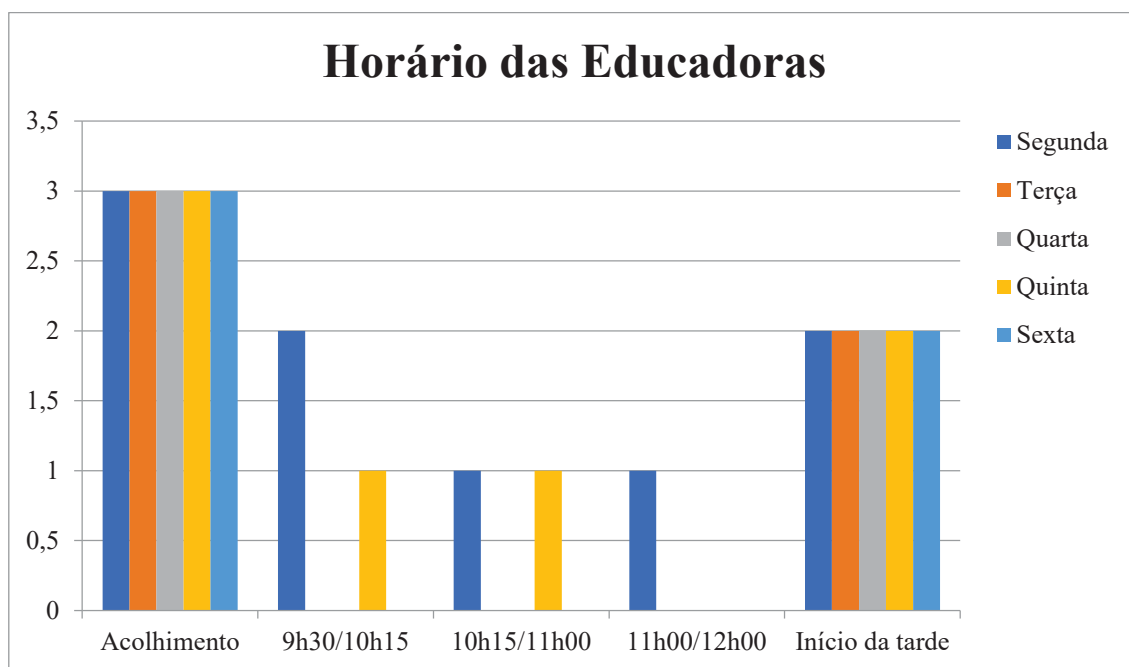


Figura 2 - A Música nas rotinas das Educadoras de Infância

Como referido anteriormente, a maioria das Educadoras afirmou explorar a Música diariamente, mas nem todas mencionaram o horário estabelecido. Contudo, podemos verificar que existem dois momentos no dia em que esta área é privilegiada: o acolhimento e o início da tarde, no regresso do almoço. As restantes, mencionaram o horário pré-estabelecido, que é assumido por um professor especializado, sendo regularmente lecionado, às segundas-feiras, das 9h30 às 10h15. Podemos ainda observar que a segunda e a quinta-feira são os dias da semana com maior incidência para a prática da Música, bem como o período da manhã.

No relato que se segue, uma das Educadoras inquiridas, dá-nos conta desta realidade:

A Música é trabalhada todos os dias, sem horas estipuladas, mas é geralmente no período da manhã, no acolhimento. No entanto, também este ano havia 45 minutos por semana em que era dada por um professor de expressão musical (E1, 35 anos de serviço).

À semelhança do que fizemos relativamente às Educadoras, também quisemos saber em que horário os Professores do 1.º Ciclo exploravam a Expressão Musical. Agrupámos as suas respostas na tabela que se segue (ver Figura 3).



Dia Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
9h00-9h45		1			1
9h45-10h30					1
11h35-12h20		1			
13h30-14h15	1		2	1	
14h15-15h00	1			1	

Figura 3 - A Expressão Musical no horário dos Professores do 1.º CEB

À semelhança do que verificámos nas rotinas das Educadoras de Infância, infelizmente, nem todos os Professores do 1.º Ciclo mencionaram o horário (dia e hora) estipulado para a prática da Expressão Musical. Ainda assim, podemos observar que, tal como aconteceu no contexto da Educação Pré-Escolar, os dias com maior incidência de práticas desta área são as segundas e quintas-feiras. No entanto, ao contrário do que acontecia com as Educadoras, os Professores elegem o período da tarde. Neste contexto, interessa-nos esclarecer que, como já foi referido, havia dois professores especializados (P11 e P12) que se dirigiam às várias escolas, todos os dias, não mencionando o horário estabelecido. Concluímos referindo um facto que nos foi adiantado por alguns dos professores, que assumiram que o tempo dedicado à Expressão Musical não excedia os estipulados 45 minutos semanais.

No que respeita às Instituições, constatámos que, de um modo geral, o horário em que se explorava a Música recaía em períodos próximos do final do dia ou mesmo à noite, com maior incidência para o intervalo de tempo entre as 20h e as 22h. Exploradas em contextos não formais de aprendizagem e assumindo-se como atividades extracurriculares, apesar de se desenvolverem em horário tardio, não deixam de funcionar como experiências bastante ricas no âmbito da aprendizagem da Música, como teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante.

Quisemos também perceber em que circunstâncias os docentes exploravam a Música/Expressão Musical nas rotinas e práticas pedagógicas que desenvolvem na sua ação Educativa diárias. No Gráfico que se segue procuramos ilustrar esta realidade (ver Figura 4).

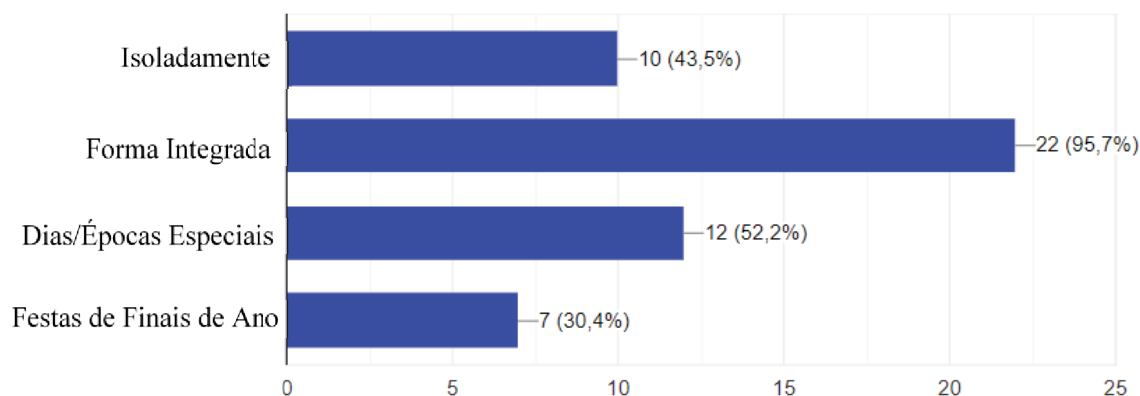


Figura 4 - Circunstâncias em que a Música/Expressão Musical é explorada

Tal como nos é dado perceber através da análise da Figura que acima apresentamos, a metodologia mais utilizada para explorar esta componente é aquela que passa por uma abordagem integrada, em conexão com outras áreas do currículo (95.7%). É importante salientar que muitos dos inquiridos selecionaram várias opções em simultâneo, havendo três respostas onde escassearam as nossas opções. Neste particular, não podemos deixar de realçar que, ao contrário do que se verifica em alguns dos estudos nesta área, em trabalhos com a mesma natureza do nosso, a ocasião menos convocada pelos docentes foi o final do ano, altura em que as tradicionais festas de encerramento de atividades costumam apelar bastante à exploração das áreas de expressão artística.

Neste contexto interessava-nos saber de que forma eram as crianças organizadas neste tipo de atividades e apurámos que a grande tendência incide numa organização em grande grupo, representando uma taxa de 78.3%. Alguns professores do 1.º Ciclo também admitiram que recorriam a pequenos grupos (21.7%) para explorar a Música/Expressão Musical.

De uma forma mais residual, as Instituições apostam numa organização ora em pequenos grupos, ora individual, sendo as duas opções mais escolhidas pelos responsáveis, não esquecendo que também reforçam o trabalho em grande grupo e a pares.



Outro aspeto evidenciado foi a disponibilidade de recursos. Deparamo-nos com vinte e duas respostas positivas e apenas a P13 afirmou não utilizar nem disponibilizar qualquer recurso para a sua prática musical. Neste ponto de vista, passaremos a analisar a Figura 5 de modo a conhecermos que recursos mais utilizam os nossos inquiridos.

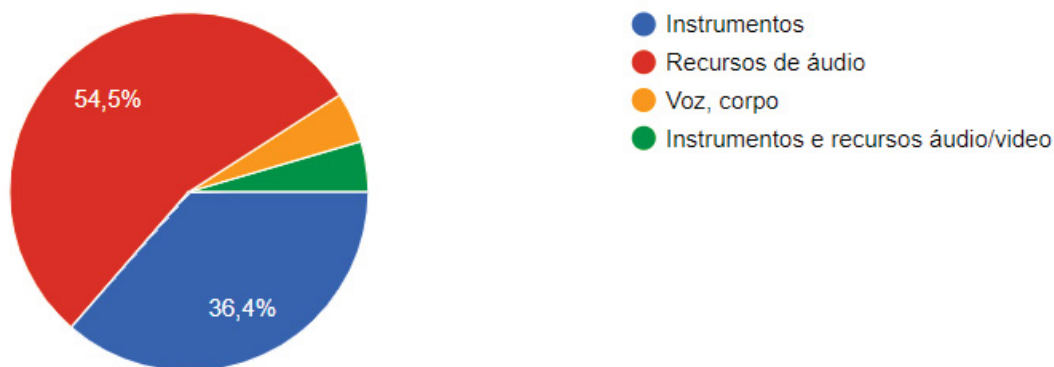


Figura 5 - Recursos disponibilizados pelos docentes na exploração da Música

Tal como nos é dado perceber através do Gráfico que acima apresentamos, os recursos de áudio são os mais apreciados pelo pessoal docente (54.5%), seguindo-se os instrumentos musicais (36.4%) e, por último, a voz e o corpo.

Notámos que a utilização dos recursos de áudio foi mencionada de forma bastante equilibrada pelos docentes de ambos os níveis de ensino. No entanto, a exploração de instrumentos musicais foi referida, mais pelos Professores do que pelas Educadoras, sendo que apenas 3 assumiram utilizá-los na exploração da música com as crianças.

Destacamos o facto de um dos Professores (P9) mencionar a voz e o corpo como recursos utilizados, bem como outro (P11) que adicionou o recurso ao audiovisual.

No ponto de vista das Instituições, como seria de esperar, a resposta foi unânime neste particular, sendo que os instrumentos musicais foram os recursos mais mencionados, em conjugação com alguns recursos de áudio. Referiram ainda disponibilizar partituras e algum material de desgaste.

Quando confrontados com a necessidade de partilhar alguns exemplos de atividades que desenvolviam na área da Música/Expressão musical, os docentes adiantaram-nos variadas atividades, que procurámos resumir no Quadro que se segue (ver Quadro 3).



Quadro 3 - Atividades desenvolvidas nas práticas da Música/Expressão Musical pelas Educadoras e os Professores.

Atividade	Número de Respostas
Exploração de Instrumentos Musicais	4
Entoar Canções/Canções temáticas	13
Lengalengas, poemas e dramatizações	1
Yoga	1
Dança	3
Explorar batimentos	3
Leitura Rítmica	2
Identificação de sons	1
Exploração de novos temas	3
Introdução do Inglês	1
Exploração de Histórias	2

Ao observarmos o Quadro 3 é evidente que a atividade mais convocada nas práticas dos nossos docentes inquiridos é a entoação de canções, aspeto mencionado por treze docentes, seguida da exploração de instrumentos musicais, mencionada por quatro docentes. Verificamos ainda um leque de atividades tais como, a exploração de histórias, as lengalengas, a declamação de poemas, as dramatizações, a identificação dos sons e a introdução do Inglês, entre outras que, embora pouco mencionadas pelos docentes, são convocadas em articulação com esta área curricular.

No ponto de vista das Educadoras, analisamos que apostam mais nas atividades de entoação de canções, exploração dos instrumentos musicais, dança e exploração de histórias temáticas e do Inglês. Por outro lado, os Professores do 1.º Ciclo, vão um pouco mais além pois, apesar de também mencionarem as atividades anteriormente referidas, adiantaram explorar outros conteúdos e dinâmicas como as lengalengas, os poemas, as dramatizações e as leituras rítmicas, componente particular da Expressão Musical.

Analisado este conjunto de referências, podemos concluir que a Música é dotada de um enorme potencial de articulação com outras áreas do saber, aspeto que não deixa de se tornar interessante se considerarmos o reduzido tempo que lhe é dedicado no horário semanal dos docentes, principalmente no caso do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Servindo-se destas conexões que lhe conferem múltiplas possibilidades de integração curricular, a Música poderá assumir-se como uma área central na nossa ação educativa diária, tal como já o é na nossa vida, aspeto que se nos apraz sublinhar, considerando a temática que entendemos aprofundar no presente trabalho. No relato que se segue, partilhamos o depoimento de uma Educadora que nos deu conta desta realidade:



“Na rotina diária a música está sempre presente. Os bons dias são exemplo disso. A música surge essencialmente como motivação de um novo tema, surge nas histórias, na exploração do inglês, bem como na exploração das diferentes áreas conteúdo” (E7, Escola Saxofone).

Relativamente às Instituições inquiridas, estas apresentaram-nos outra realidade, mais direcionada para o ensino da Música, em todas as suas componentes, tal como podemos ver no Quadro que se segue (ver Quadro 4).

Quadro 4 - Atividades desenvolvidas no âmbito das Instituições

Atividade	Número de Respostas
Dinâmicas rítmicas e melódicas	2
Solfejo	1
Leitura e Exercícios com o Instrumento	2
Interligação com os músicos adultos	1
Aulas e Concertos	1

No geral, a incidência das suas respostas centra-se na exploração de dinâmicas rítmicas e melódicas, bem como para a prática do instrumento através de exercícios e da leitura musical.

Os responsáveis pelas instituições também foram questionados acerca das principais capacidades/competências que procuravam desenvolver nas crianças que lhes eram confiadas, sendo que, neste particular, assumiram investir na leitura musical, na capacidade de improvisação, na apreciação musical, que está relacionada de forma intrínseca com o gosto pela Música, na preservação da nossa cultura e em aspetos como a responsabilidade, a sensibilidade, a criatividade e a sociabilidade.

Estas instituições assumem que a sua missão junto das crianças se foca no ensino e na orientação, pois pretendem inculcar diversos valores como o respeito, a responsabilidade, a dedicação, a transmissão de conhecimentos e a alegria.

No que concerne ao envolvimento das famílias nas atividades da área da Música, ficamos a saber que 78.3% dos docentes assumem não envolver as famílias e só os restantes 21.7% é que afirmam fazê-lo. Ainda assim, quisemos saber em que atividades as famílias são envolvidas, tendo-nos sido esclarecido que as Festas de Natal e de final de ano, bem como em alguns trabalhos de casa, são aquelas mais recorrentes. Neste contexto, achámos curiosas duas situações em que a música envolveu a escola, a família e a restante comunidade envolvente. Passaram-se na escola Trompa e foram-nos partilhadas pela sua Educadora titular (E4), no relato que de seguida transcrevemos:



“De certa forma envolve-se sempre as famílias nem que seja no simples ouvir a criança cantar em casa. Há alguns anos foi feita uma Coroação do Espírito Santo na qual os pais se envolveram, pois existem cantares próprios desta tradição. Também me recordo de uma marcha popular que envolveu toda a escola, os pais e a comunidade” (E4, Escola Trompa).

Também perguntámos às Instituições acerca do envolvimento das famílias nas atividades desenvolvidas e obtivemos 80% de respostas positivas contra 20% de respostas em que tal aproximação não se verificava. Foi-nos esclarecido que esta envolvimento passa por convívios e jantares, acantonamentos, bem como pela participação das famílias em aulas abertas, audições, concertos e matinés.

2.3.2. Potencialidades/Fragilidades/Desafios na Exploração da Música/Expressão Musical

Tal como era nosso propósito inicial, interessava-nos identificar as representações dos educadores e professores do ensino formal e não formal da Ilha Graciosa acerca das fragilidades e potencialidades da docência, no âmbito da Música/Expressão Musical.

No que respeita às dificuldades na exploração desta área nas suas práticas educativas diárias, 69.6% dos docentes responderam não ter dificuldades. Dos restantes 30.4% de docentes que admitiu sentir tais dificuldades, identificámos apenas uma Educadora, sendo que os restantes eram todos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

As causas adiantadas no contexto dessas dificuldades, sobretudo pelos professores do 1.º Ciclo, relacionam-se, maioritariamente, com a falta de aptidão e formação específica para lecionar conteúdos ligados a esta área curricular. Há também quem mencione a falta de concentração dos alunos e a escassez de recursos nas escolas como um fator desencadeador de tais constrangimentos. Nos relatos que se seguem, damos voz a duas Professoras do 1.º Ciclo que partilharam connosco esta realidade:

“A música requer estudos e formação específica, logo, um professor titular, quando não tem um colega da área de música a coadjuvar as suas aulas, as atividades são simples e monótonas. Por vezes, as escolas não têm materiais (instrumentos) suficientes e/ou condições para facultar aos alunos” (P3, Escola Flauta).

“Pouca formação específica para desenvolver determinados conteúdos mais específicos” (P10, Escola Clarinete).



Quando questionados sobre o que têm feito para contrariar essas dificuldades, os inquiridos responderam que recorrem a suportes de áudio, ao computador, mais concretamente ao *YouTube*, bem como à autoformação e a pedidos de ajuda aos colegas especializados nesta área. Ainda neste sentido, achamos importante sublinhar a experiência que nos foi relatada por uma das Professora do 1.º Ciclo (P3), que partilhamos no relato que se segue:

“Por exemplo, pesquisa, na internet ou em livros, atividades mais lúdicas como jogos de expressão musical de modo promover outras competências importantes na área de música e, conseqüentemente, nas restantes tais como: memória, ritmo, coordenação, comunicação, concentração, atenção” (P3, Escola Flauta).

A mesma questão foi feita às Instituições que inquirimos, das quais obtivemos 60% das respostas a confirmar tais constrangimentos na exploração das atividades musicais e as restantes 40% a afirmar não ter qualquer tipo de dificuldade.

No que se refere às dificuldades sentidas, estas foram associadas à incompatibilidade de horários, por existência de várias atividades extracurriculares em simultâneo, bem como à falta de estudo e de concentração reveladas pelas crianças.

Confrontados com o que têm feito para contrariar tais dificuldades, respondemos que valorizam o diálogo e incentivam para o estudo e para a apreciação musical tendo em conta os interesses musicais das crianças. Assumiram fazer ainda chamadas de atenção no sentido de conjugar os horários de forma a poderem facilitar a participação nas atividades o maior número de vezes possível.

Outro dos objetivos que nos movia, como tivemos oportunidade de adiantar mais atrás, era o de refletir sobre o potencial educacional da Música, no sentido de compreender o(s) seu(s) contributo(s), no desenvolvimento global da criança.

Em todas as respostas que obtivemos neste particular, quer da parte dos docentes, quer da parte dos responsáveis pelas instituições, foram unânimes em assumir tal importância. Nos relatos que se seguem, partilhamos alguns dos depoimentos que recebemos que nos parecem ser bem elucidativos desta realidade:

“A música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais. A abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança. Esta abordagem integra-se nas vivências e rotinas da sala” (E1, Escola Flauta).

“A Música é a descoberta e a pesquisa sons, combinações rítmicas, melódicas. Este processo provoca nas crianças um imenso prazer, oferecendo-lhes a capacidade de organizar as suas perceções auditivas, contribuindo para cultivar sensibilidade e imaginação, possibilitando também o desenvolvimento da expressão e da



criatividade. Para além disso, é uma área que treina a coordenação, a concentração e a atenção das crianças. Quanto maior for a sensibilidade da criança para o som, mais ela descobrirá as suas qualidades. Por isso, é necessário exercitá-la desde muito pequena, pois a música contribui para o seu desenvolvimento global, tanto a nível cognitivo, como motor, afetivo e social” (P3, Escola Flauta).

“A música permite que os alunos possam realizar funções motoras e intelectuais além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre. A música também oferece um efeito calmante após períodos de atividades físicas e atividades que exigem esforços como visitas a ambientes externos, reduz a ansiedade em momentos de avaliação e também pode ser usada como um método na aprendizagem de todas as disciplinas” (E11, Escolas Flauta/Saxofone).

“Através da música podemos explorar todas e demais temáticas. É, portanto, uma área multidisciplinar que permite adquirir e consolidar aprendizagens de forma lúdica e harmoniosa” (P12, Escolas Flauta/Trompete/Clarinete/Trompa).

“A música exprime sentimentos, acalma, é uma manifestação de alegria e convívio” (E9, Escola Clarinete).

À semelhança dos docentes, também os responsáveis pelas instituições testemunharam a favor da importância da Música no desenvolvimento global da criança. Nos relatos que se seguem esta realidade parece-nos bem evidente.

“Desde o útero que os bebés sentem e vivem a música de forma espontânea. Quantas mais vivências musicais a criança tiver, mais competências cognitivas vai desenvolver sendo a música uma área aglutinadora” (responsável pela instituição Bandolim).

“A Música auxilia no desenvolvimento de capacidades de raciocínio, de sociabilidade, da criatividade e dota a criança de um canal que poderá funcionar como veículo para expressar afetos; além de que poderá constituir uma saída profissional válida” (responsável pela instituição Violino).

“A Música vai desenvolver a criança, quer a nível musical, mas também como um melhor ser humano, vai inculcar-lhe responsabilidades para com o seu grupo” (responsável pela instituição Guitarra).

No sentido de clarificar o potencial da Música no contexto educativo, convidámos os nossos inquiridos a resumir, em poucas palavras, tudo aquilo que ela lhes transmitia. Partilhamos alguns dos seus pensamentos, que nos parecem bem elucidativos da realidade que quisemos aprofundar.

“A Música é o caminho para o bem-estar e desenvolvimento pessoal” (E2, Escola Trompete).

“A Música é uma excelente ferramenta de trabalho, permite-nos desenvolver várias competências” (P8, Escola Trompete).

“A Música é um complemento importante no processo de ensino e aprendizagem das crianças” (P3, Escola Flauta).



“Música é alegria” (P7, Escola Trompete, E9, Escola Clarinete e P2, Escola Flauta).

Neste mesmo contexto, e no caso das Instituições ligadas ao ensino da Música, foram realçados aspetos do foro social e relacional que, como vimos no nosso enquadramento, assumem real destaque na nossa comunidade. Os relatos que de seguida transcrevemos são um bom exemplo desta realidade:

“A Música tem o dom de unir as pessoas” (responsável pela instituição Viola).

“Mais Música para uma melhor humanidade” (responsável pela instituição Violino).

“A música torna os corações dos homens felizes...” (responsável pela instituição Bandolim).

Nesta ordem de ideias, e com o objetivo de identificar as representações dos Educadores e Professores do ensino formal e não formal da ilha Graciosa acerca das fragilidades e potencialidades da docência no âmbito da Expressão Musical, questionámos os nossos inquiridos acerca de eventuais medidas a implementar, neste particular, no sentido de melhorar a realidade das nossas escolas. Em resposta a esta questão, foram-nos adiantadas medidas de reforço dos recursos materiais nas escolas, bem como do tempo dedicado a esta área. A coadjuvação por um professor especializado na área da Música e o reforço na formação dos futuros Educadores/Professores foram outras medidas igualmente sublinhadas, tal como se pode perceber nos relatos que transcrevemos de seguida:

“Se falarmos de expressão musical propriamente dita, em que um professor de música vem ao jardim de infância uma vez por semana, tal como está a acontecer, diria que aumentava a frequência deste acontecimento. Poderia também dotar as escolas de mais instrumentos musicais e mais variados, apesar de defender a construção dos mesmos com as crianças” (E4, Escola Trompa).

“Começaria por dar à Expressão Musical mais 45 minutos semanais no horário semanal e apetrechava as escolas do 1.º Ciclo e da Educação Pré-escolar com instrumentos musicais. No final de cada mês far-se-ia um género de audição para mostrar às outras turmas, da mesma escola, pequenos momentos de expressão musical aliada à expressão dramática” (P13, Escola Flauta).

“Se tivesse esse poder, colocaria no Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico professores com formação específica para coadjuvar as aulas com os educadores e professores titulares. Também facultava às escolas materiais variados (instrumentos) suficientes e em condições para que as crianças os pudessem explorar” (P3, Escola Flauta).

“Daria mais formação aos professores de modo a que tivessem mais conhecimentos teóricos que pudessem pôr em prática com os alunos, de forma o mais lúdica possível e de forma interdisciplinar” (P10, Escola Clarinete).



“Uma participação ativa de professores de educação musical nas salas de jardim de infância - Mais formação para os educadores de infância” (E6, Escola Saxofone)

“A expressão Musical deveria ser da total responsabilidade de um professor especializado na área” (P2, Escola Flauta).

“Tornaria ensino obrigatório em todos níveis de ensino e mais tempos semanais” (P11, Escola Flauta/Saxofone).

Nesta ordem de ideias, e com o mesmo propósito, também questionámos as instituições ligadas ao ensino da Música com a mesma questão e obtivemos também como resposta a falta de instrumentos nas escolas e o ensino obrigatório para esta área curricular, tal como se depreende dos seus testemunhos que de seguida transcrevemos:

“Mais variedade de instrumentos no ensino das escolas” (responsável pela instituição cavaquinho).

“Tornaria o ensino obrigatório e alargado” (responsável pela instituição Bandolim).

“Mudaria o sistema de ensino utilizado” (responsável pela instituição Guitarra).

“Tudo o que implique alterar a mentalidade de que a música serve apenas para entreter” (responsável pela instituição Violino).

Foi ainda possível questionar as instituições, no sentido de adiantarem medidas de melhoria da sua própria atividade. Da globalidade das suas respostas, realçamos o facto de que gostariam de disponibilizar mais instrumentos às suas crianças, apostar na sua formação, trazendo formadores de fora da Ilha como forma de cativar os pequenos músicos, bem como em atividades dinâmicas e na mobilização dos pais para palestras sobre a importância da música. Foi ainda mencionado que gostariam que as crianças tivessem mais tempo livre para praticarem esta modalidade com mais responsabilidade.

Concluimos este nosso estudo com a partilha do resultado de uma última questão que colocámos aos nossos inquiridos, com o intuito de nos inspirarmos nas suas sugestões aquando da preparação da ação educativa no contexto dos nossos estágios. Perguntámos qual seria o conselho que dariam a um futuro Educador/Professor sobre a melhor forma de explorar a Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias.

Nos relatos que se seguem, partilhamos aqueles que foram os conselhos mais inspiradores para nós:

“Começar e terminar todos os dias com uma canção ou um jogo musical de modo a cativar para o processo de ensino aprendizagem das diferentes áreas” (P10, Escola Clarinete).



“Aconselhava também a munir-se de um repertório musical variado que contemple os conteúdos programáticos de Estudo do Meio ou das outras áreas disciplinares” (P13, Escola Flauta).

“A melhor forma de explorar a Música é integrando-a com as restantes áreas, promovendo a integração curricular” (P8, Escola Trompete).

“Valorizar cada vez mais a música como um fator de identidade social e cultural” (E6, Escola Saxofone).

“Viver a música e permitir que os alunos a explorem autonomamente” (P9, Escola Clarinete).

“Todos merecem aprender música, somos todos diferentes, requerendo formas diferentes de abordagem” (responsável pela instituição Viola).

“Tornar a música mais emocional e menos teórica” (responsável pela instituição Bandolim).

Este foi o contexto que serviu de inspiração à ação educativa que desenvolvemos ao longo dos nossos estágios pedagógicos, que aprofundaremos nos capítulos que se seguem, que procurou explorar a Música naquilo que ela tem de mais sensível e genuíno, em conexão com as outras áreas, de forma alegre e divertida e convocando todos os alunos, sem exceção, na sua individualidade, por forma a poderem beneficiar de todo o potencial que esta área tem para oferecer.

Capítulo III

Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar



*“A Arte da música move
o coração, a mente, o corpo,
faz parte de quem é vivo!
Som é vida, música é arte de quem vive!”*

Israel Lopes

3. Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar

3.1. Caracterização do meio

3.2. Caracterização da escola

3.2.1. Caracterização da sala de atividades

3.2.1.1. A organização do espaço

3.2.1.2. Organização do tempo: as nossas rotinas

3.2.2. Caracterização do grupo de crianças

3.3. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar

3.4. A Música na Educação Pré-Escolar: notas sobre a nossa experiência de estágio

3.4.1. A diversidade de canções

3.4.2. À descoberta dos instrumentos musicais

3.4.3. O contributo das tradições: uma viagem proporcionada pela Música





Este capítulo será dedicado à análise e reflexão acerca da ação educativa desenvolvida no decurso do Estágio Pedagógico I, no âmbito da Educação Pré-Escolar.

Primeiramente, faremos uma caracterização dos contextos de intervenção em que nos movemos. Realçaremos as particularidades do meio, da escola e da respetiva sala de atividades, bem como do grupo de crianças que nos foi confiado. Para realizar esta caracterização foi necessário recolher e analisar documentos orientadores da instituição, nomeadamente o Projeto de Educação Psicossexual “Uma Aventura no Arquipélago Eulândia”, “Leitura vai e vem”, “A família vem à escola”, “Todas as áreas ajudam” do ProSucesso e o Projeto Anual de Atividades (PAA) que serve de documento norteador para os educadores e professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Salienta-se que o Projeto Educativo de Escola (PEE) ainda não estava concluído, aspecto que se prendia com o facto de a escola se encontrar em obras.

Em síntese, identificou-se os recursos existentes, quer na sala de atividades, quer na própria escola e nas suas imediações, e procedeu-se à consulta dos processos individuais das crianças, que foi complementada com a observação que realizámos aquando do nosso estágio.

3. Estágio Pedagógico na Educação Pré-Escolar

3.1. Caracterização do meio

O Estágio Pedagógico I decorreu numa escola situada na Ilha de São Miguel, no concelho de Ponta Delgada.

Esta freguesia era rica em espaços verdes, onde se destacava o Jardim António Borges, local que cativa pela variedade de plantas existentes, bem do interesse de quem o visita. Para além destes espaços, podemos ainda destacar, no meio envolvente desta escola, um posto dos correios, um centro comercial, uma loja de animais, bem como o Hospital Divino Espírito Santo ou ainda a Quinta do Priolo.

A nível socioeconómico, a generalidade dos agregados familiares estava ligada ao setor terciário, onde estavam reunidos o comércio e os serviços, quer públicos quer privados. Notava-se uma diferença social, económica e cultural, das famílias bastante acentuada. Registámos algumas famílias com um nível de vida elevado e com formação superior, mas, na sua maioria, as crianças provinham de agregados familiares com níveis de escolaridade muito baixos e com fracos recursos socioeconómicos.



3.2. Caraterização da escola

Esta escola englobava, para além da Educação Pré-Escolar, os três ciclos do Ensino Básico, num total de 805 alunos. Destes alunos, cerca de 111 frequentavam a Educação Pré-Escolar. Alguns destes alunos frequentavam um ATL pertencente à Câmara Municipal de Ponta Delgada.

A chegada das crianças à escola iniciava-se às 8h00, mas as aulas só começavam às 8h30m terminando, no caso da Educação Pré-Escolar, às 14h20 da tarde. Alguns dos alunos ficavam no ATL, que terminava às 18h30m, podendo beneficiar de 30 minutos de tolerância.

Ao nível da Educação Pré-escolar, o edifício era composto por sete salas de atividades e duas salas que integravam a Unidade Especializada com Currículo Adaptado (UNECA), duas casas de banho para crianças e uma para adultos, uma arrecadação, uma biblioteca, um ginásio, um refeitório e gabinetes de psicologia. Possuía ainda um *hall*/receção onde as crianças eram recebidas de manhã e onde aguardavam ao final do dia pelos pais ou pelos responsáveis do ATL. Para além disso, a escola possuía um bar, uma sala de professores, uma secretaria, uma sala com órgãos do concelho executivo, uma papelaria, uma reprografia e um auditório.

Ao nível de recursos humanos, a Educação Pré-Escolar possuía sete educadoras, quatro assistentes operacionais, três psicólogas, uma terapeuta da fala e uma terapeuta de reabilitação.

Relativamente ao espaço exterior, o mesmo estava dividido para dar resposta aos diferentes níveis de ensino. No que respeita à área ocupada pela Educação Pré-Escolar, averiguou-se que o recreio era amplo, com espaço suficiente para as crianças brincarem e correrem. Possuía ainda alguns equipamentos para trepar e descer, que contribuía para fortalecer o desenvolvimento motor das crianças.

Esta escola apresentava, ainda, dois parques de estacionamento privados. A sua segurança estava devidamente assegurada, visto que para se aceder a estes parques era necessária a apresentação do cartão da escola. Para além disso, no portão, estava sempre um assistente operacional a fazer o controle de quem entrava e saía.



3.2.1. Caraterização da sala de atividades

A sala deste grupo de crianças localizava-se no rés-do-chão e dispunha de um hall de entrada, partilhado com todas as crianças que frequentavam a Educação Pré-Escolar. No corredor, à entrada da sala, encontrava-se a zona dos cabides, identificados com a fotografia e o nome das crianças, onde estas deixavam os seus pertences.

Esta sala era ampla, com cerca de 40m², e tinha duas janelas grandes/compridas que permitiam a entrada de luz natural, bem como o arejamento da sala.

3.2.1.1. A organização do espaço

A sala onde desenvolvemos as nossas atividades estava dividida por áreas. Tínhamos a área da leitura e da escrita (livros e mesa), da casa das bonecas, da garagem, dos jogos e do acolhimento. As crianças escolhiam a área que queriam explorar, sendo que, em algumas delas, havia um limite máximo de ocupação estipulado.

A área da leitura e da escrita possuía uma estante com muitos e variados livros e jornais, duas mesas e cinco cadeiras, algumas delas feitas de vimes.

A área da casinha possuía algum mobiliário alusivo aos vários espaços da casa, nomeadamente uma cama de madeira, uma mesa com quatro cadeiras, armários, utensílios de cozinha, materiais ligados à alimentação, bonecas, roupas, entre outros.

A área da garagem era composta por um tapete, uma pista de madeira e várias miniaturas de veículos, desde carros, motas e tratores.

A área do acolhimento era constituída por um tapete onde se encontrava o quadro de presenças e uma bancada que separava esta área da área dos jogos que, por sua vez, era composta por vários jogos, puzzles e legos.

Na área da plasticina contávamos com uma mesa exclusiva para este fim, que continha diversos frascos de plasticina e acessórios de modelagem, como carretilhas e rolos e cortantes com várias formas.

Para além das áreas acima definidas, a sala estava ainda equipada com inúmeros armários, um lavatório, um computador, um videoprojector, um fantocheiro, dois quadros e três mesas de trabalho, duas redondas e uma retangular.

Por forma a elucidar o leitor acerca da forma como estava organizado o espaço da sala, concluímos este ponto apresentando, de seguida, uma Figura que procura ilustrar esta realidade (ver Figura 6).

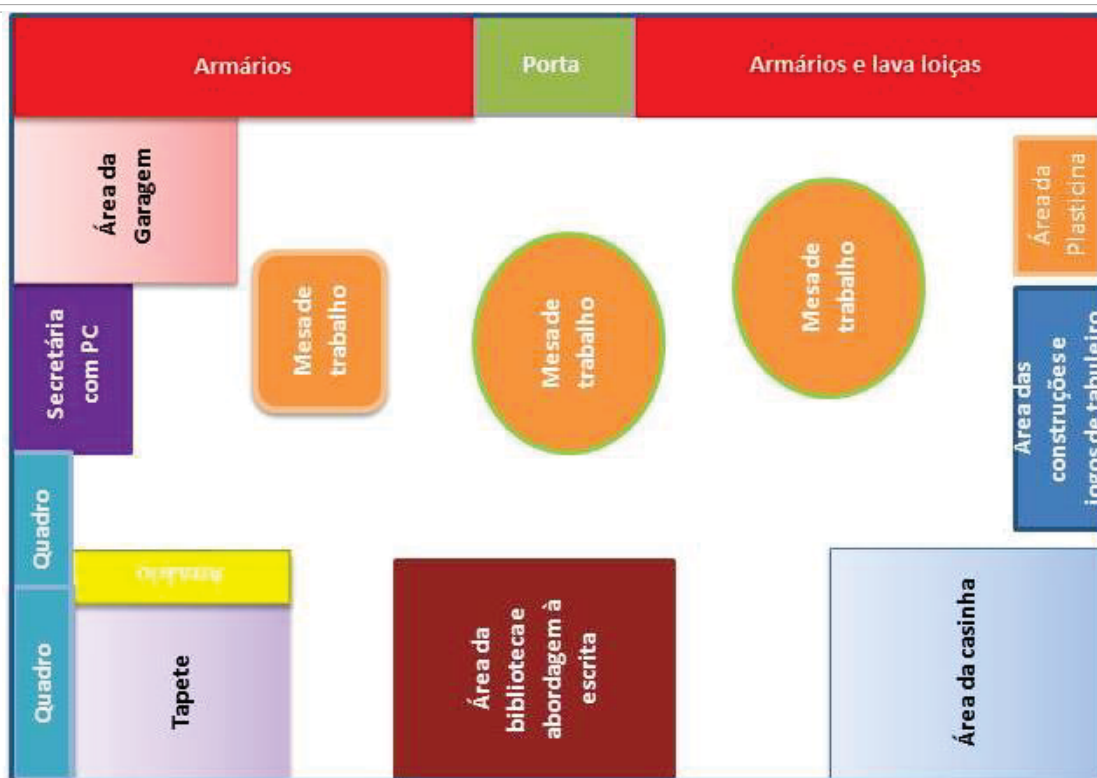


Figura 6 - Planta da sala de atividades

3.2.1.2. Organização do tempo: as nossas rotinas

O acolhimento na manta começava todos os dias pelas 8h30m, sendo que, algumas vezes, aguardava-se a chegada de mais crianças para começar a canção do “Bom dia”. Depois, as crianças partilhavam ideias e experiências, ou do fim de semana ou do dia anterior e, posteriormente, a educadora introduzia a temática a explorar naquele dia recorrendo a diversas estratégias, tais como, uma história, um jogo, uma lengalenga, etc. Feita esta introdução, procedia-se ao desenvolvimento das atividades na manta ou nas mesas de trabalho. Depois de concluídas as atividades, as crianças disfrutavam de um momento de trabalho não orientado, nas diferentes áreas da sala, até às 9h45, altura em que bebiam o leite, na própria sala de atividades. Após beberem o leite, o grupo saía da sala e dirigia-se para o recreio.

Depois do recreio, por volta das 10h20m, as crianças voltavam à manta, onde a educadora retomava a temática do dia, com mais algumas atividades destinadas. Depois, as crianças iam, novamente, desenvolver atividades livres nas diferentes áreas da sala. Posteriormente, depois de arrumar a sala, por volta das 11h35, o grupo formava uma fila para se dirigir até à cantina para almoçar. A seguir ao almoço, as crianças iam para o recreio, que terminava às 12h50. Ao regressarem à sala, voltavam para a área da



“manta” onde costumavam ver um pequeno filme ou ouvir música, seguindo-se um novo período de trabalho autónomo, nas várias áreas da sala. Depois de concluídas as atividades do dia e arrumada a sala, as crianças dirigiam-se ao corredor para prepararem o seu regresso a casa. Realça-se que, à segunda-feira, o grupo tinha aula de Educação Física, das 9h15 até às 10h00. É importante referirmos que duas das crianças, que tinham apoio de educação especial, saíam da sala às segundas e quintas-feiras, das 12h50m às 14h20m e, nos restantes dias da semana, das 9h15 às 11h05. Estas e outras especificidades em relação às características do grupo que nos foi confiado serão apresentadas no ponto que se segue.

3.2.2. Caraterização do grupo de crianças

O grupo que acompanhámos neste estágio pedagógico era constituído por 13 crianças, 10 meninos e 3 meninas, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Mais concretamente, tínhamos 8 crianças de 3 anos (3 meninas e 5 meninos), 2 meninos de 4 anos e 3 meninos de 6 anos.

Uma das crianças era portadora de Autismo, tendo apoio de educação especial e de terapia da fala. Outra das crianças integrava o núcleo de educação especial e uma terceira frequentava a terapia da fala, fora da escola. Uma quarta criança, por revelar características semelhantes, estava a ser avaliada pela Educadora.

Realça-se que a maioria das crianças possuía lacunas ao nível da fala, revelando dificuldades em fazer-se entender, com tendência para iniciar e terminar as palavras de forma incorreta.

No que respeita ao acompanhamento das atividades, a maioria do grupo demonstrava interesse em ouvir a história e participava respondendo às perguntas da Educadora. Também notámos interesse pela visualização de histórias, que eram projetadas no quadro. Por outro lado, atividades que exigiam maior concentração, como a realização de um desenho, não despertavam muito interesse nas crianças, uma vez que queriam acabar rapidamente essas tarefas para irem brincar livremente nas diferentes áreas.

Relativamente à sua distribuição pelas áreas, notámos que algumas crianças tinham a tendência de frequentar sempre o mesmo espaço, sendo a garagem e a área da plasticina as mais procuradas.



Feita uma apresentação geral do grupo, passaremos a aprofundar a caracterização individual de cada uma das crianças.

Criança A (menino, 6 anos) - Era uma criança meiga e sociável, sendo uma das que mais participava, oralmente, nas atividades em grande grupo. Sabia o seu nome e o das restantes crianças. Apresentava uma boa relação com os colegas e também com os adultos. Utilizava uma linguagem perceptível, formulando frases simples e com sentido. Demonstrava falta de concentração, pois distraia-se facilmente com o que a rodeava. Fazia o seu nome, mas tinha de ver e copiar. Fazia a contagem dos números até 10, mas não identificava os números sem a sua representação simbólica. Reconhecia as cores primárias e secundárias, bem como as formas geométricas mais comuns (quadrado, retângulo, círculo e triângulo). Também dominava as noções de menor, maior e igual. Cantarolava canções sem inibição. Desenhava um arco-íris e uma fada muito perceptível. Era autónoma na arrumação da sala e na hora da refeição.

Criança B (menina, 3 anos) - Era uma criança meiga, mas muito reservada. Participava pouco e, quando participava, não era muito perceptível, pois falava num tom baixo. Era autónoma e não gostava de ser ajudada na hora da refeição. Sabia o seu nome e o dos colegas à exceção de um menino. Era uma criança que brincava sempre na mesma área, nomeadamente, na área da plasticina. Na prática da educação física, se não tinha a bola que queria, chorava e não realizava os exercícios. Não identificava todas as cores primárias, apenas reconhecia o vermelho, e também o rosa e o preto. Iniciava a contagem no número 3, reconhecia o quadrado e o círculo. Identificava as relações de grandeza maior, menor e igual. Tinha noções de lateralidade, esquerda/direita e frente/trás.

Criança C (menino, 3 anos) - Era um menino meigo, mas reservado. Apresentava uma linguagem perceptível e formulava frases coerentes. Ainda não pegava no lápis em posição de pinça. Reconhecia as cores primárias e secundárias. Não sabia contar até 5. Identificava, com ajuda, as formas geométricas. Não reconhecia as noções de frente/trás, mas conhecia as de maior e menor e, quando ajudado, a noção de igual. Sabia o seu nome e o dos amigos. Era uma criança que, muitas vezes, se recusava participar nas atividades e nunca bebia o leite na hora do lanche. Quando ia brincar para as áreas, normalmente brincava sempre com o mesmo amigo, situação que gerava alguns conflitos.

Criança D (menino, 6 anos) - Era uma criança muito afetuosa e demonstrava-o através de abraços, principalmente nos adultos. Era a mais velha do grupo e integrava o



núcleo de educação especial. Era participativa e, muitas vezes, dizia aos colegas o que deviam fazer, pois tinha uma boa relação tanto com eles como com os adultos. Identificava as letras do seu nome e copiava-o, com alguma dificuldade. Identificava e quantificava os números até 6 e contava até 10. Demonstrava ser uma criança insegura, dizendo que precisava sempre de ajuda. Identificava as cores primárias e secundárias, bem como as noções de maior, menor e igual. Reconhecia o quadrado e o triângulo. Demonstrava interesse em cantar e sempre que ouvia uma música começava a cantarolar. Era uma criança autónoma na arrumação da sala e na hora da refeição.

Criança E (menino, 6 anos) - Era um menino calmo, muito participativo e assertivo nas atividades propostas. Era portador do Transtorno do Espectro Autista, sendo por isso acompanhado pelo núcleo de educação especial. Fazia o reconto coerente de histórias. Escrevia o seu primeiro nome sem ajuda e copiava o seu nome completo, desde que lhe fosse dado um modelo. Associava e contava os números até 10. Reconhecia as cores primárias e secundárias. Identificava as formas geométricas, bem como as noções de maior, menor e igual. Recorrentemente, escolhia os jogos de construção, legos ou puzzles, como atividade livre. Era uma criança autónoma na arrumação da sala e na hora da refeição.

Criança F (menino, 4 anos) - Era uma criança alegre e muito meiga. Apresentava dificuldades na linguagem, pois não era bem perceptível e pronunciava o início ou o fim das palavras de forma incorreta. Sabia o seu nome e o nome dos amigos. Demonstrava interesse em realizar desenhos. Era uma criança participativa e gostava de explicar o que estava a pensar ou o que queria dizer, revelando dificuldade em esperar pela sua vez de falar. Identificava as cores primárias e secundárias, pronunciando-as de forma incorreta. Identificava figuras geométricas, tais como o quadrado, o triângulo e o círculo. Revelava dificuldades na sequência numérica e saltava números quando contava. Era uma criança autónoma na arrumação da sala.

Criança G (menina, 4 anos) - Era uma menina muito meiga e calma. Apresentava uma boa linguagem e fazia-se entender com clareza. Sabia o seu nome e o nome dos amigos. Era um pouco reservada, mas participava acertadamente quando lhe era solicitado. Demonstrava interesse em realizar desenhos. Normalmente, brincava na casa das bonecas ou na plasticina, sempre com a mesma amiga. Reconhecia as cores primárias e secundárias, identificando o preto como *Black* (em inglês). Fazia a contagem até 10 e identificava as formas geométricas. Reconhecia as noções de à frente/atrás, era autónoma na arrumação da sala e na hora da refeição.



Criança H (menino, 3 anos) - Não frequentou a escola.

Criança I (menino, 3 anos) - Era uma criança que revelava alguma imaturidade e que perguntava constantemente pelo pai e pela mãe. Tínhamos muita dificuldade em compreender o que dizia, pois falava muito baixo e imitava o que os adultos ou os colegas diziam. Era pouco participativa nas atividades propostas. Quando a questionávamos sobre onde queria ir brincar, só dizia: “– Com os brinquedos da escola”, não identificando a área. Normalmente, escolhia a garagem, mas não se circunscrevia àquele espaço e andava sempre pela sala e por cima das mesas com os carros. Na prática de educação física, não conseguia fazer os exercícios que eram solicitados. Desenhava em forma de círculo, utilizando várias cores. Ainda não pegava no lápis em posição de pinça. Não reconhecia as cores primárias. Não dominava as noções de à frente/atrás. Não era uma criança autónoma, pois era preciso chamar a sua atenção para se sentar de forma correta na manta e necessitava de ajuda na hora da refeição.

Criança J (menina, 3 anos) - Era uma criança afetuosa e calma. Tinha muitas dificuldades na linguagem, pois pronunciava mal as palavras, o que dificultava a perceção do que dizia. Distraía-se com muita facilidade e não demonstrava muito interesse pelas atividades propostas. Não era muito participativa, e quando era solicitada a sua participação, não participava de forma assertiva. Tendia a repetir o que o adulto dizia ou o que os colegas diziam. Não identificava as cores primárias, e resumia todas elas ao amarelo e ao azul. Revelava muitas dificuldades na contagem e quando o fazia tendia para saltar a sua ordem. Não reconhecia as formas geométricas nem as noções de maior, menor e igual. Quando brincava nas áreas, fazia-o sempre com a mesma amiga.

Criança k (menino, 4 anos) - Era uma criança que participava bastante e de forma adequada nas atividades propostas. Apresentava algumas dificuldades na linguagem, na medida em que pronunciava mal o início e o final das palavras. Ainda assim, tinha um vocabulário alargado e formulava frases coerentes. Dominava as noções de à frente e atrás. Identificava as cores primárias e secundárias. Sabia contar até 10, identificava o quadrado e o círculo e, quando ajudada, identificava o retângulo e o triângulo. Reconhecia as noções de maior, menor e igual. Era uma criança autónoma na arrumação da sala e na hora da refeição.

Criança L (menino, 3 anos) - Era uma criança com um comportamento bastante especial. Quando contrariada, tendia para bater nos colegas e nos adultos, aspeto que foi melhorando com o tempo. Por outro lado, era uma criança ativa e gostava de participar,



acertadamente e oportunamente, nas atividades propostas. Apresentava uma boa linguagem. Na prática de educação física, às vezes não queria participar. Era esquerdina e ainda não pegava no lápis em posição de pinça. Identificava as cores primárias e secundárias e dominava as noções de maior e menor. Identificava o quadrado e reconhecia o círculo, apesar de o chamar de “roda”. Iniciava a contagem no número 1 mas não sabia a sequência numérica. Veio a demonstrar-se numa criança mais autónoma no que diz respeito à arrumação da sala.

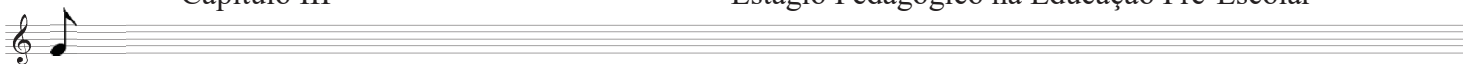
Criança M (menino, 3 anos) - Era uma criança sossegada e meiga. Geralmente só participava quando lhe era solicitado. Apresentava uma linguagem perceptível. Apesar de ter sido transferido de uma escola de Portugal Continental, demonstrava ter uma boa relação com as outras crianças e com os adultos. Sabia o seu nome, mas não sabia o nome de alguns dos colegas. Identificava algumas cores primárias e secundárias, não identificando, por exemplo, o verde. Dominava as noções de maior e menor. Não identificava as formas geométricas e não iniciava a contagem no número 1. Dominava as noções de à frente e atrás. Demonstrava preferência pela área da casa das bonecas, pois era a área que normalmente ia brincar. Era autónoma na arrumação da sala.

3.3. A Ação Educativa na Educação Pré-Escolar

Esta prática pedagógica foi desenvolvida ao longo de cinco intervenções, sendo que três delas foram individuais e duas em conjunto com o nosso par pedagógico.

Passamos agora a elencar o conjunto de todas as atividades que foram planeadas, tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) e implementadas no decorrer das intervenções que desenvolvemos em contexto da Educação Pré-Escolar.

Neste sentido, procuraremos fazer também uma análise e reflexão acerca de cada uma das intervenções em causa, cujas atividades organizámos no Quadro que se segue (ver Quadro 5), de forma cronológica, e identificando as respetivas áreas curriculares, os domínios e os subdomínios no contexto dos quais as mesmas se desenvolveram.



Quadro 5 - Síntese das Atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar

Atividades				Áreas/Domínios/Subdomínios									
				Formação Pessoal e Social	Conhecimento do Mundo	Ling. Oral e Abord. à Escrita	Matemática	Educação Física	Domínios				
									Artes Visuais	Dança	Música	Dramatização	
Intervenções	Calendarização	Número	Temas										
1.ª Intervenção	19 de novembro	A1	Exploração da História “O Mundo Marinho”										
		A2	Ilustração ambiente marinho										
	20 de novembro	A3	Visita - Picos de Aventura										
		A4	Visita – Quinta do Priolo										
		A5	Pintura sobre a visita										
	21 de novembro	A6	História - “Xico, campeão Reciclagem”										
		A7	Separação de lixo										
		A8	Canção “Planeta Azul”										
		A9	Ficha - Ecopontos										
	22 de novembro	A10	História “O peixe Encantado”										
		A11	Cenários: oceano limpo/sujo										
		A12	Elaboração da tartaruga										
	23 de novembro	A13	Visita de estudo loja dos animais										
		A14	Jogo “O que dizem os animais”										
2.ª Intervenção	3 de dezembro	A15	História “A verdadeira História do Natal”										
		A16	Construção do presépio										
	4 de dezembro	A17	Adivinhas de Natal										
		A18	Construção da árvore de Natal										
		A19	Decoração da sala: meias de Natal										
		A20	Canção “As cores de Natal”										
	5 de dezembro	A21	História “Os amigos do Pai Natal”										
		A22	Decoração da sala: Grinaldas										
		A23	Canção “As cores de Natal”										
	7 de dezembro	A24	Vídeo “O Natal das 10 Marias”										



Neste sentido, utilizámos 3 histórias, nomeadamente, “O Mundo Marinho” (A1), “Xico, o campeão da Reciclagem” (A6) e “O Peixe Encantado” (A10), recorrendo a diferentes suportes, como por exemplo o tapete narrativo, os fantoches e o livro. Assim, pretendia-se suscitar o interesse e atenção das crianças, utilizando suportes diferentes dos recursos que se utilizam tradicionalmente. Assumimos esta estratégia tendo também por base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), que nos dizem que, através de “gestos, movimentos do corpo, da expressão facial e da mobilização de objetos, a criança representa situações reais ou imaginárias que são significativas para ela” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 51).

Implementámos as Artes Visuais, mais concretamente a Expressão Plástica, através da utilização de diversas técnicas, como por exemplo, a técnica da estampagem, do sopro com palhinha, a colagem, a pintura com pinceis (A5) e tintas naturais. Considerámos ser uma mais-valia para as crianças a experimentação e exploração destes materiais. Nesta linha, ilustrou-se o ambiente aquático (A2), dois cenários do oceano (limpo/sujo) (A11) e a elaboração de uma tartaruga (A12).

Realizámos, ainda, uma visita de estudo (A13), criando uma ligação com as potencialidades oferecidas pela comunidade envolvente à escola, neste caso, um contacto próximo com animais que se encontravam numa loja da especialidade, certos de que “o contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidade para refletir, compreender e conhecer as suas características” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 57).

Realçamos também a exploração da canção “Planeta Azul” (A8) pois, com este grupo de crianças, foi notório a sua apreciação por estes momentos. Consideramos ter sido esta uma ferramenta preciosa para reforçar as suas experiências de aprendizagem no contexto desta área curricular, à qual decidimos dar realce ao longo dos nossos estágios pedagógicos. Como sabemos, “a música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 54).

Por último, realizámos um jogo que englobava as diferentes formas de deslocação dos animais, bem como os diferentes sons que lhes são característicos (A14).

De uma forma geral, esta primeira semana de intervenção foi positiva, tendo em conta que a adaptação do grupo ao par pedagógico e vice-versa foi bastante pacífico. Desta forma, as metodologias selecionadas para serem implementadas durante esta



semana toda pareceram-nos adequadas ao grupo, que respondeu de forma muito satisfatória aos desafios que lançámos, tendo resultado numa interação bastante positiva entre todos, que acabou por desencadear aprendizagens bastante diversificadas e significativas.

A **segunda intervenção** foi realizada individualmente e decorreu ao longo dos dias 3, 4, 5 e 7 de dezembro. A temática desta semana recaiu sobre o Natal e tivemos o intuito de despertar o interesse das crianças, sensibilizando-as e consciencializando-as para as particularidades desta quadra festiva, com grande significado no nosso calendário anual. Convocámos as principais tradições da nossa comunidade. Ainda no contexto desta quadra, decorámos a nossa sala de atividades com elementos construídos pelas crianças e ensaiámos uma canção para apresentar aos pais, aquando da festa de Natal, aproveitando mais uma oportunidade de explorar a música com o grupo. Ainda no contexto desta mesma temática, planificámos uma visita à Estação de Correios local, com a finalidade de entregar a carta ao Pai Natal, elaborada na sala.

A abordagem a este tema foi desenvolvida de forma gradual, ao longo dos vários dias de intervenção. Foram exploradas duas histórias, “A Verdadeira História do Natal” (A15) e “Os amigos do Pai Natal” (A21), bem como um conjunto de adivinhas Natalícias (A17). Também visualizámos um pequeno vídeo, “O Natal das 10 Marias” (A24), que nos apelava para a consciência das desigualdades existentes no mundo. Do conjunto das variadas conversas que se geraram e na sequência desta visualização, lembramos uma delas, dita pela Criança E, que desencadeou uma reação interessante no grupo. Nas suas palavras: “– Só podemos pedir um presente porque há meninos que não recebem presentes”. Realçamos este episódio, conscientes da importância que o mesmo assumiu no contexto daquela exploração, defendendo com Arends (1995) que devemos proporcionar às crianças “experiências relevantes e oportunidades de diálogo, de modo a que a construção de significados possa emergir” (p. 4). Neste caso em particular, verificámos que a mensagem foi assimilada e apreendido o verdadeiro significado da quadra festiva em causa.

Como forma de decorar a sala (A19 e A22) e também para a elaboração do presépio (A16) e da árvore de Natal (18), recorreremos às Artes Visuais, convocando as técnicas da pintura com pincéis e tinta, lápis de cera, da colagem, ou ainda da estampagem com recurso a esponja, stencil e carimbos, conscientes de que, tal como aconselham as OCEPE (2016), “as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a



educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 49).

Após a elaboração da Carta ao Pai Natal (A25), achámos pertinente entregá-la no posto de Correios mais próximo (A26) e permitir que as crianças tivessem contacto com as atividades e serviços do meio envolvente à escola. Esta foi uma atividade divertida e proveitosa pois, para além de ter sido proporcionada uma visita às instalações, foi ainda possibilitada uma interessante explicação acerca do processo pelo qual as suas cartas passariam até chegarem ao seu suposto destino.

Por último, iniciou-se a aprendizagem da canção “As cores de Natal” (A20, A23, A27). Esta atividade foi implementada ao longo de vários dias, com o intuito final de as crianças a apresentarem aos pais e familiares mais próximos por altura da festa de Natal da escola. Observámos que a aprendizagem da canção foi quase imediata. Após a leitura da letra e com apenas duas passagens pelas quadras, o grupo já cantarolava o refrão da canção, demonstrando grande gosto e entusiasmo pela mesma, aspeto que realçamos como bastante positivo, não apenas pelo pouco tempo de exploração que tiveram, mas também por ser esta uma área que nos interessava aprofundar na nossa ação educativa.

Fazendo um balanço desta segunda intervenção, ao longo destes quatro dias de prática, alcançámos todos os objetivos a que nos tínhamos proposto, com a vantagem de se terem assumido bastante positivos para toda a comunidade envolvente. Foram experiências de aprendizagem bastante ricas e diversificadas que se tornaram numa mais-valia aquando da nossa ação educativa diária pela forma como convocaram a participação das crianças, no seu processo de construção gradual do saber.

A **terceira intervenção** realizou-se novamente em conjunto com o nosso par pedagógico e decorreu entre os dias 10 e 14 de dezembro, debruçando-se, uma vez mais, sobre o tema Natal. Para dar continuidade à exploração desta temática, utilizámos a história “Os 10 desejos de Natal” (A28) e um poema natalício através do qual abordámos aspetos pertinentes relacionados com a quadra e demos algumas sugestões de desejos, com o intuito de dar asas à imaginação das crianças para as atividades seguintes.

Nesta intervenção demos maior ênfase ao domínio da Educação Artística, através da construção das prendas de Natal para as crianças (A34, A37, A39, A42), da elaboração de enfeites para a sala (A33), da construção do postal de Natal (A40), da entoação da canção de Natal (A30), da realização de uma coreografia (A31) e dos ensaios para a apresentação do trabalho de final de período aos pais, Encarregados de



Educação e familiares, no auditório da escola (A43 e A44).

Neste sentido, após a leitura da história, construímos um painel intitulado “Árvore dos desejos” (A29), contendo o desejo de cada criança, bem como dos adultos presentes na sala de atividades. Após a exploração do poema, e recorrendo ao diálogo com as crianças, descobrimos e discutimos ideias que serviram como mensagem de Natal para os pais (A32), mensagem essa que foi incluída no Postal de Natal.

Ao longo desta semana de intervenção foi necessário preparar as crianças para o projeto final e tivemos a ajuda de um pai para tocar a canção “As cores de Natal” (A35 e A36), dando-se continuidade ao trabalho já antes iniciado. Através desta exploração, não só se trabalhou a temática em questão, como se desenvolveram capacidades linguísticas e musicais, nomeadamente, em aspetos como a consciência rítmica e estética, despertando a imaginação das crianças. Além disso, a escolha desta atividade deveu-se ao facto de ser fundamental a estimulação precoce das crianças para o mundo dos sons, pois tal prática, como sabemos, transmite sensibilidade para o som e possibilita à criança descobrir as suas qualidades, e desenvolver a sua memória e atenção (Veríssimo, 2012, p. 9). Este foi um denominador comum ao longo de todo o nosso estágio, sempre que procurámos convocar a Música para as nossas sequências didáticas. O facto de podermos contar com a participação de um pai na preparação do espetáculo final, foi também uma mais-valia no que respeita ao envolvimento da família e à sua sensibilização para a importância de se trabalhar esta área curricular desde cedo.

Outro aspeto que não podemos deixar de realçar foi o facto de termos associado a dança à música, conscientes da riqueza presente nesta conexão e fundamentando-nos no facto de esta favorecer “o desenvolvimento motor, pessoal e emocional, bem como o trabalho em grupo que se organiza com uma finalidade comum.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 57). Realçamos ainda a possibilidade de interligação entre a música, a dança e a dramatização. A este propósito, Cardoso (2016) refere que, de forma particular, a Expressão Dramática contempla “as dimensões plástica, sonora, da palavra e do movimento em ação, tornando-se uma área privilegiada na educação artística” (p. 16).

Ainda integrada nesta sequência didática, foi também realizada uma visita de estudo à escola vizinha (A41) com o intuito de entregar a nossa prenda de Natal. Fizemo-lo conscientes de que as visitas de estudo promovem o “desenvolvimento das relações interpessoais, consubstanciando-se numa melhoria das relações professor/aluno; o desenvolvimento de valores e atitudes de sociabilidade, cooperação,



respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e, o desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise” (Faria, 2014, p. 35).

Ao longo desta semana, constatámos que o grupo reconheceu a importância e o verdadeiro significado do Natal, pelo sentido de partilha, a amizade e a ligação à família, sentimentos tão característicos desta época, dada a sua natureza. Notámos que a música e a dança podem e devem ser presença constante no dia-a-dia destas crianças, por serem áreas motivadoras e que convocam a componente lúdica, às quais aderiram sem reservas. Na generalidade, todos entoaram a canção sendo por vezes necessário pedir que cantassem mais alto, por forma a se explorar melhor a dinâmica musical.

Por todas estas razões, fazemos um balanço muito positivo desta terceira intervenção. Foi, sem dúvida, uma semana bastante dinâmica, cheia de significado para as crianças e de grande relevância para toda a comunidade escolar.

A **quarta intervenção** foi realizada individualmente e contemplou um só dia, o dia 16 de janeiro. Teve como área foco a Educação Física, sendo que a nossa sequência didática integrou atividades de natureza lúdica, que privilegiaram o jogo. O grupo de crianças ajudou na elaboração do jogo “Twister” (A45) para posteriormente ser aplicado com o tema dos “meios de transporte” (A47). Realizámos também o jogo do lencinho adaptado (A46).

No contexto da primeira atividade, as crianças pintaram os círculos com as cores vermelho, verde, amarelo e azul, de forma a preparar o painel do jogo. Posteriormente, exploraram o jogo alusivo aos meios de transporte, colocando as mãos ou os pés nos sítios corretos, consoante a cor atribuída previamente a cada meio de transporte.

Quanto ao jogo do lencinho adaptado, as crianças sentaram-se no chão em roda e cantaram uma lengalenga mas, em vez do tradicional lencinho, utilizámos cartões com imagens de animais ou objetos, que havíamos colocado dentro de uma sacola. O resto do jogo seguiu como habitualmente acontece no jogo original.

Estes jogos foram realizados com muito interesse, gosto e entusiasmo, pelas crianças. O facto de os terem realizado pela primeira vez também pode ter contribuído para o sucesso desta atividade que, pela sua componente lúdica, foi muito participada e bem recebida pelo grupo.

A **quinta intervenção** foi realizada individualmente e decorreu ao longo dos dias 22 a 25 e 28 a 30 de janeiro. Nesta intervenção, abordámos os temas das “profissões”, “higiene oral e pessoal” e “figuras geométricas”. Como já constava no plano de atividades, também nos dirigimos à Biblioteca para ouvir uma história (A63).



Ao longo desta sequência Didática, tivemos o prazer de receber duas mães das nossas crianças, que vieram falar sobre as suas profissões (A48 e A64). A sua presença na sala de atividades foi uma mais-valia para o grupo pois, tal como defendem Matos & Pires (1994) “a família é o primeiro e o mais importante berço do indivíduo, tendo como papel satisfazer as necessidades físicas, afectivas e sociais da criança, cumprindo também, a função mediadora entre a criança e o mundo social” (p. 30). Os mesmos autores adiantam ainda que devem existir situações que promovam a cooperação entre o jardim de infância e a família para que sejam fomentadas aprendizagens significativas nas crianças, dado que “é aceite que tanto a escola como a família são as duas principais instituições que intervêm no processo de socialização e formação do homem” (p. 30).

Para além destas duas mães, e ainda no contexto da exploração do tema das profissões, contámos ainda com a presença de duas dentistas (A62). Na sequência da sua presença na nossa sala de atividades, foi-nos possível desenvolver os quadros intitulados “Quando devemos lavar as mãos” (A50) e “Como lavar as mãos: passo a passo” (A64), reforçando assim a abordagem ao tema da higiene pessoal. Como referem Esteves & Anastácio (s.d., citados por Rema, 2017), “a higiene é essencial para a saúde individual e coletiva das crianças, seja qual for o seu contexto de vida, assim, a criação deste hábito promove e leva à preservação de uma boa higiene, entendida como um conjunto de meios para atingir o equilíbrio na saúde” (p. 3).

Através da exploração das canções “Lava as mãos” (A49), “Cheiro tão bem” (A51 e A52) e “Lavar os dentes” (A65) foi possível sensibilizar as crianças para os hábitos a assumir na nossa higiene diária, consolidando assim o tema desenvolvido. Realçamos que, através da exploração da canção “Lavar os dentes”, foi possível trabalhar alguns conteúdos musicais tais como, as dinâmicas forte/piano e o andamento rápido/lento. Fizemo-lo conscientes de que, tal como nos aconselham as OCEPE (2016) é importante “explorar as características dos sons: ritmo, melodia, dinâmica, timbre e forma” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 58).

Para além da presença das mães, abordámos o tema das Profissões recorrendo à leitura imagética do *Big Book* interativo “Livro das profissões” (A53). O grupo realizou ainda um jogo de associação entre as profissões e os objetos/utensílios pertencentes a cada profissão (A54) e um jogo de identificação dos sons de algumas profissões (A60). Também explorou a canção “Ponho-me de pé” (A55) onde se enumeravam algumas das profissões a abordar. Foi também concretizada uma dança de roda, “Dona Anica”



(A69), onde as crianças dançaram, cantaram e dramatizaram cada uma das profissões que iam aparecendo ao longo da letra da canção.

Com a vinda da nossa mãe arquiteta, demos início à exploração das figuras geométricas, no flanelógrafo, através da “História do Quadrado” (A68), da construção de um boneco e de uma casa utilizando as figuras geométricas (A67) da elaboração de um pictograma e ainda com a exploração da canção “Figuras Geométricas” (A70).

Como estes temas estavam a ser abordados ao longo dessa semana, achou-se oportuno e pertinente relacionar a profissão de músico com o conteúdo das figuras geométricas. Começou-se por demonstrar e explicar as principais características desta profissão, com recurso a pequenos vídeos (A56) que também evidenciaram algumas tradições da nossa região, tais como as que estão associadas às bandas filarmónicas, ao folclore e aos foliões do Divino Espírito Santo, proporcionando momentos de aproximação à nossa cultura musical. Fizemo-lo conscientes de que, tal como nos referem as OCEPE, “o contacto das crianças com diferentes formas e estilos musicais de várias épocas e culturas permite-lhes alargar a cultura musical, o gosto pela música e apropriar-se de saberes relativos à música” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 59). A seguir, de forma espontânea, surgiu a possibilidade de as crianças entoarem a canção “Música no Coração” (A57), enquanto a estagiária os acompanhava com a flauta de bisel. Posto isto, criou-se um momento de construção de instrumentos de percussão, recorrendo às figuras geométricas (A69), que culminou com a experimentação dos instrumentos criados, atividade que se revelou bastante estimulante para o grupo.

Foi-nos ainda possível proporcionar um momento de atividades livres (A71), de jogo (A72) e de relaxamento (A73), como forma de despedida entre o par pedagógico e o grupo de crianças.

Esta intervenção, com a qual encerrámos o nosso estágio pedagógico no contexto da Educação Pré-escolar, revelou-se bastante positiva na medida em que conseguimos envolver a família, proporcionámos atividades que cativaram as crianças e alargámos os seus horizontes musicais e culturais, convocando um misto de experiências de aprendizagem bastante significativas e marcantes para as nossas crianças.



3.4. A Música na Educação Pré-Escolar: notas sobre a nossa experiência de estágio

Feita uma abordagem geral de toda a nossa ação educativa, desenvolvida no contexto do nosso estágio na Educação Pré-escolar, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais as propostas que convocaram a área da Música que, como explicámos aquando da apresentação do nosso Quadro síntese (ver Quadro 5), sinalizámos na coluna das atividades.

No Quadro que se segue (ver Quadro 6), apresentamos todas essas atividades, agrupadas tendo por base três eixos de análise: um primeiro em que convocamos todas as atividades que envolveram a exploração de canções, um segundo em que convocamos aquelas que envolveram a exploração de instrumentos musicais e uma terceira que dedicamos às conexões sugeridas pela música, no contexto das profissões, bem como das tradições que lhe estão associadas.

Quadro 6 – Atividades que convocaram a Música na Educação Pré-Escolar

Tema	Atividades	Intervenção
A diversidade de canções	A8 Canção “Planeta Azul”	1. ^a
	A20; A23; A27; A30; A35; A38; A43; A44 Canção “As cores de Natal”	2. ^a e 3. ^a
	A49 Canção “Lava as mãos”	5. ^a
	A51 Canção “Cheiro tão bem”	5. ^a
	A55 Canção “Ponho-me de pé”	5. ^a
	A57 Canção “Música no Coração”	5. ^a
	A65 Canção “Lavar os dentes” - Andamento/dinâmica	5. ^a
À descoberta dos Instrumentos	A70 Canção “Figuras Geométricas” - Pictograma	5. ^a
	A56 Família dos instrumentos	5. ^a
	A59 Exposição e exploração de instrumentos musicais	5. ^a
O contributo das Tradições	A69 Construção de instrumentos de percussão	5. ^a
	A56 Vídeos sobre a Filarmónica/Foliões/Folclore	5. ^a
	A58 Profissão Músico - Experiências da estagiária	5. ^a
	A60 Identificação de sons: Profissões	5. ^a

Nos pontos que se seguem, exploraremos, com um pouco mais de detalhe, cada um dos eixos de análise em que agrupámos as atividades desenvolvidas no contexto da Música.



3.4.1. A Diversidade de Canções

A Música esteve sempre presente no dia a dia das nossas crianças ao longo do estágio pedagógico, tendo sido convocada de forma recorrente, quer associada às rotinas do grupo, quer em conexão com as demais áreas curriculares. Desde a canção do “bom dia” (ver Figura 7 a), à da formação do comboio para almoço, passando pelos momentos de manta, em que tanto o grupo como os estagiários lembravam e cantarolavam canções já aprendidas, ou ainda como reforço na abordagem a novos conteúdos, esta área era explorada recorrentemente, de forma espontânea ou planificada de forma mais estruturada, tirando o máximo partido das suas potencialidades individuais e da riqueza das conexões que possibilita quando a associamos às demais áreas do currículo.

Neste contexto, as canções foram talvez as nossas maiores aliadas ao longo de todo o estágio, pela diversidade de conteúdos musicais que convocaram, mas também pelo seu potencial de aproximação às outras áreas curriculares, através dos temas e conteúdos explorados nas suas letras.

Neste sentido, no mosaico que se segue (ver Figura 7), elencamos um variado e considerável leque de canções, que foram exploradas ao longo da nossa ação educativa.



Figura 7 - Exploração e entoação de canções

a) Canção dos bons dias; b) Canção “Planeta Azul” (A8); c) Dançar ao som da canção “Planeta Azul); d) Canção “Lavar as mãos” (A49); e) Canção “Cheiro tão bem” (A51); f) Exploração do pictograma para cantar a canção “Lavar os dentes” (A65); g) Canção “Ponho-me de pé” (A55); h) Ouvir a canção “Dona Anica” (A69); i) Coreografia da canção “Dona Anica”; j) Introdução da canção “Figuras Geométricas” (A70); k) Ensaio da canção “As cores de Natal” (A27); l) Apresentação da canção “As cores de Natal” (A44).

Partimos da canção “Planeta Azul”, que foi a primeira a ser explorada e apresentada ao grupo de crianças (ver Figura 7b|c). Com o refrão desta canção “Há um planeta azul/da cor do mar/planeta redondo/que está sempre a girar/chama-se Terra/onde eu posso viver/por isso eu sei/que o quero proteger” transmitimos diversos conceitos no âmbito do Conhecimento do Mundo, que se assumiram bastante importantes e significativos para as crianças. Através desta canção, foram-lhes incutidos conhecimentos de uma forma mais prática e prazerosa, sendo que também lhes foi proporcionada a oportunidade e espaço para cantarem e dançarem ao som da música.

Enquadrada nas atividades desenvolvidas em torno do tema do Natal, foi explorada a canção “As cores de Natal” (ver Figura 7k), na qual foi possível alterar a sua letra. Acrescentámos à letra tantas cores quantas as crianças que tínhamos no grupo,



aspecto que foi muito bem acolhido pelos mais pequenos, que se sentiram ainda mais motivados para cantá-la.

Esta canção deu-nos oportunidade de trabalhar as cores com algumas crianças que ainda apresentavam dificuldades na sua identificação, contribuindo assim para fortalecer outras aprendizagens, para além das que se desenvolveram no domínio da Música. Para além disso, foi também aproveitada a sua exploração para animar a atuação proporcionada pelo grupo na festa de Natal da escola, que ocorreu no dia 14 de dezembro (ver Figura 7l). As crianças apresentaram esta canção a toda a comunidade, tendo sido bastante apreciada a sua *performance*, até porque também acompanharam a letra da canção com uma coreografia que lhe era bastante apropriada.

Estes foram momentos muito enriquecedores, aspeto reconhecido, quer pelo par pedagógico e pela educadora cooperante, quer pelas próprias crianças, que aderiram de forma bastante entusiasta, sendo que pediam para entoá-la várias vezes ao dia.

Realçamos também duas canções que surgiram quando abordámos o tema da higiene pessoal e corporal. Assim, com a canção “Lava as mãos” (ver Figura 7d) transmitimos os cuidados a ter, mais concretamente, ao lavar as mãos depois de brincar, antes e depois de comer e de ir a casa de banho. Com a canção “Cheiro tão bem” (ver Figura 7e) transmitimos alguns dos hábitos que devemos ter diariamente tais como, lavar a cara, os dentes, pentear o cabelo, entre outros. Assim, com a exploração destas canções, complementada com a visualização dos seus respetivos vídeos, as crianças ficaram despertas para a temática em causa.

Ainda nesta sequência de ideias, entoou-se a canção “Lavar os dentes” (ver Figura 7f), já conhecida do grupo, momento que se traduziu numa enorme alegria e diversão, pois a letra já estava apreendida. Assim, achou-se oportuno trabalhar alguns conteúdos musicais tais como o andamento (rápido/lento) e as dinâmicas (forte/piano). Esta atividade foi bem conseguida pois, talvez devido ao contexto em que a mesma se desenvolveu, o grupo aprendeu os conteúdos e mobilizou-os consoante o solicitado.

Aquando da exploração da temática das profissões, também foi oportuno cantar a canção “Ponho-me de pé” (ver Figura 7g), que aludia a profissões como jardineira, carpinteiro e varredor, tendo sido uma forma de o grupo ficar a conhecer mais estas profissões. Aproveitámos este contexto para explorar a dança de roda “Dona Anica” (ver Figura 7h|i) na qual, além de cantar, cada criança do grupo dramatizava, à vez, a profissão enunciada na música.



Também foi oportuno construir um pictograma para entoarmos a canção “Figuras Geométricas” (ver Figura 7j). Devido ao recurso a esta estratégia, tornou-se mais fácil e apelativo a interiorização deste conteúdo matemático, que nem todas as crianças tinham presente. Com a interiorização da canção, posteriormente, as crianças identificaram e nomearam, com mais precisão e certeza, as figuras geométricas trabalhadas.

Em jeito de síntese, partilhamos aqueles que foram os denominadores comuns deste conjunto de atividades, o entusiasmo e a motivação que as crianças demonstraram, mas também o sentido e significado que se atribuiu às suas aprendizagens, quer no domínio particular da Música, quer no contexto das áreas às quais esta se conectou. Foi também possível associar estas experiências de aprendizagem à exploração de outros recursos, dos quais destacamos os instrumentos musicais, aspeto que abordaremos no ponto que se segue.

3.4.2. À descoberta dos Instrumentos Musicais

Como vimos no ponto anterior, os momentos em que explorámos as canções foram bastante ricos. No contexto da sua exploração foi também possível convocar alguns instrumentos musicais, aspeto que serviu de mote para explorar com o grupo algumas das suas famílias, tais como a família das madeiras, dos metais e da percussão.

Neste contexto, realçamos os momentos em que proporcionámos ao grupo a exploração de alguns instrumentos de percussão, tais como, maracas, pratos, pandeireta entre outros, sendo notório que aquele seria o primeiro contacto das crianças com estes instrumentos. É de notar que, ao explorarem e manusearem livremente estes instrumentos, foi visível o grau de satisfação e alegria presentes na sala de atividades.

No mosaico que se segue, mostramos todas as atividades em que foram explorados os instrumentos musicais, a que nos referimos anteriormente (ver Figura 8).



Figura 8 – Conhecer e Explorar os Instrumentos Musicais

a) Família dos instrumentos (A56); **b)** Exposição dos instrumentos de percussão; **c)** Exploração de instrumentos; **d), e)** e **f)** Experimentação da flauta de bisel; **g), h)** e **i)** Construção dos instrumentos de percussão (A69); **j)** Instrumentos de percussão construídos pelas crianças.

Após termos proporcionado ao grupo o som da flauta de bisel, e como não poderia deixar de ser, seguiu-se um momento em que todas as crianças quiseram experimentar o instrumento, que também era novo para elas (ver Figura 8d|e|f). Então, à vez, foi ensinado como colocar a boca, como respirar e, conseqüentemente, como dirigir o sopro de modo a produzir-se o pretendido som. Surpreendentemente, todos conseguiram cumprir tal façanha, após algumas tentativas. Como se compreende e seria de esperar, depois da curiosidade inicial, a sua satisfação e alegria foram contagiantes.

Por fim, e aproveitando o seu entusiasmo e a temática das figuras geométricas já trabalhada pelo grupo, achou-se importante e interessante construir instrumentos musicais de percussão (tambor, guizeira, maracas e pratos), recorrendo às figuras geométricas (ver Figura 8g|h|i). Assim, para além das crianças puderem usufruir destes instrumentos, foi também possível criar o “cantinho da música” (ver Figura 8j).



Em jeito de síntese, não podemos deixar de realçar o impacto que estas atividades tiveram no grupo. À semelhança do que aconteceu com a exploração das canções, também neste caso, encontrámos uma grande receptividade por parte das crianças, aspeto que foi para nós bastante gratificante.

3.4.3. O contributo das tradições: uma viagem proporcionada pela Música

Para além de explorarmos a Música através das canções e com recurso aos instrumentos musicais, foi ainda possível convocá-la noutros contextos, muitas vezes em conexão com outras áreas curriculares. Um bom exemplo desta realidade, verificou-se aquando da exploração da profissão de Músico, na qual também aproveitámos para dar a conhecer as nossas tradições, bem como a nossa bastante rica herança cultural. Neste sentido, proporcionámos ao grupo de crianças a visualização de pequenos vídeos sobre as filarmónicas (ver Figura 9a), com especial destaque para aquela em que, na Ilha Graciosa, desenvolvemos as competências musicais que hoje temos. Também achamos pertinente explorar vídeos em que mostrámos um grupo de foliões do Divino Espírito Santo (ver Figura 9b) e um grupo folclórico (ver Figura 9c), ambos diretamente relacionados com as tradições musicais das nossas ilhas.

Neste contexto, as crianças, para além de ficarem a conhecer algumas atividades culturais existentes na nossa sociedade, ficaram também a conhecer as particularidades do Músico. Neste caso em particular, falámos da nossa experiência pessoal, desde o momento dos ensaios, passando pelos concertos, em festas e nas tradicionais procissões. As crianças também tiveram a oportunidade de observar a farda usada pela nossa filarmónica, tendo feito questão de experimentar o casaco (ver Figura 9d|e). Conseguimos abordar também alguns conceitos musicais, como a pauta (ver Figura 9f), contando as suas 5 linhas e os seus 4 espaços, aproveitando-se a ligação à área da Matemática. Por fim, deu-se ainda a conhecer a clave de sol.

No mosaico que se segue, procuramos ilustrar alguns destes momentos, que se revelaram bastante significativos para o grupo (ver Figura 9).



Figura 9 – O tempo

a) Visualização de vídeos sobre a Filarmónica (A56); **b)** Visualização de vídeos sobre os foliões (A56); **c)** Visualização de vídeos sobre os Grupos de Folclore (A56); **d)** e **e)** Exposição da roupa da Filarmónica e suas características (A58); **f)** Pauta Musical; **g)** Apresentação da flauta de bisel; **h)** “Música no coração”; **i)** Identificação de sons (A60).

Ao trabalhar o tema das profissões, achou-se pertinente para as crianças criar um jogo de identificação de sons (ver Figura 9i). Assim, seleccionámos vários objetos associados a cada profissão (por exemplo, o secador ao cabeleireiro) e, ao ouvirem o som, as crianças teriam de adivinhar a que profissão pertencia. Esta foi uma experiência de aprendizagem bastante positiva na medida em que as crianças participaram de forma ativa e ficaram a conhecer mais sons que surgem na nossa vida quotidiana.

Do conjunto de todas as atividades que desenvolvemos neste particular, realçamos um momento bastante emocionante que decorreu de forma espontânea, após a nossa demonstração da flauta de bisel (ver Figura 9g). As crianças, apoiadas pela Educadora Cooperante e pelo nosso colega de estágio, entoaram em conjunto a “Música no Coração” (ver Figura 9h), num momento de especial cumplicidade, que se assumiu de grande relevância para nós.



Em jeito de balanço...

Feita a apresentação e análise da ação educativa desenvolvida ao longo do nosso estágio pedagógico, é importante referir que tentámos sempre ter em atenção as características e as necessidades do grupo de crianças em questão e também usufruir do vasto meio envolvente existente neste contexto de ensino.

Primeiramente, encontrámos um grupo heterógeno, onde se inseriam algumas crianças com problemas comportamentais, que destabilizavam o restante grupo, dificultando assim a implementação das atividades propostas. No entanto, esta fragilidade foi sendo ultrapassada ao longo do tempo, com a interajuda que se verificou no nosso par pedagógico, com a ajuda da educadora cooperante e com a forma como as crianças se foram entregando às nossas propostas.

No geral, as nossas intervenções foram bastante positivas, na medida em que todos os objetivos foram atingidos, quer no contexto da nossa ação educativa, quer na resposta dada pelo grupo de crianças. É de realçar que, por vezes, foi necessário alterar as nossas propostas de atividades, por ser mais vantajoso e significativo para o grupo, partindo do pressuposto de que todas as planificações poderão estar sujeitas a alterações, por forma a irmos ao encontro das necessidades do grupo, no seu processo de construção do saber.

No que concerne à utilização de materiais pedagógicos que suportaram a nossa prática pedagógica, pensamos ter usado de grande adequação na sua construção e posterior utilização. Todos foram construídos atendendo aos conteúdos a lecionar e às potencialidades defendidas por inúmeros autores, nomeadamente o facto de serem apelativos, pertinentes, duradouros e, sobretudo, eficazes na resposta aos nossos objetivos pedagógicos.

No que respeita às estratégias utilizadas ao longo das intervenções, pensamos terem sido inovadoras e criativas, criando no grupo o fator surpresa, que contribuiu para o sucesso das mesmas. Estas estratégias passaram pela utilização de diferentes suportes para cada atividade, sem nunca esquecer as conceções prévias das crianças.

A conquista maior foi verificar que houve uma evolução no grupo de crianças em diversos aspetos, tais como no interesse por participar, quer oralmente, quer na realização das tarefas propostas, na sua espontaneidade, no seu comportamento e na forma como se relacionavam, entre si, e com aqueles que foram os aprendizes de educadores.

Capítulo IV

Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico



*“A educação do homem deve
começar pela poesia,
ser fortificada pela conduta justa
e consumir-se na música”.*

Confúcio

- 4. Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico
 - 4.1. Caracterização do meio
 - 4.2. Caracterização da escola
 - 4.2.1. Caracterização da sala de aulas
 - 4.2.1.1. A organização do espaço
 - 4.2.1.2. Organização do tempo
 - 4.2.2. Caracterização da turma
 - 4.3. A Ação Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico
 - 4.4. A Expressão Musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico: notas sobre a nossa experiência de estágio
 - 4.4.1. Criação de sequências rítmicas
 - 4.4.2. Criação de padrões sonoros
 - 4.4.3. Criação do Hino de turma





Neste capítulo, à semelhança do que fizemos no capítulo anterior, propomo-nos apresentar, analisar e refletir acerca da ação educativa que desenvolvemos no nosso Estágio Pedagógico, desta vez, no âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Neste sentido, procuraremos seguir uma ordem muito semelhante àquela que norteou o nosso capítulo anterior, começando por fazer uma caracterização dos contextos de intervenção em que nos movemos, do meio, da escola, da sala e da turma, mostrando as suas características gerais e aquelas que os caracterizavam de forma mais particular. Para realizar esta caracterização foi necessário recolher e analisar os documentos orientadores da instituição, tais como o Projeto Educativo da Escola (PEE) e os processos dos alunos.

Caraterizaremos os recursos existentes, quer na sala de aula, quer na própria escola e nas suas imediações, bem como o conjunto de particularidades que resultaram da consulta dos processos individuais das crianças e da respetiva observação envolvida no estágio.

4. Estágio Pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico

4.1. Caraterização do meio

A Escola onde decorreu este estágio pedagógico pertencia ao Concelho de Ponta Delgada e estava localizada numa vila da zona norte da ilha de São Miguel. Esta vila oferecia um vasto património cultural, arquitetónico e histórico, dos quais podíamos usufruir para realizar visitas de estudo, promovendo assim a ligação entre a teoria e a prática, contribuindo para uma aprendizagem significativa dos alunos.

A nível histórico, encontrámos nos Poços de São Vicente Ferreira um local com potencial educativo, na “Fábrica de Baleação” que era um local onde se observava vestígios da caça à baleia, atividade esta que foi muito significativa para a população e para a história desta vila.

No que diz respeito ao nível socioeconómico, pudemos concluir que a principal atividade desenvolvida naquela localidade era a agricultura. Esta vila também usufruía de um museu onde se podia ver e conhecer melhor a cultura e a tradição desta zona. A Oficina-Museu de Artesanato e Ofícios era um local onde podíamos ver recriadas artes e ofícios que sofreram grandes modificações, como por exemplo: o sapateiro, o barbeiro, a papelaria, a olaria, a carpintaria, entre outros.

A heterogeneidade social económica e cultural das famílias não era acentuada,



pois existiam famílias com um bom nível de vida, assim como agregados familiares com níveis de escolaridade elevados, tendo a maior parte uma licenciatura ou mestrado.

4.2. Caracterização da escola

A Escola onde desenvolvemos o nosso estágio, funcionava tendo por base um projeto de inovação pedagógica pertencente a outra Escola da Freguesia, que pertencia ao núcleo da Quinta. Esta Quinta possuía uma área de 60 alqueires de terra, dedicados à pecuária e ao cultivo de hortícola. Este projeto integrava crianças desde a idade pré-escolar até ao 5.º ano de escolaridade, até àquele momento, e tinha como objetivo que esta população alvo aprendesse de uma maneira diferenciada. Para além disso, pretendia promover as aprendizagens de modo a que as crianças fossem capazes de desenvolver, de forma autónoma, os projetos do seu interesse.

Sendo um projeto-piloto, este contexto educativo onde nos inserimos seguia o Movimento da Escola Moderna (MEM), que pretendia a construção de uma verdadeira Comunidade de Aprendizagem. Com este modelo, esta escola tinha o intuito de alterar a dita escola tradicional, com o regime de classes, métodos simultâneos e livro único, adotando assim, estratégias de ação para uma escola alternativa à tradicional. Segundo Esteves,

a educação no movimento é entendida como um conceito que se caracteriza por apelar à confiança no potencial de cada aluno; registar positivamente os seus sucessos; possibilitar uma participação do mesmo na vida do grupo/turma, tendo uma palavra a dizer sobre o que se passa na sala de aula; e permitir o desafio constante no aprofundamento das aprendizagens. Desta forma, a avaliação é encarada como um instrumento de registo das evoluções das crianças e não como um destaque dos seus insucessos (2007, p. 193).

Nesta ordem de ideias, é importante referirmos que, no Movimento da Escola Moderna,

todo o trabalho pedagógico gira à volta das vivências, necessidades e interesses das crianças. Falar e negociar sobre tudo o que diz respeito à gestão de sala de aula, permite um envolvimento destas nas suas próprias aprendizagens. O programa, os recursos, os materiais, o tempo, a avaliação são itens discutidos e partilhados em grupo/turma (Esteves, 2007, p. 193).

Outro dos conceitos presentes neste movimento é a inclusão. A este propósito,



González, citado por Esteves, afirma que “a atenção aos pontos de partida, ritmos e estilos de aprendizagens tem como objectivo o desenvolvimento integral de todos e de cada um dos educandos” (2007, p. 193).

Podemos adiantar que este modelo tinha como princípios a cooperação, a autonomia, o trabalho de pesquisa e o trabalho diferenciado, procurando desenvolver nas crianças o sentido de responsabilidade, entreajuda, o respeito e a afetividade.

Salienta-se que este projeto tinha em consideração os princípios da Escola da Ponte e dos Projetos “Sementes para o Sucesso” e “Âncora”.

Referimos que os professores presentes nesta escola eram designados por orientadores/tutores educativos, tornando-se impulsionadores e orientadores do percurso de cada aluno. Com o intuito de os alunos se formarem como cidadãos responsáveis, autónomos e cultos, esta escola criou Grupos de Responsabilidades, tais como, “Alimentação”, “Espaços Exteriores”, “Visitas” e “Atelier”. Importa referir que estes grupos eram formados por alunos do núcleo de Iniciação (educação pré-escolar e os alunos do 1.º e 2.º anos) e pelo núcleo de Autonomia (alunos do 3.º, 4.º e 5.º ano do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico).

Esta instituição contava com 39 alunos e tinha um rácio de 13 alunos por cada assistente operacional. As crianças apresentavam um percurso escolar regular, havendo, no entanto, crianças com problemas de comportamento, falta de motivação e interesse pelas aprendizagens e, ainda, com forte absentismo escolar. O corpo docente era constituído por quatro professores/tutores e uma educadora e o pessoal não docente era composto por três auxiliares de educação.

Esta escola apresentava um único edifício, do qual faziam parte, uma sala de jardim de infância, situada no piso 0 e um salão único para o 1.º Ciclo e 2.º Ciclo, no piso inferior. Neste edifício, ainda era possível encontrar um refeitório que funcionava, em simultâneo, como espaço para dar aulas de música e para o acolhimento das crianças que iam para o ATL. Possuía ainda três instalações sanitárias, sendo uma destas adaptada para pessoas com deficiência.

Relativamente ao espaço exterior, era amplo e podíamos encontrar zonas em terra ou em cimento. Existia um campo de futebol, um quadro de ardósia, dois escorregas, uma casa da árvore, uma casa de madeira e vários troncos de madeira onde as crianças poderiam brincar livremente.



4.2.1. Caracterização da sala de aulas

A sala era constituída por um espaço com grandes dimensões, bem iluminado e arejado, pelas várias janelas existentes e pelo acesso direto para um espaço exterior através de uma porta da sala.

Este espaço encontrava-se dividido em duas salas, cuja divisão era feita através de armários. Num lado estavam os alunos de iniciação e no outro os de autonomia. Tendo em conta o número de alunos, consideramos que a sala era ampla e adequada às suas necessidades. Possuía um palco, que servia para o primeiro momento da manhã, chamado de “Roda Reflexiva”, que dispunha de diversos instrumentos musicais, como violões e tambores, e ainda, de alguns placards onde estavam dispostas mensagens de afetividade e trabalhos realizados pelos dois núcleos. Ao lado do palco, encontrava-se um pequeno lavatório que servia de apoio para os momentos de atelier e também como um espaço para gastar energias, isto é, quando os alunos estavam enervados e irritados com alguma situação, dirigiam-se até lá e “descarregavam” essas energias negativas num saco de boxe.

4.2.1.1. A Organização do espaço

Nesta sala, como podemos ver na Figura que se segue (ver Figura 10) as mesas estavam juntas em forma de retângulo, havendo uma outra mesa mais ao lado para dois alunos, uma secretária destinada à professora, um quadro de giz, vários armários com livros e dossiers dos alunos, jogos e ficheiros, várias mesas com computadores, um videoprojector e uma fotocopiadora, da qual os alunos podiam usufruir quando fosse necessário. Importa referirmos que, nas paredes, nos placards e no teto da sala, estavam expostos trabalhos realizados pelos alunos.

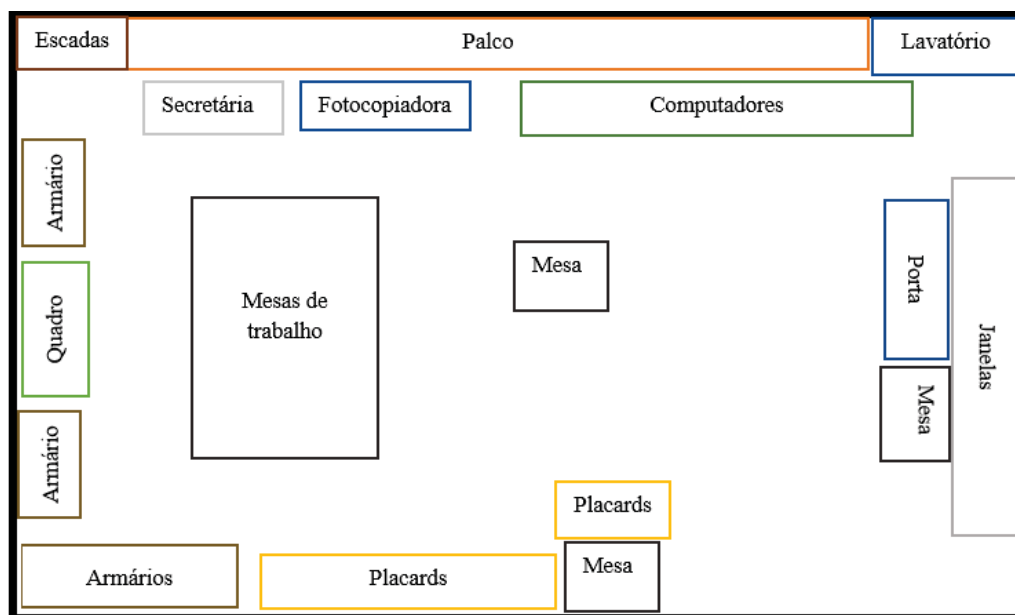


Figura 10 - Planta da sala de aulas

Salientamos ainda que, os alunos, ao chegarem à sala, dispunham de bancos para deixar as mochilas e, por baixo desses bancos, tinham caixas onde trocavam os sapatos pelas socas/suecos provocando uma melhor organização e limpeza. Visto que ao redor da escola existia muita terra, diminuía-se assim o nível de sujidade dentro da sala de aula e, acima de tudo, no palco.

4.2.1.2. Organização do tempo

A rotina dos alunos manteve-se de acordo com o horário previsto (ver anexo 6), sendo flexível e adequado às necessidades dos alunos e a outras atividades que pudessem vir a surgir.

Ao analisar o horário dos alunos, percebemos que todos os dias existia um momento de Roda Reflexiva como forma de se começar o dia de uma maneira mais relaxada e despreocupada. Existiam ainda dois dias da semana dedicados ao trabalho autónomo e ao trabalho de projeto, onde os alunos planificavam o que queriam fazer dentro das várias áreas do saber.

Notou-se que este horário não estava organizado de acordo com as diferentes áreas curriculares, no entanto, apresentava momentos de desenvolvimento curricular ou estudo onde as mesmas eram trabalhadas, conforme fosse oportuno e necessário.



Realçamos, que os alunos dispunham de um momento de atelier semanal, de Inglês e de oficina de lógica, ambos orientados por professores especializados. Para além destas atividades, alguns alunos frequentavam as aulas de guitarra, também lecionadas por um professor especializado.

Importa referir que a aula de educação física era lecionada pela professora cooperante, e pelo par pedagógico, sendo que todos os alunos do núcleo de autonomia e o 1.º e 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico frequentavam essa aula.

4.2.2. Caraterização da turma

De modo a caraterizar a turma recorreremos à observação direta realizada nas semanas de observação do nosso estágio pedagógico, ao diálogo com a professora cooperante e, ainda, à consulta de processos individuais de alguns dos alunos.

A turma em questão era composta por 7 alunos, 5 meninos e 2 meninas, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. De uma forma geral, este grupo era heterogéneo, pois apresentava três alunos no 1.º ano, sendo que um deles já trabalhava conteúdos de 2.º ano, enquanto os outros dois se encontravam em níveis diferentes de aprendizagem. O restante grupo estava no 2.º ano de escolaridade.

Na sua generalidade, o comportamento do grupo era aceitável e os alunos gostavam de trabalhar em pares ou grupos. Era um grupo desafiador e ativo, na medida em que nos punha à prova inúmeras vezes, dado os momentos de frustração, explosão e de baixa autoestima com que nos deparámos.

Após as observações e intervenções realizadas, verificou-se que os alunos não respeitavam o sinal de pedido de silêncio e o sinal para pedir a palavra.

Depois desta caraterização geral do grupo, partimos para a caraterização individual de cada aluno, por áreas curriculares. De forma a respeitarmos o anonimato dos alunos, atribuiu-se uma letra a cada um deles em substituição dos seus verdadeiros nomes.

Aluno A (menino, 6 anos) - Frequentava o 1.º ano e era uma criança que demonstrava afetividade e respeito pelos colegas e adultos. Apresentava dificuldades de concentração nos momentos coletivos e necessitava de ajuda para cumprir as suas responsabilidades, tais como a marcação de presenças, do tempo, entre outras. Também, tinha dificuldade em falar baixo e não conseguia ser autónomo no tempo de estudo.



Ao nível do Português, não distinguia palavra, sílaba e fonema, começava a escrever as palavras trabalhadas a partir do método das 28 palavras, e revelava dificuldades na formação de novas palavras. Demonstrava dificuldades em fundamentar as suas opiniões e não analisava nem elaborava um discurso, quer oral, quer escrito. Para além disso, notava-se que começava a interessar-se por descobrir palavras em livros e tentava fazer a sua leitura.

Relativamente à Matemática, ordenava sequências, com números e/ou figuras, adicionava por contagem continuada, ainda até 10, e adicionava usando o esquema todo e partes. Também era capaz, com apoio, de juntar e separar elementos, efetuava comparação direta (alto/baixo; comprido/curto) e comparação indireta com unidades de medida não convencionais. Resolvia problemas simples, com ajuda.

Notava-se um interesse pelo jogo de computador *Kan Academy*.

No Estudo do Meio, necessitava de muita orientação para a pesquisa, seleção da informação e execução do trabalho. Pudemos ainda constatar que reconhecia as características das plantas e dos animais. Pelo que nos foi dado perceber, demonstrava interesse pela leitura de um livro sobre o Planeta Terra.

Quanto à Expressão Musical e Dramática, pelo que conseguimos apurar, revelava um desempenho pouco satisfatório nas tarefas que realizou, quer de entoação de canções, quer ao nível da exploração corporal. Na Expressão Plástica, participava nos momentos de atelier de forma empenhada, nas tarefas que realizava, não demonstrando muito gosto por desenhar e pintar.

Na Educação Física, manifestava algum interesse nos percursos, circuitos e percursos na natureza, mas demonstrava uma falta de destreza motora nos jogos coletivos

Aluna B (menina, 8 anos) - Frequentava o 2.º ano, era uma das alunas mais participativas e demonstrava afetividade e respeito no seu relacionamento com os colegas e adultos. Manifestava a sua opinião nos momentos coletivos e era responsável nas suas tarefas.

Ao nível do Português, lia e interpretava textos narrativos com ajuda e escrevia textos sugeridos por imagens e/ou sequências de imagens, embora com alguma necessidade de orientação. Identificava nomes, adjetivos, verbos e determinantes artigos. Por vezes, identificava sinónimos e antónimos e nem sempre reconhecia e organizava família de palavras. Ainda com ajuda, lia e escrevia textos em banda desenhada.



Na Matemática, tinha noção de fração e comparava frações com o mesmo denominador. Também comparava e ordenava números e calculava com recurso às teias de cálculo e de algoritmos. Conhecia as horas, as meias horas e os quartos de hora e distinguia as horas e minutos. Podemos constatar que dava uma volta, meia volta e um quarto de volta e realizava percursos seguindo indicações.

No Estudo do Meio, a aluna trabalhou as características das plantas e animais, as mudanças do estado físico e as condições que as originam, bem como as vantagens e desvantagens da utilização de recursos tecnológicos. Desenvolveu, a pares e em grupo, os projetos “animais marinhos” e “veados”, em formato digital. Ainda assim, verificava-se a necessidade de orientação nas pesquisas, na seleção e na execução do trabalho.

Relativamente às Expressões Musical e Dramática, pelo que se observou, esta aluna revelou um desempenho bastante satisfatório nas tarefas de entoação de canções e exploração corporal. Na Expressão Plástica, realizava as tarefas propostas no atelier com empenho, tendo-se notado interesse pela pintura de mandalas.

Na Educação Física, participava de forma empenhada e com muita perícia, nos jogos, circuitos e percursos individuais.

Aluno C (menino, 7 anos) - Frequentava o 2.º ano e demonstrava atitudes positivas e afectivas para os colegas e restante comunidade. Ainda demonstrava pouca autonomia e persistência aquando do trabalho autónomo. Manifestava a sua opinião nos momentos coletivos.

Ao nível do Português, lia e interpretava textos narrativos, com alguma ajuda, bem como escrevia textos sugeridos por imagens e/ou sequências de imagens. Identificava nomes, adjetivos, verbos e determinantes artigos, ainda com apoio, e nem sempre reconhecia e organizava família de palavras. Identificava, por vezes, sinónimos e antónimos.

Na Matemática, apresentava a noção de fração, comparava e ordenava números. Ainda não havia memorizado a tabuada dos 6. Conhecia as horas, as meias horas e os quartos de hora, bem como reconhecia os minutos e as horas. Dominava as noções de volta, meia volta e um quarto de volta, e realizava percursos seguindo indicações dadas.

Na área do Estudo do Meio reconhecia as características das plantas e dos animais.

Desenvolveu, a pares e em grupo, os projetos “Planeta Terra” e “Estrelas”. Ainda assim, necessitava de orientação nas pesquisas, na seleção e na execução do seu trabalho.

Na Expressão Musical e Dramática, tinha um desempenho satisfatório nas tarefas



que realizava de entoação de canções e exploração corporal. Na Expressão Plástica, desenvolveu, de forma satisfatória, as tarefas de pintura e construções que lhe foram propostas no atelier. Notou-se que não revelava muito interesse pelo desenho.

Na Educação Física, participava de forma empenhada e com muita perícia, nos jogos, circuitos individuais e percursos na natureza. Demonstrava interesse pelo jogo coletivo de futebol.

Aluna D (menina, 7 anos) - Frequentava o 2.º e demonstrava afetividade e respeito no seu relacionamento com os colegas e adultos. Em alguns momentos, revelava algumas frustrações, mas já se notava alguma capacidade de as controlar. Era uma das crianças da turma que participava de forma mais oportuna e acertada.

Na área do Português, lia e interpretava textos narrativos, bem como escrevia textos sugeridos por imagens e/ou sequências de imagens. Identificava nomes, adjetivos, verbos, determinantes artigos, sinónimos e antónimos. Demonstrava interesse pela banda desenha (lia e escrevia).

Na Matemática, tinha a noção de fração e comparava frações com o mesmo denominador, comparava e ordenava números. Fazia cálculos com recurso às teias de cálculo e algoritmos. Conhecia as horas, as meias horas e os quartos de hora reconhecendo assim, as horas e os minutos. Executava uma volta, meia volta e um quarto de volta, e realizava percursos seguindo indicações.

Em relação ao Estudo do Meio, identificava as características das plantas e dos animais.

Desenvolveu, a pares e em grupo, os projetos “Estrelas” e “Veados”, este último em formato digital. Notou-se que ainda necessitava de orientação nas pesquisas, na seleção e na execução do trabalho.

Nas Expressões Musical e Dramática, revelava um desempenho muito satisfatório nas tarefas de entoação de canções e exploração corporal. Na Expressão Plástica participava de forma muito empenhada nas tarefas que realizava. Revelava muito interesse por desenhar e pintar as suas próprias criações.

Na Educação Física, manifestava interesse nos circuitos individuais e percursos na natureza, bem como algum interesse e empenho nos jogos.

Aluno E (menino, 6 anos) - Estava matriculado no 1.º ano, mas realizava e trabalhava conteúdos do 2.º ano. Revelava muita dificuldade em controlar as suas frustrações nos diversos contextos. Nem sempre demonstrava atitudes de respeito, cooperação e responsabilidade para com o grupo. Ainda tinha algumas dificuldades em



aguardar a sua vez de falar e respeitar o pedido de silêncio.

No Português, lia e interpretava textos narrativos, escrevia textos sugeridos por imagens e/ou sequências de imagens, ainda com alguma orientação. Também, identificava nomes, adjetivos, verbos e determinantes artigos, com apoio e, por vezes, sinónimos e antónimos.

Na área da Matemática, tinha a noção de fração, comparava e ordenava números e calculava com recurso às teias de cálculo e algoritmos. Também conhecia as horas, as meias horas e os quartos de hora. Dava uma volta, meia volta e um quarto de volta. E ainda, realizava percursos seguindo indicações.

No Estudo do Meio, reconhecia as características das plantas e dos animais.

Desenvolveu, a pares e em grupo, o projeto “Planeta Terra”. Ainda revelava a necessidade de orientação nas pesquisas, seleção e na execução do trabalho.

Na Expressão Musical e Dramática, revelava um desempenho satisfatório nas tarefas que realizou de entoação de canções e exploração corporal. Relativamente à Expressão Plástica, participava com muito interesse e criatividade nas tarefas que realizou: pintura e construções sobretudo na construção de guitarras com materiais reciclados.

Na Educação Física, participava de forma satisfatória e com alguma perícia, nos jogos, circuitos e percursos na natureza.

Aluno F (menino, 8 anos) - Frequentava o 2.º ano de escolaridade e revelava afetividade e respeito no seu relacionamento com os colegas e adultos. Ainda tinha algumas dificuldades em aguardar a sua vez de falar e respeitar o pedido de silêncio. No entanto, era um dos mais participativos da turma.

A nível do Português, lia e interpretava textos narrativos e escrevia textos sugeridos por imagens e/ou sequências de imagens. Identificava nomes, adjetivos, verbos, determinantes artigos, sinónimos e antónimos. Também lia e escrevia textos em banda desenhada.

Na Matemática, tinha a noção de fração e comparava frações com o mesmo denominador, também comparava e ordenava números. Calculava com recurso às teias de cálculo e algoritmos, conhecia as horas, meias horas e quartos de hora e dava uma volta, meia volta e um quarto de volta. Também realizava percursos seguindo indicações e resolvia problemas, com apoio.

No Estudo do Meio, reconhecia as características das plantas e animais, estudou as mudanças do estado físico e as condições que as originam, bem como as vantagens e



desvantagens da utilização de recursos tecnológicos. Desenvolveu, a pares e em grupo, os projetos “Robôs” e “Jesús Corona”, sendo em formato digital. Ainda necessitava de orientação nas pesquisas, na seleção e na execução do trabalho.

Na Expressão Musical e Dramática, revelava um desempenho satisfatório nas tarefas que realizou de entoação de canções e exploração corporal. Na Expressão Plástica participava no atelier de forma empenhada nas tarefas que realizava.

Na Educação Física, participava de forma empenhada e com perícia nos jogos, circuitos e percursos que realizava. Apresentava muito interesse pelo futebol.

Aluno G (menino, 6 anos) - Frequentava o 1.º ano e revelava afetividade e respeito no seu relacionamento com os colegas e adultos. Ainda demonstrava dificuldades em falar baixo, na organização dos materiais e em manter-se nas atividades coletivas. Tinha algumas dificuldades em aguardar a sua vez de falar e respeitar o pedido de silêncio.

Na área do Português, revelava curiosidade e emitia juízos valorativos face aos textos ouvidos. Compreendia os textos narrativos ouvidos e lia e escrevia pequenos textos. Distinguia palavra, sílaba e fonema, legendava imagens, elaborava listas de palavras e escrevia frases simples.

Na Matemática, conseguia ordenar sequências com números e/ou figuras, adicionava por contagem continuada, ainda até 10, e adicionava usando o esquema todo e partes. Também, juntava e separava elementos e completava uma tabela de dupla entrada, com orientação.

No Estudo do Meio, reconhecia as características das plantas e animais. Trabalhou os projetos “Lobo”; “Planeta Terra” e “Animais terrestres”, este último em formato digital. Necessitava de muita orientação para a pesquisa, seleção da informação, execução e apresentação do produto final.

Na Expressão Musical e Dramática, revelava um desempenho satisfatório nas tarefas de entoação de canções e exploração corporal. Na Expressão Plástica, participava, de forma empenhada, na realização das tarefas de pinturas e construções.

Na Educação Física, manifestava muita perícia e empenho nos jogos e percursos na natureza e menos interesse nos circuitos individuais. Apresentava muito interesse pelo jogo coletivo do futebol.



4.3. A Ação Educativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Feita uma abordagem inicial aos contextos em que nos movemos no âmbito do nosso estágio pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico, é chegada a altura de, à semelhança do que fizemos no nosso estágio anterior, nos debruçarmos em torno da nossa ação educativa.

Esta prática pedagógica foi desenvolvida ao longo de sete intervenções, sendo que as primeiras seis foram individuais e a última em conjunto com o par pedagógico.

Passamos agora a elencar o conjunto de todas as atividades que foram planeadas e implementadas no decorrer das várias intervenções, desenvolvidas tendo em conta o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como o documento “Matemática Passo a Passo”.

Também no contexto deste estágio pedagógico, e por forma a facilitar a análise e reflexão acerca das atividades que desenvolvemos, preparámos uma tabela síntese na qual as mesmas se encontram organizadas, por ordem cronológica, identificando as respetivas áreas curriculares contexto nos quais as mesmas se desenvolveram (ver Quadro 7).

Quadro 7 - Síntese das Atividades desenvolvidas no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Atividades				Áreas Curriculares							
Intervenções	Calendarização	Número	Temas	Cidadania	Estudo do Meio	Português	Matemática	Educação Física	Educação Artística		
									Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical
1.ª Intervenção	18 de março	A1	Trabalho autónomo/Trabalho de Projeto								
	19 de março	A2	Ficha unidades de medida de massa								
		A3	Confeção de um bolo								
		A4	Exploração da tabuada do 6								
		A5	G.R – Sinalética “Refeitório”								
		A6	Exploração da Banda Desenhada								
	20 de março	A7	Elaboração da Banda Desenhada em pares								
		A8	Visita à Quinta – observação das Plantas								
2.ª Intervenção	1 de abril	A9	Trabalho autónomo/Trabalho de Projeto								
	2 de abril	A10	Jogo “Robô e Comando”								
		A11	Tempo: horas e minutos								
		A12	“Hora preferida”								
		A13	Jogo – “Ponteiros Humanos”								
3 de abril	A14	Encontrar adjetivos									



	A15	Visualização de um vídeo: Ciclo da água									
	A16	Exercícios sobre o ciclo da água									
	A17	Dobragem – Ciclo da água									
	4 de abril	A18	Trabalho de projeto								
		A19	Ateliê sobre a Páscoa								
	5 de abril	A20	Apresentação de trabalhos de grupo								
	A21	Caça aos ovos da Páscoa									
3.ª Intervenção	6 de maio	A22	Trabalho autónomo/projeto								
	7 de maio	A23	Visualização de vídeos: Corpo Humano								
		A24	Puzzle do Corpo Humano								
	8 de maio	A25	Jogo da memória: Grau dos Nomes								
		A26	Jogo “ O Telefone Árabe Musical”								
		A27	Criação de sequências ritmicas								
	9 de maio	A28	Fichas: Dinheiro e medidasde capacidade								
		A29	Trabalho autónomo/projeto								
	10 de maio	A30	Apresentação de trabalhos de grupo								
A31		Sessão de Filosofia									
4.ª Intervenção	13 de maio	A32	Trabalho autónomo/projeto								
	14 de maio	A33	Ficha: Horas/Dinheiro/Capacidade								
		A34	Construção de polígonos								
		A35	Cálculo do Perímetro								
		A36	Música “Perímetro e área”								
		A37	Criação de padrões sonoros								
		A38	Formação da banda “Os Rokeiros”								
	A39	Convívio do dia da Criança									
5.ª Intervenção	31 de maio	A40	Batalha naval								
	4 de junho	A41	Visita à sala da Ciência Viva								
		A42	Retas, segmento de reta e semirreta								
		A43	Itenerários: jogo “Robô e Comando”								
		A44	Exercícios de consolidação								
		A45	Peça de teatro sobre reciclagem								
	5 de junho	A46	Exploração dos Meios de Comunicação								
		A47	Jogo do loto: Meios de Comunicação								
		A48	“3 estações” – Meios de Comunicação								
	6 de junho	A49	Fichas de consolidação sobre as retas								
A50		Trabalho autónomo/projeto									
7 de junho	A51	“Rally Paper”									
6.ª Int.	11 de junho	A52	Visita às instalações da RTP-Açores								
	12 de junho	A53	Início da criação do Hino de Turma								
		A54	Almoço oferecido pelo Mordomo								
7.ª Intervenção	17 de junho	A55	Trabalho autónomo/Projeto								
	18 de junho	A56	Visita de estudo à “Oficina-Museu”								
		A57	Conclusão da criação do Hino de Turma								
	19 de junho	A58	Visita de estudo à Quinta de Santana								
	20 de junho	A59	Exploração dos jogos da sala								
21 de junho	A60	Apresentação de trabalhos à comunidade									



Como nos é dado perceber através da leitura do Quadro, no decorrer das nossas sete intervenções foram implementadas 60 atividades, que abordaram as várias áreas curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É de referir que, para facilitar a compreensão da forma como organizámos a nossa ação educativa, e à semelhança da metodologia utilizada no Quadro síntese de atividades referente ao estágio anterior, utilizámos a cor verde para sinalizar a área que esteve em foco em cada atividade e a cor azul para as áreas que lhes estiveram associadas. Na coluna das atividades, voltámos a sinalizar todas aquelas que convocaram a Expressão Musical e que também aprofundaremos um pouco mais adiante.

A **primeira intervenção** decorreu nos dias 18, 19 e 20 de março. Nesta intervenção foram abordados conteúdos na área de Estudo do Meio, da Matemática e do Português.

Relativamente ao Estudo do Meio, abordou-se o conteúdo das Plantas, nomeadamente no que respeita às suas características. Aproveitou-se a Quinta (A8) para ir observar as plantas que lá estavam. Como era habitual recorrer a exercícios de consolidação, achou-se também conveniente continuar a implementar essa metodologia, tendo sido introduzidas fichas relativas às Plantas.

No que diz respeito à área da Matemática, para o 3.º ano, continuou-se com o estudo das unidades de medida de massa (A2). Neste contexto, os alunos confeccionaram um bolo no micro-ondas (A3), pondo em prática os conteúdos trabalhados. Para o 2.º ano, explorou-se a tabuada dos 6 (A4), em grande grupo, recorrendo às sugestões “Matemática passo a passo” e utilizando copos de iogurte e palhinhas.

Ao nível do Português, recorreu-se aos gostos pessoais de uma aluna e aproveitou-se as bandas desenhadas da biblioteca da escola para explorar as características e particularidades deste tipo de texto (A6 e A7). Optámos por esta estratégia pois defendemos com Campos (2016), que “ a motivação deve ser compreendida, apoiando o desenvolvimento de atividades que sejam consideráveis para o desenvolvimento do indivíduo que nelas se envolve. Em termos educativos, um aluno motivado encontra-se disposto para aprender, autonomamente” (p. 3).

De uma forma geral, estes dias de intervenção foram positivos. Notou-se que o grupo estava um pouco reticente ao adaptar-se à nova realidade da sala e à presença das estagiárias. No entanto, as atividades correram bem e foram significativas para a comunidade educativa.



A **segunda semana de intervenção** decorreu entre os dias 1 e 5 de abril. Assim, foram introduzidos conteúdos novos nas áreas de Estudo do Meio, da Matemática e do Português.

Iniciando na área da Matemática para o 2.º ano e como forma de abordar termos como “uma volta inteira”, “uma meia volta” e “um quarto de volta”, achou-se oportuno realizar um percurso no espaço exterior que deu origem ao jogo “Robô e Comando” (A10). Também se explorou conteúdos sobre o tempo (A11), nomeadamente as horas e os minutos, recorrendo a jogos como “Hora preferida” (A12), onde os alunos registaram a sua hora preferida no relógio analógico, e os “Ponteiros Humanos” (A13), onde os ponteiros eram os próprios alunos a marcar as horas, num relógio desenhado no chão. Neste particular, sublinhamos com Mota (2009) que “os jogos educativos com fins pedagógicos revelam a sua importância em situações de ensino-aprendizagem ao aumentar a construção do conhecimento, introduzindo propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e acção activa e motivadora, possibilitando o acesso da criança a vários tipos de conhecimentos e habilidades” (p. 33).

No que concerne ao Estudo do Meio, recorreu-se à visualização de um pequeno vídeo que explicava e demonstrava as fases presentes no ciclo da água (A15). Também se realizaram exercícios de consolidação (A16) e, em conexão com a Expressão Plástica, a técnica da dobragem, utilizada para construir os processos do tema abordado.

Quanto à área do Português e com o intuito de abordar os adjetivos, colocámos em prática o jogo “Encontrar adjetivos” (A14). Este jogo consistia em rodar uma roleta com os nomes dos colegas da turma e, ao sair um nome, o aluno tinha de adjetivar o colega em causa.

No geral, esta semana correu bem, pois tentou-se abordar os conteúdos de várias formas para captar a atenção e suscitar o interesse dos alunos nas atividades e na consequente aquisição dos conteúdos que explorámos.

A **terceira intervenção** decorreu entre os dias 6 e 10 de maio. Nesta semana, focámo-nos nas áreas de Estudo do Meio, de Português e, pela primeira vez, na Expressão Musical, área que nos interessava aprofundar e que ainda não tínhamos tido oportunidade de explorar.

Relativamente ao Estudo do Meio recorremos novamente à visualização de pequenos vídeos para abordar o Corpo Humano (A23). Nestes vídeos, os alunos visualizaram alguns processos biológicos associados às diferentes funções do corpo



humano e conheceram a função vital em cada um dos nossos órgãos. Tiveram também a oportunidade de fazer puzzles sobre este tema (A24).

No Português, abordámos os Graus dos Nomes, através do jogo da memória (A25). Os alunos tinham de atirar um dado e encontrar as palavras, no grau diminutivo e aumentativo, que lhes estavam associadas.

No que diz respeito à Expressão Musical, realizámos duas atividades sendo que a primeira foi um jogo de concentração intitulado “O telefone árabe musical” (A26), onde se transmitiu uma mensagem utilizando batimentos com as mãos. Essa mensagem tinha de passar, de aluno em aluno, e chegar ao final de forma correta. Desenvolvemos ainda uma segunda atividade, que consistiu na criação de sequências rítmicas (A27). Os alunos inventavam uma sequência e, de seguida, realizavam-na, respeitando os batimentos e o tempo definidos inicialmente. Como nos afirma Mateus (2018, p. 5) “o ritmo poderá ajudar a equilibrar o sistema nervoso e aumentar a capacidade de realizar atividades coordenadas, já que o movimento ritmado implica o desenvolvimento desta competência”. Acrescenta ainda que “estimular a realização de atividades como o cantar com gestos, dançar, ou bater palmas, permitem o desenvolvimento do sentido rítmico e coordenação motora da criança, os quais são essenciais para a aquisição de leitura e escrita” (p. 5).

Realçamos que esta semana foi bastante positiva pois, mais uma vez, tentámos diversificar as atividades e abordar os conteúdos com formas e dinâmicas diferentes, sendo mais apelativas e divertidas. Foi a primeira vez que tivemos oportunidade de explorar conteúdos da área de Expressão Musical, em momentos que se revelaram bastante enriquecedores, aspeto bastante gratificante para nós.

A **quarta intervenção** desenvolveu-se durante os dias 13 e 14 de maio. Nestes dias, trabalhou-se a Matemática com o 3.º ano, explorando-se exercícios sobre as horas, o valor do dinheiro e as medidas de capacidade (A28). No 2.º ano construímos polígonos (A34) e realizámos o cálculo do perímetro utilizando um material interativo (A35). Também foi possível introduzir a canção “Perímetro e Área” (A36) como o intuito de consolidar aprendizagens.

Ainda na área Expressão Musical tivemos um momento de criação de padrões sonoros (A37), no qual utilizámos instrumentos da escola e usufruímos do espaço exterior. Fizemo-lo conscientes de que, tal como sugere o documento “Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo”, “as qualidades sonoras de materiais e objectos são ponto de partida para jogos de exploração em que a criança selecciona, experimenta e



utiliza o som” (p. 70). Ainda sobre este propósito, defendemos com Frobisher e Threlfall, citados por Afonso e Mamede (2018), que “quando as crianças mais novas trabalham com padrões, desenvolvem a capacidade de descrever, completar e criar” (p. 6).

Após este momento, surgiu a Banda “Os Rokeiros” (A38). Este momento serviu para os alunos explorarem livremente os instrumentos musicais existentes e a sua voz, bem como para voltarem a entoar a canção explorada anteriormente.

A **quinta intervenção** decorreu no dia 31 de maio e entre os dias 4 e 7 de junho. No primeiro dia, foi proporcionado pela Junta de Freguesia um convívio alusivo ao Dia da Criança (A39). Ao longo das restantes intervenções contámos com a visita do projeto Ciência Viva (A41) e recebemos também uma peça de teatro que nos falava sobre Reciclagem (A45).

Na área da Matemática, para o 3.º ano, foi necessário explorar as coordenadas e achou-se oportuno e proveitoso fazê-lo através do jogo da “Batalha Naval” (A40). Para o 2.º ano, abordaram-se conteúdos como as retas, o segmento de reta e a semirreta (A42), através de um *Powerpoint* e de exercícios de consolidação (A49).

Na área do Estudo do Meio, iniciámos com a exploração da temática “Meios de Comunicação”, através da visualização de imagens (A46) e da exploração do jogo do loto (A47). Neste jogo, os alunos, depois de ouvirem a explicação e definição de cada meio de comunicação em causa, teriam de colocar uma tampa no sítio correspondente do cartão. Foi ainda possível criar três estações (A48), que continham diversas atividades sobre a temática que estávamos a explorar. Proporcionámos o contacto físico com os jornais/revistas/rádio/telefone, puzzles no computador e exercícios de consolidação através de palavras cruzadas e associações. Fizemo-lo conscientes da importância desta estratégia, uma vez que, nas palavras de Dias (2005, p. 126, citado por Ribeiro 2015, p. 9) com

os jogos, a criança vai aprendendo a viver em sociedade, a relacionar-se com os outros, com as regras sociais, consigo mesmo de forma a construir o seu desenvolvimento integral (...), no jogo colectivo a criança aprende o que é ganhar e perder, aprende a decidir o que é justo e o que é errado, a escolher e a ser escolhido, aprende a trabalhar valores como o respeito, a honestidade, a cooperação, a justiça ou a tolerância.

Pela primeira vez, implementámos atividades na área da Educação Física. Realizámos um “*Rally Paper*” (A51), no qual os alunos tinham de interpretar os



itinerários (conteúdo trabalhado anteriormente) para chegarem às estações que continham várias atividades, desde saltar à corda, fazer corrida de sacas, entre outras.

Mais uma vez, esta foi uma semana positiva. Foi-nos possível experimentar um novo recurso para abordar um tema na área da Matemática, nomeadamente o *PowerPoint*, tornando-se numa boa estratégia, que resultou muito bem com este grupo, na medida em que os alunos se mantiveram sempre atentos e participativos. Realçamos ainda que a criação de estações, para explorar os meios de comunicação, foi uma boa forma de trabalhar este tema, pois criou-se uma dinâmica diferente e mais ativa. A formação dos grupos contribuiu para que os alunos se ajudassem uns aos outros e demorassem mais tempo na exploração dos conteúdos em causa. Neste contexto, consideramos ter sido mais proveitoso explorarmos esta atividade em grande grupo e de forma mais interativa.

A **sexta intervenção** realizou-se nos dias 11 e 12 de junho. Como forma de complementar o tema dos Meios de Comunicação, trabalhado na intervenção anterior, achou-se essencial aproveitar a estação televisiva do Arquipélago. Fomos conhecer as suas instalações bem como o trabalho realizado na região pela RTP-Açores (A52). Fizemo-lo conscientes das potencialidades desta estratégia que, tal como defende Rebelo (2014) é considerada “uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para os alunos, que se empenham na sua realização” (p. 17). Acrescenta ainda que as visitas de estudo são “uma oportunidade de aprendizagem que proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade e favorece a aquisição de conhecimentos, promovendo a interligação entre a teoria e a prática, a escola e a realidade” (p. 17).

Como base numa melodia apreciada pelos alunos e com o recurso às palavras mágicas utilizadas na nossa escola, a afetividade, a amizade e a solidariedade, achou-se interessante conjugar duas áreas. Utilizando uma conexão entre a Expressão Musical e o Português, os alunos escreveram um texto. Este texto assumiu-se como o hino de turma (A53), seguindo a melodia, o ritmo e dinâmicas da Música selecionada. O hino foi assim criado, tendo em conta a métrica e as palavras mágicas da escola.

Concluindo, foram dois dias muito positivos e enriquecedores tanto para os alunos como para nós. A visita de estudo foi uma estratégia bem empregue pois é através do contato com a realidade que a aprendizagem se torna mais enriquecedora. Por outro lado, a criação do hino de turma superou as nossas expectativas, apesar de ter tido menos tempo do que o previsto. Os alunos aderiram bem à atividade e, embora no



princípio estivessem um pouco reticentes, com o decorrer da atividade começaram a dar ideias e a escrever.

A **sétima intervenção** foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico e realizou-se entre os dias 17 e 21 de junho. Nesta semana, tivemos duas visitas de estudo, uma delas planeada pelo par pedagógico, à “Oficina-Museu” (A56) e a outra, já agendada pela escola, como forma de comemorar o Dia da Agricultura, à Quinta de Santana (A58).

Como não tinha sido possível, na semana anterior, concluir o Hino de turma, achámos oportuno e essencial terminá-lo. Depois de concluído, os alunos tiveram oportunidade de cantá-lo (A57).

Por último, os alunos puderam voltar a explorar todos os que tinham sido implementados e que estavam presentes na sala jogos (A59) pois, como estava a terminar o ano letivo, achámos pertinente que este dia fosse diferente, mais dinâmico e descontraído. Houve ainda uma apresentação aos pais e à restante comunidade dos trabalhos realizados ao longo do período (A60).

Esta intervenção, com a qual encerrámos o nosso estágio pedagógico no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, à semelhança da experiência que já tínhamos tido no estágio anterior, revelou-se bastante positiva na medida em que conseguimos envolver a família, proporcionámos atividades que cativaram as crianças e alargámos os seus horizontes musicais e culturais, convocando um misto de experiências de aprendizagem bastante significativas e marcantes para elas.

4.4. A Expressão Musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico: notas sobre a nossa experiência de estágio

Feita uma abordagem geral de toda a nossa ação educativa, desenvolvida no contexto do nosso estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, interessa-nos agora aprofundar um pouco mais as propostas que convocaram a área da Expressão Musical, numa lógica muito semelhante à que utilizámos no contexto do nosso estágio anterior.

No Quadro que se segue (ver Quadro 8), apresentamos todas essas atividades, já sinalizadas no nosso Quadro síntese (ver Quadro 7), agrupadas tendo por base três eixos de análise: um primeiro momento que dedicámos à criação de sequências rítmicas, um segundo em que convocámos a criação de padrões sonoros e, por último, um terceiro momento reservado à criação do Hino de Turma.



Quadro 8 – Atividades desenvolvidas no âmbito da Expressão Musical no 1.º CEB

Tema	Atividade	Intervenção
Sequências rítmicas	A26 Jogo de concentração “Telefone árabe musical”	3. ^a
	A27 Criação de sequências rítmicas	3. ^a
Padrões sonoros	A37 Criação de padrões sonoros	4. ^a
Hino de turma	A53 Início da criação do hino de turma	6. ^a
	A57 Término do hino de turma	7. ^a

4.4.1. Criação de sequência rítmicas

Após a nossa observação do grupo que nos foi confiado ao longo do estágio pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi possível evidenciar uma certa tendência para a falta de concentração em determinados momentos, nomeadamente, na hora de estudo ou aula direta e nos momentos de trabalho autónomo. Nos momentos de estudo/aula direta os alunos não tinham capacidade de ouvir e estar com atenção ao que os professores estavam a transmitir. Nos momentos de trabalho autónomo, ainda se verificava muita agitação no grupo, na medida em que, após escolherem e selecionarem o que iam trabalhar, tinham dificuldade em manter-se no seu lugar, de forma calma e concentrada.

Sendo assim, achou-se oportuno recorrer ao jogo de concentração designado por o telefone árabe musical, interligando a Matemática e a Expressão Musical. Fizemo-lo conscientes de que, tal como adianta Mota (2009), “o jogo é visto como estando na origem do pensamento, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo, onde se apresenta o lúdico” (p. 23).

Nas imagens que se seguem, procuramos ilustrar a forma como o jogo se desenvolveu (ver Figura 11).



Figura 11 – Jogo de concentração “Telefone árabe musical”
a) e b) Exploração do jogo “Telefone árabe musical (A26).

O grupo sentou-se no chão formando um círculo. Um dos jogadores pensou numa canção e, sem dizer aos restantes colegas, imprimia o ritmo da primeira frase, batendo com as mãos nas costas do jogador que se lhe seguia. Este, transmitia o ritmo que havia percebido através dos toques, pelo mesmo processo, ao jogador que estava sentado ao seu lado. O jogo prosseguiu, utilizando o mesmo método, até se efectuar uma volta completa ao círculo. O último jogador que sentiu o ritmo nas costas, teve de o executar batendo-o num objeto/tambor ou simplesmente com as mãos. Finalmente, comprovava-se se havia sido esse o ritmo inicial. Jogámos várias vezes e todos os alunos tiveram oportunidade de iniciar este processo.

Este jogo de concentração permitiu que os alunos transmitissem, embora que não tenha sido através da linguagem verbal, o que estava no seu pensamento através da melodia da canção ou ritmo pensado. A este propósito, Brougère (1995, citado por Mota, 2009, p. 23), reforça que o jogo, também, é “um meio de interagir e desenvolver técnicas de comunicação com os outros. Os elementos presentes no jogo têm que conhecer uma linguagem que pode ser ou não verbal, associada a cada jogo”. Para além disso, defendemos com Alves e Brito (s.d.), que esta estratégia “desenvolve os processos psicológicos básicos necessários à aprendizagem dos conceitos matemáticos como a atenção, concentração, percepção, memória, resolução de problemas, procura de estratégias” (p. 1).

Ao iniciar o jogo de concentração o grupo ficou apreensivo. No entanto, depois dos alunos perceberem o que era para fazer e qual era o intuito do jogo, ficaram tão cativados, concentrados e interessados, que não queriam terminar e passar à atividade seguinte. Foi um momento interessante, pois a maioria dos alunos estava bastante



envolvida no jogo. Estavam focados em sentir as mãos do colega nas suas costas para que pudessem transmitir esse mesmo ritmo ao colega seguinte. Ainda assim, verificou-se que, pelo menos dois alunos, não conseguiram transmitir os batimentos que sentiram, chegando ao final uma mensagem/ritmo diferente da inicial. Entendemos que tal dificuldade poderá fundamentar-se no pouco sentido rítmico destes alunos, mas também no facto de não estarem totalmente concentrados no exercício que estavam a fazer pois, ficavam a olhar para os restantes colegas, em vez de permanecerem atentos, sossegados e calados.

Depois da realização deste jogo, os alunos tiveram um momento de criação de ritmos. Planificámos esta nova proposta conscientes das potencialidades da Expressão Musical no que respeita à exploração e reconhecimento de sons e os ritmos, bem como na liberdade que oferece para se inventar e produzir sons e, de certa forma, exprimir e partilhar sentimentos. Nesta linha de pensamento, defendemos com Willems (1970, citado por Medeiros, 2013) que “a música favorece o impulso da vida interior e apela para as principais faculdades humanas: vontade, sensibilidade, amor, inteligência e imaginação criadora” (p. 42).

Na Figura que se segue, procuramos ilustrar esta nossa proposta (ver Figura 12).

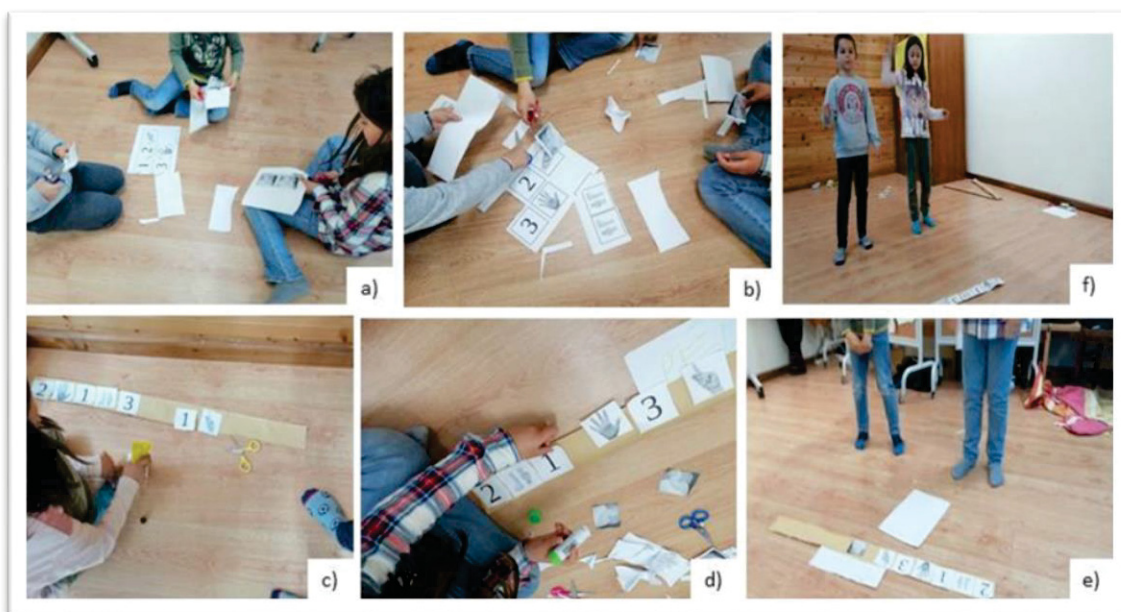


Figura 12 – Criação de sequências rítmicas

a) e b) Recorte das imagens; **c) e d)** Colagem das imagens e criação da sequência rítmica (A27); **e)** Apresentação da sequência rítmica; **f)** Execução da sequência rítmica com a entoação da lengalenga.



Numa primeira fase, selecionaram-se os alunos de forma aleatória, de modo a formar dois grupos. A seguir, cada grupo escolheu imagens correspondentes às partes do corpo que viriam a utilizar para criar as sequências rítmicas (mãos, pés, estalar dedos e bater nas pernas) e também os números que correspondiam à quantidade de vezes que convocariam aquela parte do corpo. Feita esta escolha, o grupo reuniu-se e cortou as imagens. Seguidamente, colaram-se as imagens e os números num pedaço de papel de cenário de modo a criar a respetiva sequência.

Posteriormente, os alunos contaram com algum tempo para treinarem as sequências rítmicas. A seguir, apresentaram as suas criações aos colegas. Por último, os grupos trocaram as sequências e cada um ficou com uma lengalenga diferente. Terminámos com uma nova apresentação das sequências, acompanhada pela entoação da lengalenga.

Refletindo acerca da atividade de criação de sequências rítmicas, realçamos que este foi outro momento diferente e interessante. Esperávamos uma abordagem mais receosa por parte dos alunos, por ser um momento totalmente novo, mas, surpreendentemente, correu muito bem, porque estes aderiram bem à criação e à execução das várias tarefas. Todos participaram ativamente nesta atividade, desde o recortar das imagens, à criação da sequência, ou ainda ao treino que se fez antes da sua apresentação. Nesta altura, verificou-se que três alunos, apesar de dominarem a sequência, tinham dificuldades em executá-la ao mesmo es que o restante grupo, uma vez que tendiam para acelerar e realizar os movimentos a um ritmo mais rápido, diferente daquele que era usado pelos colegas.

No que respeita à realização da sequência acompanhada pela lengalenga, um dos grupos conseguiu pronunciar a letra num ritmo adequado à sequência rítmica, mas o outro grupo não conseguiu. Neste segundo caso, todos percebemos que a lengalenga não encaixava na sequência criada pelo grupo. No entanto, os alunos optaram por reproduzir a sequência à medida que iam dizendo a lengalenga.

Em jeito de síntese, podemos concluir que estas atividades foram bastante inovadoras para o grupo de alunos, pois, permitiram que de uma forma, ativa e dinâmica, descontraída e divertida, trabalhassem não só conteúdos musicais, como o sentido rítmico, mas também a concentração, competência bastante lacunar naquele grupo. Realçamos, para terminar, a cooperação que se gerou entre toda a comunidade escolar.



4.4.2. Criação de Padrões Sonoros

Após o nosso par pedagógico ter abordado o conteúdo matemático dos Padrões, achou-se interessante e oportuno proporcionar, no âmbito da Expressão Musical, um momento de criação e reconhecimento de padrões sonoros. Como sabemos, os padrões de repetição podem ser trabalhados desde muito cedo e através deles os mais novos têm a possibilidade de continuar e construir sequências em que o padrão se repete. Este foi o pressuposto que presidiu à realização desta experiência da aprendizagem, que procurámos ilustrar no mosaico que se segue (ver Figura13).

O grupo teve a oportunidade de contactar com os instrumentos musicais, e consequentemente, identificar o timbre correspondente a cada instrumento. Salienta-se, que formaram os padrões de acordo com os critérios (ABAB), (AABB) e (ABCABC). No mosaico que se segue, pretendemos ilustrar esta realidade (ver Figura 13).



Figura 13 – Criação de padrões sonoros e “Os Rokeiros”

- a) Formação do padrão sonoro após ouvirem o som dos instrumentos (A37);
- b) Colagem das tampas de garrafa depois da verificação do padrão sonoro;
- c) e d) Criação do padrão sonoro explorando os instrumentos musicais (A37);
- e) Banda “Os Rokeiros” (A38).

Os alunos tiveram à sua disposição dois instrumentos não convencionais e cinco instrumentos convencionais, os pratos, o reco-reco, o triângulo, a guitarra e o jambé, aproveitando o facto de estes dois últimos existirem na escola. Relativamente aos instrumentos não convencionais, optou-se pelas maracas e pela guizeira, pois haviam sido construídos por alguns alunos da escola.



Primeiramente, formaram-se grupos e um dos alunos do grupo criou o padrão tocando os instrumentos, por exemplo, Tambor | Maracas | Tambor | Maracas (critério ABAB) e os restantes colegas, tinham ao seu dispor tampas de garrafa com a imagem dos respetivos instrumentos. Assim, tinham de formar o padrão associando a imagem presente na tampa ao timbre do instrumento que ouviam. De seguida, registaram esses padrões utilizando as tampas de garrafa ilustradas com os instrumentos num papel de cenário.

Esta atividade da criação de padrões sonoros correu muito bem. Os dois grupos reproduziram e identificaram os padrões bem como o som dos instrumentos. Acharmos que foi uma atividade bem-sucedida, diferente, dinâmica e divertida. Os alunos tiveram todos a oportunidade de participar, criando padrões e utilizando vários instrumentos musicais. Esta atividade, apesar de ter sido feita no exterior, resultou muito bem.

Terminada esta atividade surgiu, por iniciativa do grupo, a Banda intitulada “Os Rokeiros”. Este momento serviu para a exploração em conjunto dos instrumentos musicais e também à entoação de canções apreciadas pelo grupo. No entanto, também entoaram a canção “Perímetro e Área”, explorada anteriormente.

Apesar de não estar planificado, este último momento surgiu de forma espontânea entre o grupo e o par pedagógico. Foi muito interessante verificar a curiosidade para explorar de forma livre os instrumentos musicais e para cantarem canções que partiam do seu gosto e interesse. Realça-se também o facto de estas atividades terem sido feitas ao ar livre, mais concretamente na natureza, o que lhes deu um toque ainda mais dinâmico e divertido.

4.4.3. Criação do Hino de turma

Após conversarmos com a professora cooperante, descobrimos que a escola tinha como intenção criar um Hino, que enaltecesse a sua essência e os valores transmitidos pela comunidade educativa. Assim, e como ponto de partida para este projeto, propôs-se aos alunos que criassem um *Hino de Turma*, que posteriormente podia ser aproveitado e melhorado para ser adotado como o *Hino de Escola*.

Havendo a concordância de todos, e partindo dos interesses e gostos musicais deste grupo, sugeriu-se a Música “O Sol” como sendo a base da melodia, métrica e dinâmicas a cumprir. Posto isto, todos ouviram a música, já conhecida, e formou-se grupos para a elaboração da letra.



De seguida, em grupos, tornaram a ouvir a música até ao refrão e começaram a discutir e apresentar ideias de palavras-chaves que poderiam fazer parte da letra e, por sua vez, a construir as quadras. É de salientar que cada grupo construiu uma quadra e o refrão foi elaborado em conjunto. Este processo prolongou-se durante a intervenção seguinte. Na imagem que se segue pretendemos elucidar o leitor sobre algumas das tarefas realizadas neste particular (ver Figura 14).



Figura 14 – Criação do Hino de Turma

a) e b) Escrita do Hino de Turma; c) Entoação do Hino de Turma; d) Letra do Hino de Turma (A53).

Realça-se o facto de, nesta atividade, se ter conciliado a área do Português, nomeadamente, a escrita de texto, paralelamente à área de Expressão Musical. Como os alunos não demonstravam interesse pela escrita de texto no seu dia a dia, entendemos que, sendo esta uma forma diferente e cativante de o fazerem, fugindo ao seu habitual método de trabalho, revelou-se uma opção bastante adequada da nossa parte.

Neste contexto, esta atividade superou as expectativas de todos. Apesar de, no início, ficarem um pouco reticentes sem saberem o que iriam escrever, a adesão que se



verificou posteriormente foi bastante notória. Ao aderiram de forma positiva e entusiasmante, começaram a dar asas à sua imaginação e a escrever de forma bastante motivada.

Por último, procedeu-se à leitura silenciosa da letra do *Hino da Turma* e, posteriormente, exploraram só as quadras, sem a respetiva melodia, por forma a interiorizarem a letra. Numa fase seguinte, cantaram bastante motivados, de forma divertida e tirando o máximo partido do dinamismo da melodia da música.

Em jeito de balanço...

Feita a apresentação e análise da ação educativa desenvolvida ao longo do nosso estágio pedagógico, é importante referir que tivemos sempre o cuidado de atender às necessidades dos alunos, bem como às suas características. Uma vez mais, aproveitámos e valorizámos o meio envolvente da escola.

O grupo que nos foi confiado era heterógeno. Encontrámos crianças em diferentes anos escolares e com diferentes interesses e dificuldades. Pelo facto de nos termos confrontado com alguns alunos que tinham problemas comportamentais, tivemos a nossa ação educativa um pouco dificultada. No entanto, com o decurso da nossa prática, essas fragilidades foram ultrapassadas, dada a interajuda existente em toda aquela comunidade de aprendizagem.

No geral, as nossas intervenções foram bastante positivas, na medida em que todos os objetivos foram atingidos, quer no contexto da nossa ação educativa, quer na resposta dada pelo grupo de crianças. À semelhança do que havia acontecido no estágio anterior, é de realçar que, por vezes, foi necessário alterar as nossas propostas de atividades, por ser mais vantajoso e significativo para a turma. Ajustámos algumas das nossas propostas de planificação, por forma a explorar melhor e reforçar certos conteúdos nos quais o grupo tinha mais dificuldade.

Em relação aos materiais pedagógicos utilizados, tentámos diversificar e utilizar materiais adequados e criativos, bem como preparar atividades que fossem ao encontro do gosto e interesse dos alunos. No entanto, por ser hábito naquele contexto escolar, mantivemos a implementação de exercícios/fichas.

Por fim, foi muito satisfatório observar a evolução da turma a nível relacional, entre si e com o par pedagógico, bem como no seu interesse e aproveitamento pelas experiências de aprendizagem que fomos proporcionando. No contexto destas atividades, aquelas em que nos foi possível explorar a Expressão Musical foram as mais



gratificantes para nós. Embora em menor número que no estágio anterior, foram sem dúvida uma mais-valia para aquele grupo, que não hesitou em aderir às nossas propostas.

Considerações Finais



*“A vida é uma música e a
nossa história é a letra”.*

Autor Desconhecido



Considerações Finais

Chegámos à última etapa do nosso trabalho e ao momento de fazermos um balanço final de todo o nosso percurso no âmbito do Estágio I, na Educação Pré-Escolar e do Estágio II, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como de todas as experiências de aprendizagem que surgiram.

Neste sentido, interessa-nos convocar os objetivos à partida traçados de modo a reflectirmos sobre a eficácia dos mesmos, começando nos objetivos direcionados para a nossa ação educativa e acabando nos aspetos que acompanharam o nosso estudo empírico, que convocou o ensino da Música/Expressão Musical nos contextos formais e não formais da Ilha Graciosa.

Relativamente aos objetivos que definimos para a nossa ação educativa, que passam pela observação, planificação, implementação, avaliação e reflexão, consideramos que estes foram atingidos, tendo sido importantíssimos em todo o processo de aprendizagem. Realçamos que, em ambos os estágios, a observação foi uma ferramenta importante, pois permitiu-nos conhecer os contextos em que nos movemos e direccionar a nossa ação tendo em conta as necessidades e características de cada uma das crianças que nos foram confiadas. No que respeita à planificação das atividades e à respetiva implementação, apesar de, por vezes, surgirem contratempos e termos sentido necessidade de alterar algumas das estratégias e dinâmicas, tais experiências tornaram-se essenciais para compreendermos os reais contornos da nossa ação educativa e contribuíram para uma aprendizagem enriquecedora. No que se prende com a avaliação das crianças e à reflexão acerca de todos estes processos, foram também dois processos que estiveram sempre presentes ao longo da nossa prática, no início, durante e após cada intervenção, pois só assim conseguiríamos perceber as necessidades do grupo/turma e de cada uma das crianças, bem como melhorar as nossas metodologias.

No que concerne aos objetivos traçados para o nosso estudo podemos afirmar que foram alcançados. Ficámos muito satisfeitos por termos conseguido recolher os contributos de todos os professores titulares da Ilha Graciosa, bem como de todas as instituições dedicadas ao ensino não formal da música, aspeto que entendemos ter enriquecido bastante o nosso trabalho e elevado o nível de reflexão que ele nos proporcionou.

Relativamente ao nosso objetivo *refletir sobre o potencial educacional da música, no sentido de compreender o(s) seu(s) contributo(s), no desenvolvimento global da*



criança, todos os inquiridos, quer no contexto do ensino formal, quer no ensino não formal, foram unânimes em assumir que a Música/Expressão Musical era fulcral no desenvolvimento global da criança. Referiram que desenvolve nas crianças competências a nível cognitivo, motor, afectivo e social mas também ao nível de competências específicas relacionadas com o nível auditivo, visual, vocal e sensorial. Assumiram ainda cultivar na criança a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a responsabilidade, proporcionando não apenas prazer e bem-estar, como sendo ainda responsável por torná-la num melhor ser humano. Outra conclusão igualmente relevante, que vai ao encontro do que procurávamos, foi realçarem que a Música/Expressão Musical é uma área multidisciplinar e aglutinadora.

No que respeita ao nosso objetivo, *conhecer o papel e o lugar do ensino da Música no contexto sociocultural da ilha Graciosa*, ficamos a conhecer melhor as instituições que se dedicam à Música na ilha, bem como as atividades que desenvolvem junto das suas crianças e da comunidade. Para tal, convocámos os contributos das quatro bandas filarmónicas da ilha e da Academia Musical, onde ingressam crianças dos 6 aos 13 anos de idade. Notámos que, nestes contextos, envolvem-se também as famílias das crianças na participação, essencialmente, em concertos, matinés e audições. Um dos aspetos que já tínhamos presente e que se comprovou no nosso estudo foi o facto de, nestas instituições, tais dinâmicas se desenvolverem após o horário escolar, recaindo para períodos de final de tarde e prolongando-se pela noite, sendo este um dos maiores constrangimentos apresentados por estas associações de ensino não formal relativamente ao envolvimento e permanência das crianças nas suas atividades.

Por fim, relativamente ao nosso objetivo, *identificar as representações dos educadores e professores do ensino formal e não formal da ilha Graciosa acerca das fragilidades e potencialidades da docência, no âmbito da Expressão Musical*, apontamos que as dificuldades sentidas são descritas essencialmente pelos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas passam pela falta de formação específica para explorar esta área, mencionando, recorrentemente, a coadjuvação pelo professor especializado como uma forma de minimizar a sua assumida falta de preparação. Por outro lado, todos foram unânimes em assumir o potencial educacional desta área de expressão, quer pelos seus contributos ao serviço do desenvolvimento global da criança, quer pela forma como facilita a integração de saberes de outras áreas e domínios, quer ainda pelo dinamismo que imprime às várias rotinas da prática pedagógica diária ou



pela energia positiva, alegria e boa disposição, que empresta à nossa ação educativa diária, em todas as suas componentes.

Para além de nos ter oferecido a oportunidade de tirarmos partido das potencialidades de uma área que sempre nos motivou, acreditamos que este estudo poderá oferecer também um importante contributo no domínio da educação artística, aos profissionais de ensino, no geral, e àqueles que lecionam na Graciosa, em particular, pelas cumplicidades que encontrámos entre o ensino da Música na ilha e a sua própria história, desde os tempos de outrora, pela singularidade das suas manifestações recreativas e musicais.

Também gostaríamos de despertar na nossa comunidade escolar a importância de se trabalhar e explorar esta área curricular como um todo, ligando-a e articulando-a com as restantes áreas de saber, mas nunca a esvaziando do seu conteúdo, por forma a garantir uma ação educativa semelhante àquela que experimentámos ao longo dos nossos estágios, dinâmica, alegre e significativa para as nossas crianças.

É certo que esta viagem foi longa e por vezes atribulada, com o mar pelo meio e sempre de olhos postos na ilha que nos viu nascer e nos embalou nos primeiros acordes musicais, mas proporcionou-nos grandes aprendizagens que nos serão certamente muito úteis para o nosso futuro profissional.

Começar esta viagem na Graciosa foi um voltar a casa, à minha infância, foi sentir-me novamente criança, pequenina, para estar ainda mais disponível para aprender e para crescer, como profissional, mas acima de tudo como pessoa.

Referências Bibliográficas





Referências Bibliográficas

- Afonso, A., Mamede, E. (2018). *Brincando com padrões na Educação Pré-Escolar*. Universidade do Minho.
- Alves, R., Brito, R. (s.d) *A Importância do Jogo no Ensino da Matemática*.
- Arends, I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw- Hill.
- Barreira, N. (2009). *Música e Educação Terapêutica*. In M. Ferraz (org.). *Terapias Expressivas Integradas* (pp. 133-139). Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Boal-Palheiros, G. (2014). *A Importância da Música no Desenvolvimento e na Educação das Crianças*. In J. L. Pereira, M. F. Vieites, & M. d. Lopes, *As Artes na Educação* (pp. 207-221). Chaves: Intervenção.
- Borràs, Lluís (2001). *Os Docentes do 1º e do 2º Ciclos do Ensino Básico: Recursos e Técnicas para a Formação no Século XXI*. 4º Volume Áreas Curriculares II. Setúbal: Marina Editores.
- Campos, I. (2016). *A motivação no processo educativo: relação entre os interesses e a aprendizagem da criança*, Porto, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Cardoso, A, (2016). *Valorização da Expressão Dramática na Prática pedagógica dos educadores de infância*. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Castro, Gabriela (2011). "A arte na educação". In *Desafios dos Açores para o Século XXI*, 129-230. ISBN: 978-972-8625-21-4. Ribeira Grande: Expresso das Nove, Tinta Permanente.
- Comissão Nacional da Unesco. (2006). *Roteiro de Educação Artística*. Lisboa: Lisboa. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alfredoslopes/roteiro-para-a-educacao-artstica>
- Condessa, I. (2009). *A Educação Física na Infância. Aprender: a Brincar e a Praticar*. In I. Condessa (org.). (Re)Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade. (pp.37-49). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Costa, J.A.; Melo, A.S. (1977), "Dicionário da Língua Portuguesa" (5ª edição), p. 981. Porto: Porto editora.



- Damáσιο, A. (1995). *O Erro de Descartes*. Portugal: Publicações Europa América.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- Delors, J. (1996). *A Educação um Tesouro a Descobrir*. Porto: Edições Asa.
- Dias, I. (2005). O Lúdico: Educação & comunicação In Ribeiro, J. (2015). *Preferências Lúdicas em contexto Pré-Escolar – Perspetivas das crianças e dos pais*. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Dores, Victor Rui. (2016). *A Graciosa Ilha*. (3ª Edição). Santa Cruz da Graciosa.
- Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Esteves, L. (2007). *O Movimento da Escola Moderna – Um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar*. Revista Lusófona de Educação, 9, 192-195.
- Faria, A, (2014). *Visitas de Estudo um desafio pedagógico no ensino da história*. Viana de Castelo: Instituto Superior de Viana de Castelo.
- Fonseca, J. (2011). *A Cidadania como Projecto Educacional: uma abordagem reflexiva e reconstrutiva* (tese de doutoramento). Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas de investigação*. Loures: Lusodidata.
- Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional (1991). *Educação Artística Especializada. Preparar as Mudanças Qualitativas*. Porto: GETAP.
- Gohn, M.G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação, 14 (50), 27-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- Gordon, E. (2008). *Teoria da Aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. 3.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hentschke, L. Novos rumos da Educação Musical no Brasil. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 1, jan./fev. 1995. In Uriarte, M (2004). *Música e escola: um diálogo com a diversidade*. Editora UFPR.



- Hohmann, Mary & Weikart David P. (2004). *Educar a criança* (3ª edição); Serviço de educação Fundação Calouste Gulbenkian ; Lisboa.
- Hummes, J. (2004). Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre o ensino da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM* (11), 17-25.
- Ilari, B. (2003). *A música e o cérebro: algumas implicações do neuro desenvolvimento para a Educação Musical*. *Revista da Abem*, 9, 7-16.
- Jardim, S. M. (2017). *Da Educação e do Ensino da Educação Musical no Ensino Musical no Ensino Básico (1.ª, 2.ª e 3.º ciclos)*. Coimbra: Escola Superior de Educação/Departamento de Artes de Tecnologias.
- Jornal Oficial da União Europeia C70 – 4 de Março 2011. Conclusões do Conselho sobre o papel do ensino e da formação da estratégia Europa 2020.
- Lowenfeld. V. & Brittain, W. Lambert (1987) *Creative and Mental Growth*. New York: Macmillan Publishing Company.
- Machado, J. (Eds.) (1987). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. (Vols. 1- 5). Lisboa: Livros Horizonte.
- Martins, J. (2018). *O contributo da expressão musical na socialização de crianças com DID*, no 1.º ciclo do Ensino Básico. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Marques, J. (2013). *O Contributo da Expressão Musical nos Primeiros Anos da Educação Básica*, Angra do Heroísmo, Universidade dos Açores, Relatório de Estágio.
- Mateus, C. (2018). *Os benefícios da expressão musical no desenvolvimento de crianças com limitações cognitivas – uma intervenção com alunos do 1º CEB*. Instituto Politécnico de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Educação Especial.
- Matias, T. (2013). *Educação Não Formal – A importância das Salas de Estudo*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Matos, A. & Pires, J. (1994). *Escola, Pais e Comunidade: Construção de Comunidades de Interesses*. Porto: Publicações Politeama.



- Medeiros, C. (2013). *A Música como Recurso Lúdico para Aprender*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores. Relatório de Estágio.
- Mendes in Martins, José Gabriel da Cunha. (2012) *Cantigas da Minha Terra*. Ilha Graciosa.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Departamento da Educação Básica.
- Monteiro, F. (1997). *Interpretação e Educação Musical*. Porto: Fermata Editora.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Mota, P. (2009). *Jogos no Ensino da Matemática*. Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Dissertação Mestrado em Matemática/Educação.
- Pacheco, Norberto da Cunha. (1997). *Tradições Musicais da Ilha Graciosa*. Santa Cruz da Graciosa.
- Pereira; J. L., Vieites, M.F. & Lopes, M. S. (2014). Prefácio. In J. L. Pereira, M. F. Vieites, & M. d. Lopes, *As artes da Educação*. Chaves: Intervenção.
- Pita, D. (2018). *Crescer com Arte: Da importância das expressões musical e dramática no ensino básico*. Coimbra: Departamento de Artes e Tecnologias da Escola Superior de Educação.
- Read, H. (1958). *A Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rebelo, B. (2014). *Visitas de Estudo: Um Estratégia de Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Rema, D (2017). *Vamos lavar as mãos! Um Estudo sobre a Aquisição de Hábitos de Higiene em Creche*. Instituto Superior de Educação e Ciências. Lisboa.
- Rodrigues, H. & Rodrigues P. M. (2014). *Arte de Ser professor. O projeto musical e formativo Grande Bichofonia*. Lisboa: Editorial Vasco Rosa.
- Roths, L. (2005). *Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos – lógicas de apropriação local num contexto político-institucional redefinido*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.



- Sant'Anna, I. M., & Menegolla, M. (1991). *Didática: Aprender a Ensinar*. São Paulo: Edições Loyola.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Silva, Luís Filipe Medina. (2019). *A Música na Sociedade Graciosense: das Filarmónicas à Academia Musical. Um contributo para a sua História*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado.
- Silva, M. Isabel Ramos. (1997) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*; Ministério da Educação; Lisboa.
- Silva, P. (2012). *A Música como veículo promotor de ensino e aprendizagens*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, Relatório de Estágio.
- Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação*. (3.º Volume). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, J. (2014). *Ensino da Música em Contexto Formal e Contexto Não Formal*. Coimbra: Escola Superior de Educação.
- Torres, Rosa Maria (1998). *As canções Tradicionais Portuguesas no ensino da Música*. Contribuição da metodologia de Zoltán Kodály. Lisboa: Editorial Caminho.
- Veríssimo, I. (2012). *A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio, Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Educação de Beja, Beja.

Anexos



Anexo 1 – Guião do Questionário para Educadores e Professores 1.º

CEB

Guião – Inquérito por Questionário dos Educadores e Professores 1.º Ciclo do Ensino Básico		
Objetivos	Tópico	Questões
Conhecer o contexto em que se insere o respondente	Identificação do respondente	✓ Nome completo
		✓ Sexo
		✓ Tempo de serviço docente (até 31 de agosto de 2020)
		✓ Escola onde lecciona
		✓ Nível de ensino em que leciona
		✓ Indique o nível/os níveis em que lecionou neste ano lectivo
		✓ Com quantos alunos trabalhava habitualmente ao longo deste ano letivo?
Aferir a exploração e a importância da Música/Expressão Musical nas escolas	A Música/Expressão Musical na ação educativa diária	✓ Costuma explorar a Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias? Se respondeu NÃO, explique porquê. Se respondeu SIM, diga com que frequência o faz: Todos os dias/Pelo menos uma vez por semana/No(s) período(s) contemplado(s) no horário semanal/Uma vez por período/Uma vez por ano
		✓ Qual o horário semanal (dia e hora) estipulado para a prática da Música/Expressão Musical?
		✓ Em que circunstâncias costuma explorar a Música/Expressão Musical? Isoladamente/Forma integrada/dias/épocas especiais/festas de final de ano
		✓ De que forma são organizadas/acompanhadas as crianças nas atividades de Música/Expressão Musical? Individualmente/A pares/Em pequenos grupos/Em grande grupo
		✓ Costuma utilizar/disponibilizar alguns recursos aquando da exploração da Música/Expressão Musical com as crianças? Se respondeu SIM, indique que recursos costuma disponibilizar com mais frequência: Instrumentos/Recursos áudio/Outros (quais)
		✓ Apresente algum(uns) exemplo(s) de atividades que explore com mais frequência na área de Música/Expressão Musical
		✓ Costuma envolver as famílias das crianças nas atividades de Música/Expressão Musical? Se respondeu sim, apresente algum(uns) exemplo(s) de atividades desta área em que tenha envolvido as famílias
Conhecer as potencialidades e as fragilidades dos educadores e professores na leccionação da Música/Expressão Musical	Potencialidades e fragilidades na Exploração da Música/Expressão Musical nas práticas educativas diárias	✓ Tem sentido alguma dificuldade na exploração da Música/Expressão Musical nas suas práticas educativas diárias? Se respondeu SIM, indique que dificuldades tem sentido. O que tem feito para contrariar essas dificuldades?
		✓ Considera que a Música é importante para o desenvolvimento global das crianças? Justifique a sua resposta anterior
		✓ Se pudesse resumir numa só frase os benefícios da Música/Expressão Musical para as crianças, que frase escolheria?
		✓ Se tivesse poderes para alterar a forma como a Música/Expressão Musical é explorada nas nossas escolas, que medidas tomaria?
		✓ Se pudesse aconselhar um futuro Educador/Professor sobre a melhor forma de explorar Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

Anexo 2 – Guião do Questionário para as Instituições

Guião – Inquérito por Questionário às Instituições		
Objetivos	Tópico	Questões
Conhecer os contextos não formais que convocam a Música	Quem somos e com quem trabalhamos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Designação da instituição/coletividade/associação ✓ Nome completo do respondente ✓ Profissão/atividade profissional ✓ Função do respondente na instituição/coletividade/associação ✓ Quantas crianças frequentam presentemente a vossa instituição/coletividade/associação? Em que faixa etária se inserem essas crianças? Existe algum método de seleção na entrada das crianças na instituição/coletividade/associação? Se respondeu SIM, indique qual. ✓ Em média, durante quantos anos as crianças permanecem na instituição/coletividade/associação? Menos de um ano/1 ano/2 anos/3 anos/4 anos/5 ou mais anos ✓ As crianças costumam abandonar a(o) vossa(o) Instituição/Grupo/Associação? Se respondeu SIM, indique os principais motivos que levam à saída das crianças ✓ Costumam envolver as famílias das crianças nas atividades musicais que desenvolvem? Se respondeu SIM, apresente algum(uns) exemplo(s) destas atividades em que tenha envolvido as famílias
Entender o funcionamento das Instituições no âmbito da Música	O lugar da Criança na instituição/coletividade/associação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Qual o horário praticado pela sua instituição/coletividade/associação? (referir distribuição horária entre aulas, ensaios, etc.) ✓ De que forma são acompanhadas as crianças nas atividades realizadas pela instituição/coletividade/associação? Individualmente/A pares/Em pequenos grupos/Em grande grupo ✓ Costumam utilizar/disponibilizar alguns recursos aquando da exploração das atividades musicais desenvolvidas com as crianças? Se respondeu SIM, indique que recursos costumam disponibilizar com mais frequência: Instrumentos/Recursos áudio(Outro (quais)) ✓ Apresente algum(uns) exemplo(s) de dinâmicas/tarefas que explorem com mais frequência no âmbito das atividades musicais que desenvolvem com as crianças. ✓ Quais as principais capacidades/competências que procuram desenvolver nas crianças que vos são confiadas? ✓ Se pudessem resumir em poucas palavras a vossa missão junto das crianças que vos são confiadas que aspetos realçaria?
Perceber as potencialidades, fragilidades e desafios dos contextos não formais	Potencialidades, fragilidades e desafios na exploração das atividades musicais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Têm sentido alguma dificuldade na exploração das atividades musicais com crianças nas dinâmicas e rotinas de trabalho que desenvolvem? Se respondeu SIM, indique que dificuldades têm sentido. O que têm feito para contrariar essas dificuldades? ✓ Considera que a música é importante para o desenvolvimento global das crianças? Justifique a sua resposta anterior. ✓ Se pudesse resumir, numa só frase, os benefícios da Música para as crianças, que frase escolheria? ✓ Se pudesse melhorar a forma como a Música é explorada na vossa associação/instituição/coletividade, que medidas tomaria? ✓ Se tivesse poderes para alterar a forma como a Música é explorada nas nossas escolas, que medidas tomaria? ✓ Se pudesse aconselhar um futuro Educador/Professor sobre a melhor forma de explorar Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

Anexo 3 – Questionário aplicado aos Educadores e aos Professores do 1.º CEB



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Questionário

Este questionário surge no contexto de um trabalho de investigação desenvolvido pela mestranda Patrícia da Cunha Silva, no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, promovido pelo Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, sob orientação científica do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

Nesta pesquisa pretende-se compreender o papel e o lugar da música no desenvolvimento da criança, em contextos de aprendizagem formais e não formais.

Será garantida a confidencialidade das suas respostas, cujo conteúdo permanecerá apenas à disposição da responsável pela pesquisa.

Antecipadamente grata pela colaboração.

A mestranda,

Patrícia da Cunha Silva

Identificação

1. Nome completo: _____

2. Sexo:

Feminino _____

Masculino _____

3. Tempo de serviço docente (até 31 de agosto de 2020): _____

4. Escola onde lecciona:

EB1/JI da Praia _____

EB1/JI da Luz _____

EB1/JI de Guadalupe _____

EB1/JI de Santa Cruz _____

Creche e Jardim de Infância “O Balão” _____



5. Nível de ensino em que lecciona:

Pré-Escolar _____

1.º Ciclo do Ensino Básico _____

6. Indique o nível/os níveis em que lecionou neste ano lectivo:

Creche _____

3 anos _____

4 anos _____

5 anos _____

1.º ano _____

2.º ano _____

3.º ano _____

4.º ano _____

Apoio educativo _____

Outro (qual?) _____

7. Com quantos alunos trabalhava habitualmente ao longo deste ano letivo? _____

A Música/Expressão Musical na ação educativa diária

8. Costuma explorar a Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias?

Sim ___

Não ___

8.1 Se respondeu NÃO, explique porquê. (Clique em seguinte e passe para a secção 4)

8.2 Se respondeu SIM, diga com que frequência o faz:

Todos os dias _____

Pelo menos uma vez por semana _____

No(s) período(s) contemplado(s) no horário semanal _____

Uma vez por período _____

Uma vez por ano _____

9. Qual o horário semanal (dia e hora) estipulado para a prática da Música/Expressão Musical?



10. Em que circunstâncias costuma explorar a Música/Expressão Musical? (escolha a(s) opção(ões) que melhor se adequam às suas práticas)

Exploro a Expressão Musical isoladamente _____

Exploro a Expressão Musical de forma integrada (associada a outras áreas do currículo)

Exploro a Expressão Musical em dias/épocas especiais _____

Exploro a Expressão Musical em festas de final de ano _____

Outro (qual?) _____

11. De que forma são organizadas/acompanhadas as crianças nas atividades de Música/Expressão Musical? (indique a modalidade que utiliza com mais frequência)

Individualmente _____

A pares _____

Em pequenos grupos _____

Em grande grupo _____

12. Costuma utilizar/disponibilizar alguns recursos aquando da exploração da Música/Expressão Musical com as crianças?

Sim _____

Não _____

12.1 Se respondeu SIM, indique que recursos costuma disponibilizar com mais frequência:

Instrumentos _____

Recursos áudio _____

Outros (quais) _____

13. Apresente algum(uns) exemplo(s) de atividades que explore com mais frequência na área de Música/Expressão Musical.

14. Costuma envolver as famílias das crianças nas atividades de Música/Expressão Musical?

Sim _____

Não _____

14.1 Se respondeu sim, apresente algum(uns) exemplo(s) de atividades desta área em que tenha envolvido as famílias.



Potencialidades e fragilidades na Exploração da Música/Expressão Musical nas práticas educativas diárias

15. Tem sentido alguma dificuldade na exploração da Música/Expressão Musical nas suas práticas educativas diárias?

Sim ____

Não ____

15.1 Se respondeu SIM, indique que dificuldades tem sentido.

15.2 O que tem feito para contrariar essas dificuldades?

16. Considera que a Música é importante para o desenvolvimento global das crianças?

Sim ____

Não ____

16.1 Justifique a sua resposta anterior.

17. Se pudesse resumir numa só frase os benefícios da Música /Expressão Musical para as crianças, que frase escolheria?

18. Se tivesse poderes para alterar a forma como a Música/Expressão Musical é explorada nas nossas escolas, que medidas tomaria?

19. Se pudesse aconselhar um futuro Educador/Professor sobre a melhor forma de explorar Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

Anexo 4 – Questionário aplicado às Instituições



UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Questionário

Este questionário surge no contexto de um trabalho de investigação desenvolvido pela mestranda Patrícia da Cunha Silva, no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, promovido pelo Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, sob orientação científica do Prof. Doutor Adolfo Fialho.

Nesta pesquisa pretende-se compreender o papel e o lugar da música no desenvolvimento da criança, em contextos de aprendizagem formais e não formais.

Será garantida a confidencialidade das suas respostas, cujo conteúdo permanecerá apenas à disposição da responsável pela pesquisa.

Antecipadamente grata pela colaboração.

A mestranda,

Patrícia da Cunha Silva

Quem somos e com quem trabalhamos

1. Designação da instituição/coletividade/associação: _____

2. Nome completo do respondente: _____

3. Profissão/atividade profissional: _____

4. Função do respondente na instituição/coletividade/associação: _____

5. Quantas crianças frequentam presentemente a vossa instituição/coletividade/associação? _____

5.1 Em que faixa etária se inserem essas crianças?

0 a 2 anos _____

3 a 5 anos _____

6 a 10 anos _____

11 aos 13 anos _____

5.2 Existe algum método de seleção na entrada das crianças na instituição/coletividade/associação?

Sim _____

Não _____

5.2.1 Se respondeu SIM, indique qual: _____

6. Em média, durante quantos anos as crianças permanecem na instituição/coletividade/associação?

Menos de um ano _____

1 ano _____

2 anos _____

3 anos _____

4 anos _____

5 ou mais anos _____

7. As crianças costumam abandonar a(o) vossa(o) Instituição/Grupo/Associação?

Sim _____

Não _____

7.1 Se respondeu SIM, indique os principais motivos que levam à saída das crianças:

8. Costumam envolver as famílias das crianças nas atividades musicais que desenvolvem?

Sim _____

Não _____

8.1 Se respondeu SIM, apresente algum(uns) exemplo(s) destas atividades em que tenha envolvido as famílias:

O lugar da Criança na instituição/coletividade/associação

9. Qual o horário praticado pela sua instituição/coletividade/associação? (referir distribuição horária entre aulas, ensaios, etc.)



10. De que forma são acompanhadas as crianças nas atividades realizadas pela instituição/coletividade/associação? (indique a modalidade que utilizam com mais frequência)

Individualmente _____

A pares _____

Em pequenos grupos _____

Em grande grupo _____

11. Costumam utilizar/disponibilizar alguns recursos aquando da exploração das atividades musicais desenvolvidas com as crianças?

Sim _____

Não _____

11.1 Se respondeu SIM, indique que recursos costumam disponibilizar com mais frequência:

Instrumentos _____

Recursos áudio _____

Outro (quais) _____

12. Apresente algum(uns) exemplo(s) de dinâmicas/tarefas que explorem com mais frequência no âmbito das atividades musicais que desenvolvem com as crianças.

13. Quais as principais capacidades/competências que procuram desenvolver nas crianças que vos são confiadas?

14. Se pudessem resumir em poucas palavras a vossa missão junto das crianças que vos são confiadas que aspetos realçaria?

Potencialidades, fragilidades e desafios na exploração das atividades musicais

15. Têm sentido alguma dificuldade na exploração das atividades musicais com crianças nas dinâmicas e rotinas de trabalho que desenvolvem?

Sim _____

Não _____



15.1 Se respondeu SIM, indique que dificuldades têm sentido:

15.2 O que têm feito para contrariar essas dificuldades?

16. Considera que a música é importante para o desenvolvimento global das crianças?

Sim _____

Não _____

16.1 Justifique a sua resposta anterior.

17. Se pudesse resumir, numa só frase, os benefícios da Música para as crianças, que frase escolheria?

18. Se pudesse melhorar a forma como a Música é explorada na vossa associação/instituição/coletividade, que medidas tomaria?

19. Se tivesse poderes para alterar a forma como a Música é explorada nas nossas escolas, que medidas tomaria?

20. Se pudesse aconselhar um futuro Educador/Professor sobre a melhor forma de explorar Música/Expressão Musical nas suas práticas diárias, que conselhos lhe daria?

Anexo 5 – Entrevistas temáticas**Entrevista temática para professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Na sua resposta ao questionário referiu dificuldades no ensino da Expressão Musical, nomeadamente, na necessidade de formação específica para o mesmo, tendo referido a coadjuvação como uma forma de colmatar essa dificuldade. Pedimos que desenvolva um pouco mais a sua opinião sobre esta matéria, realçando as suas implicações tanto na sua ação educativa diária como em eventuais benefícios para as crianças.

Entrevista temática para educadores

Ao longo da nossa análise, notámos que lamenta a reduzida carga horária destinada à Música... Na sua opinião, qual seria a carga horária mais adequada à exploração desta área na Educação Pré-escolar?

Também falou na escassez de materiais/recursos... Na sua opinião, o que é que precisa de ser melhorado neste contexto?

Entrevista temática à instituição bandolim

Adiantou-nos que neste ano letivo a vossa instituição contou apenas com crianças a partir dos 6 anos de idade. Aconteceu apenas este ano ou costumam proporcionar momentos de exploração musical com bebés e crianças até 6 anos?

Se sim, fale-nos um pouco sobre o potencial dessas atividades, realçando a sua importância para o desenvolvimento global da criança, bem como a forma como envolviam a família neste processo...

Anexo 6 – Horário**Horário do Núcleo da Iniciação**

HORA/DIA	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09h00	Roda Reflexiva	Roda Reflexiva	Roda Reflexiva	Trabalho Autônomo	Roda Reflexiva
09h30	Trabalho Autônomo	Inglês	Ateliê	Trabalho Autônomo	Desenvolvimento curricular
10h30	Lanche				
11h00	Trabalho Autônomo	Desenvolvimento curricular / Oficina de Música	Desenvolvimento Curricular	Trabalho Autônomo	Desenvolvimento curricular / Oficina de Música
12h30	Almoço				
13h30	Trabalho Autônomo	Desenvolvimento curricular	Desenvolvimento curricular	Trabalho Autônomo	Educação Física
14h15	Trabalho Autônomo	Grupos de Responsabilidade	Oficina de Lógica	Trabalho Autônomo	Desenvolvimento curricular
14:45 15:00	Avaliação do plano do dia				

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal